

Dados da Licença:

[a rel="license" href="http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/">></a><br/>Esta obra está licenciada sob uma <a rel="license" href="http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/">Licença Creative Commons</a>](http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/)

## **A Medida das Saudades**

### **Geraldo Pereira**

**Recife, 2006**

EDITORA

Ficha  
catalográfica

Aos que me ensinaram a não desistir nunca.  
Àqueles com os quais aprendi a cultivar  
as minhas saudades



# Sumário

---

<b>Apresentação .....</b>	<b>7</b>
<b>Prefácio .....</b>	<b>9</b>
Tragam as Vasilhas .....	11
Preciosos Alfarrábios .....	13
Assum Preto .....	15
Floresta dos Leões .....	17
O Altar dos Rochedos .....	21
Encontros e Reencontros .....	23
Tampa-de-Chaleira .....	27
Tipos do Recife .....	29
Macaxeira Rosa .....	33
Consertador de Panelas .....	35
Pregões do Recife .....	37
Uma Sociologia do Parque .....	41
Sociologia da Gafieira .....	43
Sociologia do Mercado Público .....	45
O Doidinho da Católica .....	47
Prenome e Cognome .....	49
No Mundo da Lua .....	51
Mordomia Extravagante .....	53
Quarto de Hotel .....	55
Um Papa Tupiniquim .....	59
O Tio do Boy .....	61
Riso Sardônico .....	63
O Trem Bala .....	65
Cerejeiras Desfolhadas .....	67
Em Tempos Assim .....	71
O Texto e o Vírus .....	73
Cão sem Gravata .....	77
O Mata-Borrão .....	79
A Porta do Avião .....	83

O Gordo e o Magro .....	85
O Gordo e o Código.....	89
Contrastes do Cotidiano .....	91
Fiando Conversa .....	93
O Big Brother e outros Horrores .....	95
A Mangueira e a Cerejeira .....	97
A Medida das Saudades .....	99
Almanaques e Boletins .....	101
Comadre Fulozinha .....	103
Na Esplanada do Derby .....	105
Um Basta aos Desencontros .....	107
Diálogo com o Leitor .....	109
Do Luto e das Esperanças .....	111
Ladrão de Galinhas .....	113
Folhas Secas .....	115
O Recife de Agora .....	117
O Terceiro Zé .....	119
O Vagabundo da Praça .....	121
Os Brotinhos .....	123
O Feitiço Religioso .....	125
Jorge Regueira .....	127
A Finitude Humana .....	129
Mãe Desesperada .....	133
Respeita Januário .....	135
A Proximidade do Inexorável .....	137
Os Ares da Jaula .....	139
Convívios com meu Pai .....	141
Barão de Guaporé .....	143

## Apresentação

Este livro não foi pensado ou não foi forjado para reunir idéias e ideais numa seqüência lógica das coisas e das reflexões. Aqui estão crônicas de jornal – publicadas no *Jornal do Commercio* do Recife –, em grande parte rememoram um cotidiano que se foi encantado nas brumas da globalização crescente, a padronização de tudo e de todos, desde o uso corriqueiro dos equipamentos domésticos aos costumes da gente urbana e até da gente matuta. Hoje, não se entra numa moradia, por mais simples que seja, para deixar de encontrar uma televisão de boa marca e um telefone, sem falar no celular que veio para ficar e ser largamente vendido nas esquinas das metrópoles. A máquina de escrever foi aposentada, sem a menor possibilidade de resgate, e foi mesmo necessário, o computador de casa a substituiu com vantagens.

O que vai escrito nessas páginas são lembranças das ruas e dos becos da cidade, com os seus personagens típicos, atores, tantas vezes, das cenas recifenses na década de 1950/1960. Os hábitos e os costumes da época, de um pós-guerra conturbado. O dono da rua do Imperador e conhecido *Lolita*, homossexual declarado, o célebre *Chá Preto e Pente*, vendendo as suas meizinhas? E da estirpe mais fina, na Rua Nova, na parede da Matriz de Santo Antônio, o quiosque do Wilson, fotógrafo e amante do burgo em que nascera tinha o prazer de expor figuras de proa na política ou na sociedade. Onde andarão tão importante acervo?

Impossível não escrever sobre os vendedores e os prestadores de serviço. O homem da verdura, que em sua carrocinha de cor azul ou verde comercializava a cenoura e a vagem, o pimentão e o jerimum. O mascate passava mais tarde, um cavalo lhe fazia as vezes, puxando uma carroça cheia de gavetinhas, nas quais guardava linhas, dedais, agulhas e outros apetrechos para as senhoras costureiras e bordadeiras. O sapateiro ajudava as famílias a economizar um pouco mais com a meia-sola que aplicava ou com o salto de borracha. Para menino com o pé torto, não havia dúvidas, um pedaço de ferro que protegesse o calçado e lá ia o penitente com a sua ferradura nos pés. Usei mais de uma vez! O consertador de painéis anunciava de longe a sua passagem e o fazia com um ruído ritmado de um ferro sobre a caçarola velha e muito usada. O amolador de facas e tesouras, também, anunciava de longe seus serviços.

No final do livro estão algumas das minhas lamentações, confissões das minhas tristezas e de meus clamores quando perdi meu pai, declarações, por certo, da orfandade estabelecida, mesmo que incompleta. Outras confissões traduzem os meus momentos de inquietação e o meu desassossego na difícil tarefa do existir. Momentos de alegria e horas de profunda introspecção: assim é a vida.

Se o leitor desejar ler que o faça e depois comente, critique ou deixe qualquer observação.

Geraldo Pereira  
***pereira@elogica.com.br***



## Prefácio

São muitos os cronistas que não deixam morrer as coisas do Recife. Que falam da poesia de suas ruas, com seus nomes tão evocativos - Rua da Aurora, Rua do Sol, Rua da Saudade, Rua das Águas Verdes -, que nunca esquecem dos tipos populares, alguns dos quais já deixaram a vida para entrar na história - *Chá Preto*, *Lolita*, *Colaço*, *Tenente da Rua do Imperador* - que perpetuam, nos seus escritos, o perene caminhar de uma cidade que se transforma e se renova, infelizmente nem sempre para melhor.

Um desses cronistas, com presença constante no *Jornal do Commercio*, é o médico e professor Geraldo Pereira, cujo pai, o mestre Nilo Pereira, durante quase meio século teve espaço cativo em sua página de Opinião. Pois bem, com o olhar arguto de quem observa no cotidiano os pequenos dramas que a visão comum às vezes não vê, Geraldo, em suas crônicas, redescobre anônimos personagens sem os quais não se constrói a vida de um burgo, relembra o sapateiro da esquina e o vendedor de peixe do subúrbio, o violão que plange sua dor nas horas mortas de uma noite de luar. E tece, numa linguagem limpa e agradável, a suave teia com a qual protege dos desavisados a crônica lírica de um Recife pouco conhecido. Traz, também, em algumas linhas, lembranças da vida familiar onde era muito forte a presença do pai, jornalista, professor, escritor, político e intelectual de mão cheia, que um dia deixou seu Rio Grande do Norte para se tornar, no Recife, cidadão do mundo. Sente-se, ainda hoje, nas crônicas de Geraldo, o quanto foi forte na sua formação a influência de Nilo.

Há pessimismo em alguns dos seus escritos? Certamente não... há, como não poderia deixar de ser, em algumas crônicas, um certo desalento ou desencanto diante de tantas iniquidades que se vê pelo mundo, de tanta violência gratuita que atemoriza e desassossega a classe média, das injustiças, da perversa desigualdade social que esgarça a cada dia o frágil tecido de nossa convivência. Tudo isso Geraldo retrata com segurança, lirismo, intimidade quase.

Creio que não poderia ter sido melhor a iniciativa de Geraldo Pereira ao reunir, em livro, parte de suas crônicas publicadas ao longo de anos no *Jornal do Commercio* do Recife, a exemplo do que já

fizeram cronistas da cidade iguais a ele, como Rostand Paraíso, Arthur Carvalho, Nelly Carvalho e José de Souza Alencar (Alex), entre muitos outros. Sabemos todos de quanto é efêmera a vida de um exemplar de jornal - dura apenas 24 horas - e não houvesse essa preocupação de trazer para o livro aquilo que se registrou na imprensa, muito de nossa história se perderia (veja-se o exemplo maior de *Os Sertões*, que Euclides da Cunha publicou inicialmente como uma série de reportagens no jornal *O Estado de São Paulo*, do qual foi correspondente no episódio de Canudos). Está aí, portanto, à disposição dos leitores, um pouco de um Recife que se apresentará desconhecido para alguns, mas perfeitamente íntimo para outros. Um Recife que continua seu processo de permanente mudança, interagindo com todos os ditames da modernidade, mas também conservando o lirismo de suas praças e o mistério dos becos e ruas por onde caminha a pequena burguesia, sem a qual nenhuma cidade teria alma.

Ivanildo Sampaio

## Tragam as Vasilhas

Sou do tempo dos encantadores pregões, de antigos vendedores que ofereciam seus produtos com a musicalidade da voz, grave ou aguda, a depender de cada um. De poetas do dia-a-dia das coisas, cantores das ruas, com rima ou sem rima, contanto que mostrassem a variedade ou a qualidade e obtivessem o desejado retorno das moradias de classe média. De meninos ou de meninas, das senhoras bem trajadas ou daquelas de roupas cosidas e até cozidas com a crueza da chita, que nas casas serviam como domésticas, tangidas dos canaviais distantes. Como esquecer do que me falou Sílvio Costa, que pras bandas de Pau Amarelo corteja saudades: “Espanador/Vasculhador/Colher de pau/Esteira d’Angola/Rapa Coco/E grelha/Eu tenho quartinha”. Foram coisas assim, mais do que puras, que preencheram tardes mornas de sábado. Ou foram os acordes tirados da gaita do amolador de tesouras, que a tudo amolava ou as notas do homem do pirulito que embalaram sonhos e devaneios da meninada de outros anos ou de outras eras.

Detesto essa modernidade do hoje, do microfone instalado em velhas e carcomidas “Kombis” anunciando ovos e verduras, uvas e bananas, laranjas aos borbotões e abacaxis em quantidade. Até o sorvete de fato artesanal no meu antes vem sendo comercializado assim: “Olha o sorveteiro barateiro! Dez bolas por um Real! Tragam as vasilhas! Tragam as Vasilhas!”. Ninguém agüenta mais a repetição, que lembra um certo apresentador de televisão dizendo: “Abram as cortinas! Abram as cortinas!”. E se vou mudar de casa, deixando de assistir neste canto para morar num recanto, o Rosarinho, lugar de onde emergem muitas das reflexões de Fátima Quintas - o Quintas da Jaqueira -, não me livrarei do sorveteiro barateiro. Dia desses por lá ouvi a indiscreta loa e mais do que perplexo confidenciei aos meus botões: “Eu não acredito numa coisa dessas!”. Mas, é verdade, responderam! Lamento o desaparecimento de toadas como esta: “Eu tenho lâ de barriguda/ Para travesseiro/...”. Ou : “Olha a bolinha de cambará/Dois pacotes é um vintém/...”

O cavaquinho de agora vende-se aos pacotes, enrolados no plástico translúcido, sem a sonoridade do velho triângulo, equilátero, sobretudo, que pendia do indicador esquerdo, tocado, na mais sincrônica das formas, com vareta bem temperada de aço acalmado à

mão direita, a percorrer cada um dos lados, tirando as notas dos desejos infantis. E o cuscuz matinal, despertando as famílias com o silvo forte do vendedor, em tudo, madrugador? Desapareceu, quase, deste Recife contemporâneo, desses dias que correm mais que aqueles, de criança! Um ou outro remanescente percorre as ruelas das periferias urbanas, sustentando tradições! O sino do vendedor de bolos, de broas e de outros acepipes, que carregava na cabeça a produção doméstica, em móvel envidraçado, com quatro longas pernas de cor azul, silenciou na distância dos muitos anos contados pra trás! O homem que gritava a macaxeira e que ouvia de nós outros a indagação cavilosa – “Como se chama a sua mãe?” -, calou-se, vive a mudez das lembranças, apenas, na surdez das impiedosas mudanças!

Mudou tudo, afinal, mudaram as pessoas da rua e os parentes, há filhos jovens e sobrinhos novos contados em maioria! Morreram os velhos! E morreram, do mesmo jeito, os autores e os atores dos antigos pregões, dos matinais e dos vespertinos, anônimos cantadores das ruas, de cujas transformações nasceram muitas das dores d'alma e das saudades. Sequer existem babás a cantarolarem a própria desdita: "Quem faz o bem/Recebe sempre o mal/...". E nem meninas brincando: "Eu sou rica/Rica/Rica/...". Tampouco adolescentes em flor entoando: "...Serei eu rico/Ou muito pobre?/ Que será/Será/Aquilo que for/Será/O futuro não se vê/Que será/Será....". Morreram as tias velhas, viúvas e mal-amadas, que versejavam: "Nos cigarros que eu fumo/Te vejo nas espirais/Nos livros que eu tento ler/Em cada página tu estás/Me deixa ao menos/Por favor/Pensar em Deus...".

"Tragam as vasilhas/Tragam as vasilhas...", na verdade, é o refrão das manhãs ou das tardes dos sábados e dos domingos e "Abram as cortinas! Abram as cortinas!" encerra, afinal, o domingo, antecipando inquietudes.

## Preciosos Alfarrábios

Este lixo que sai assim, de meu gabinete de trabalho, em casa, na preparação para a mudança, de um velho sobrado para um apartamento novo e bem cuidado, guarda muito das minhas saudades, nostálgicas lembranças de meus ganhos e de minhas perdas! Livros que se desatualizaram na corrida do desenvolvimento da ciência e da técnica, sublinhados ainda, grifados, na importância e na valia das citações e que me serviram de roteiros definitivos, na condução profissional e no magistério. Mas, sobretudo, os meus papeis, que não cabem mais no espaço da acomodação moderna, manifestações de meu espírito, paridas nas horas de meus enlevos e de minhas dores. Aqui e ali expressões dos ardores d'alma, recordações da infância, vivida e revivida, então, da adolescência inquieta e da juventude, do mesmo jeito, irrequieta. Recordações, até, dos amores e dos desamores, de encontros e de desencontros!

Retratos, também, fotografias que o tempo marcou, descolorindo personagens e camuflando paisagens, fisionomias mudadas, agora, recantos transmutados, igualmente, crianças que cresceram e adultos que envelheceram, gente, enfim, sofrendo a metamorfose do tudo. Velhos que se foram, tangidos da vida! Cartões de todo tipo, os de Natal e os de cumprimentos, de aniversários passados e de idades vencidas ou aqueles dos sentimentos e do pesar. Convites, os de formatura, a do colégio e a da faculdade ou aqueles do matrimônio, que me trouxe da família a graça! E os afetos das filhas, em letras dos inícios, fazendo do pai o herói que não é, os de agosto e os de outubro, o Dia dos Pais e o natalício. Telegramas e cartas, escusas e saudações, parabéns e congratulações. Nada ou quase nada que possa reanimar traços do sofrimento, reduzido às cinzas, pois!

Mexendo e remexendo esses alfarrábios, alguns carcomidos já, identifico as primeiras de minhas crônicas, escritas à mão, antes da modernidade do hoje, do computador e do teclado, do monitor expondo palavras e juntando vocábulos, armando frases e construindo períodos. Crônicas, inclusive, de um começo tão precoce, que sequer foram publicadas, devaneios, então, dos verdes anos. Resgates, vejo agora, de meus pretéritos, nessa nostalgia de meus tempos. Reflexões daqueles antanhos! Discursos, também, que fiz nos princípios, aqui no

Recife, mesmo, no Colégio Nóbrega, de tantas lembranças e em São Paulo, quando fui eleito orador da turma, representando os alunos brasileiros. Um tupiniquim falando para quatrocentões! Coragem que só a juventude deixa expor, em considerações, sobretudo, a propósito da pátria que é o Nordeste, tão injustiçado!

São quatro décadas, pelo menos, de recordações e de lembranças, coisas trazidas de casa, ainda, do sobrado azul onde nasci, onde pontificou meu pai e pontifica a minha mãe, a permearem a vida e as coisas do meu ontem mais recente, de dez ou de vinte anos pra trás, de casa, também, mas da minha do agora! Pedacinhos de saudades que se juntam, então, no grande quebra-cabeças do existir humano, dando por resultado o ganho das vitórias, que suplanta aquele das perdas experimentadas e sentidas. Um quebra-cabeça que ao final, depois de armado e completado, em parte já, mostra uma grande estrada, larga e asfaltada, mas repleta de percalços, de pedras no caminho e de enormes buracos no passeio dos andantes, nos quais os tropeços são inevitáveis e nos quais sucumbem os incautos, penitentes deste mundo de Deus e dos homens! Mas, é possível prever: "Vim, vi e venci!".

Lixo que não é lixo e luxo que não é luxo! Somente aqueles que experimentaram o deleite e o êxtase da existência, na manjedoura ou no doirado leito, mesmo que em momentos mais que efêmeros, podem se permitir o sentimento e as reminiscências. Ninguém resgata o, inteiramente, pesaroso, senão nas horas do pranto. E ninguém recupera na memória o tempo da aflição, sem que novamente esteja sob os impulsos dos humores pessimistas. Sou assim, gosto de rebuscar o passado e sei de tudo e de todos, até os meus limites! Tenho profundo interesse pelos amigos do outrora, pela gente que comigo foi gente e se os perdi de vista, francamente, não foi pelo querer de meus afetos!

A vida é bela, afinal! Vale a pena, com tudo que é ruim e com tudo que perturba! Viva a vida, então!

## Assum Preto

Estou me preparando para uma mudança a mais na minha vida. Sou um nômade, quase! Antes da virada do século, que arrasta um

milênio, vou me fixar em prédio novo e bem-acabado, pago tostão por tostão, no lugar onde morou o mestre Amaro Quintas e, certamente, o lugar onde Fátima Quintas viveu parte do que hoje evoca: o Quintas da Jaqueira! Ignoro, todavia, se há por aquelas bandas, ainda, o sabiá que o patrono de minha rua, o homem que dá nome ao rincão em que assisto agora – Bernardo Guimarães –, invocou em seu poema de mestre? Se é possível dizer como ele disse: “...Quem te inspira o doce acento,/Sabiá melodioso?/Que mágoas tristes lamentas/Nesse canto suspiroso?...”. Por cá, em homenagem ao poeta, o amanhecer é anunciado dessa forma, pelos sinfônicos acordes de pássaros assim, derradeiras espécimes da sonoridade natural. E ao entardecer, como disse Guimarães, ouve-se o trinar distante, da anunciação, também, de um tempo que emerge, à noite, pois, com a negritude do tudo. Vez ou outra, um canário-da-terra, desgarrado da fauna que sucumbe, emite a musicalidade que me faz voltar no tempo; no tempo e nos anos, quando este velho bairro de Santo Amaro das Salinas acolhia bandos e mais bandos de uma passarada, com as penas da cor do ouro e a cabeça rubínica.

De todos os bichos do mundo, somente os pássaros possuem o sentimento da falta alheia: a saudade! Cantam, porque buscam o mavioso encontro com a fêmea que se foi, dando enlevo à perda. Assim, o tratador, habituado com o canário, quando o separa da canária, *coruja*, por vezes e por isso de boa estirpe, deseja ouvir as loas de todas as lembranças, o estralar nostálgico dos desejos de que as rupturas sejam, apenas, separações passageiras nos ares da vida. E quando o passarinho vislumbra a companheira do imaginário ninho, mesmo que noutra gaiola, abre as asas e dispara um canto diferente, em *corrida*, se diz, antecipando o acasalamento, numa demonstração, mais do que inequívoca, de que o resgate dos amores muda os humores. Era isso que via e ouvia, na infância e na adolescência, na juventude e na maturidade, ainda, por aqui, nos arredores da Boa Vista. Na pinheira de casa ou na mangueira da vizinha, no enorme jambeiro do quintal ou no oitizeiro que parecia tomar o caminho dos céus. O sabiá também sofre, como está em Guimarães: “...Ou nessas notas sentidas,/Exalando o terno ardor,/Tu contas à meiga tarde/Segredos do teu amor?...”. Ah, que dor deve sentir! Que saudades! Que lembranças! As do efêmero que a felicidade traz? Ou a vontade de perpetuação das coisas?

Somente os machos cantam, porque só aos machos é dado perenizar lembranças e eternizar saudades. Um pintassilgo aprisionado em gaiola, apartado de sua fêmea, entoa as loas da perda até que a morte lhe roube as forças. É capaz, até, de ensaiar os acordes da separação e das rupturas, se na escuridão da noite acende-se uma luz. Foi assim com um deles, que dormia na cozinha de casa, em noite de Ano-Novo, mas que despertou, com o antigo costume de minha avó, o de clarear tudo à chegada do tempo próximo. Encantou a todos naquela hora, com a sinfonia dos sentimentos e das perdas. E de tanto cantar, em busca da fêmea que ficara nas distâncias de Caruaru, um dia sucumbiu, morreu de amores, por falta de ardores ou entregou-se à solidão em que vivia, na gaiola nunca hospitaleira. E o acauã das cantigas de Luiz Gonzaga, o Rei do Baião? Canta chamando a chuva lá pro sertão, para aplacar os horrores da seca. Mas, o “... assum preto/cego dos olhos/não vê a luz/canta de dor...”, diz o poeta do povo, decantando o sofrer do pássaro. Depois, vai e se associa do mesmo jeito ao padecer das perdas: “...também roubaram o meu amor/que era a luz dos olhos meus/...”. Eis que o homem, parente dos pássaros, sabe entoar o sentimento da falta e das ausências.

Mas, se “...salvar sonhos é como salvar vidas...”, na palavra de um outro poeta, Flávio Chaves, os pássaros vivem a salvar sonhos e portanto vidas. Sonham porque amam e amam porque sonham. Fazem dos amores e dos ardores o perpetuar da existência. Mas, induzem a criatura a salvar, igualmente, os sonhos e assim a vida. Que cantem o sabiá e o canário, o pintassilgo e o acauã, o assum preto e todos os outros, para a garantia dos amores e dos humores, para que o imaginário possa divagar pelos ares da vida!

### Floresta dos Leões

Por essas bandas de cá, do Nordeste do Brasil, as crendices preenchem as festas de São João. Há muitas formas e fórmulas para se antecipar os tempos e os amores. Assim, quem não fizer fogueira na noite do santo e não enxergar as labaredas rubínicas, com o dourado halo das esperanças, por certo não chegará à data do próximo ano. A faca virgem, na bananeira enfiada, no dia seguinte trará as iniciais do amado ou da amada e os papelotes dobrados e imersos n’água hão de



mostrar, também, as letras do escolhido ou da escolhida. Comigo, confesso, deu certo e a eleita dos meus dias foi anunciada, pela consoante do prenome, quatro anos antes, se pouco! Quando a festa vai acabando, no entanto, aqueles de oração forte tiram os sapatos e passam no braseiro, sem uma queimadura, que seja, deslumbrando os circunstantes. Já passei várias vezes. Hoje não passo mais. Diminuíram os meus créditos nos céus, com certeza.

No interior, como acabo de ver em Carpina, a antiga Floresta dos Leões, ninguém dispensa a noite de Santo Antônio, casamenteiro como é. E na propriedade de amigo meu, a Granja Turbilhão, assisti, de camarote, aos hábitos e aos costumes, da gente nova e daqueles outros, maduros na vida. Encontrei, até, pescador amigo meu, dado às incursões em alto-mar, mas transmutado ali em matuto estilizado. Vi a moçada dançando ao som do fole e da rabeca, a quadrilha se espalhando, como se fora a grande cobra das matas e o povo se misturando, uns de lá e outros de cá, da capital buliçosa. Provei do milho assado e docinho, da pamonha bem cozida e do pé-de-moleque brejeiro. Lá pras tantas, depois que se abraçaram os ponteiros do relógio, o professor Hermino Ramos, docente da Economia, não economizou os esforços e soltou quantos balões desejou. Somente um fez do homem o desbravador dos ares! E subiu, assoprado pelo fogo!

Na terra do poeta Flávio Chaves, que por lá também é vice-prefeito, cantou no dia seguinte o nosso Dominginhos e a população quase toda ocupou a rua principal, passeando de um para outro lado, alguns vestidos a caráter, com os trajes matutos dos outroras perdidos e muitos sem caracterização, que fosse. Interessante essa relação, em tudo coletiva, de pobres misturados aos remediados da sorte, todos, enfim, participando do folguedo. Aqui e ali uma chuvarada para marcar a época, para que ninguém se esquecesse do tempo das águas e sob a cobertura de uma barraca qualquer, sentado à vontade do corpo, abriguei-me da manifestação das nuvens. Uma garçonete, porém, que destoava do conjunto, desejosa como estava de ser a sócia preferida de Madona, despertava nos meninos, imberbes ainda, fantasias e sonhos que se esvaíam com as correntezas de junho. Paulista de nascimento, adotara Carpina para viver, disse e se explicou.

O melhor da festa, todavia, foi encontrar velho companheiro dos anos de menino – João Trindade –, hospedado, por coincidência,

apenas, no mesmo hotel. Fiamos conversa noite a dentro, rebuscando o baú das lembranças, fazendo o rol das indagações, das perguntas que esclarecem os caminhos daqueles que partilharam conosco dos convívios pretéritos: “Onde está Sérgio *Jibóia*?” ou “O que é feito de Erivaldo e Eduardo, de *Biu* e de *Léo*?” Quase cantávamos os versos de um outro poeta: “Onde andarás Mariazinha?/Meu primeiro amor/Onde andarás?” Ou quase fazíamos perguntas, um ao outro, para saber dos destinos das nossas Idalinas e de uma certa Conceição, como o poeta também fez, armando versos e musicalizando a inspiração. Estão, na verdade, encantadas, todas, na distância que marca o tempo, que separa e que isola, promovendo a metamorfose do inteiramente diferente, do desconhecimento presente. Rimos, às bandeiras despregadas, dos outroras e desses dias!

Ah, Floresta dos Leões de uma de minhas férias, muitos anos atrás! Da casa de porta-e-janela em que morava meu tio! Do trem passando nos horários bem certos! Dos jogos de gamão do mesmo tio, espírita por convicção, com o vigário da cidade! Era proibido, durante as partidas da antiga e lúdica distração com as pedras, discutir temas polêmicos, à semelhança de liturgia, santidade, reencarnação e outros assuntos mais. Se assim não fosse, iriam às turras todas as horas. Ah, Floresta dos Leões de meus alumbramentos iniciais, de Severina, nascida em Lagoa do Carro, empregada doméstica por necessidade do pão, mas cheia de devaneios, que faziam flutuar desejos e vontades na largueza do imaginário! De Maria da Anunciação, morena da cor do jambo, de ancas mais do que protundentes, rebolando as cadeiras, no cadenciado passo das ruas de Carpina, o seu paço, na verdade, de rainha sem trono e sem tiara!

Santo Antônio e São João, das tradições do Nordeste, moram, em realidade, na antiga Floresta dos Leões e ali são embalados pelo povo hospitaleiro, com a cantoria de época, saudando um e outro, a fogueira e o balão, o milho verde bem assadinho, a pamonha e a canjica. Da sonoridade da rabeca e da melosidade do fole nascem os acordes do tempo, musicalizando o cantar. Ali, na cidade de Carpina, a cordialidade emerge em cada esquina. Até os guardas da Polícia Rodoviária Federal foram de uma polidez surpreendente, diante da infração, de um farol queimado, sem alumiar a negritude da noite. Iluminaram, na verdade, o meu respeito por essa gente fardada, guardiã

das estradas, anjos do asfalto e dos caminhos. Bom São João para todos, para Hermino e para Flávio Chaves, o poeta, para João Trindade, o velho “Amigo/Meu irmão camarada!”. E para os mais do que polidos vigilantes da junina rodovia! Para todos, afinal!



## O Altar dos Rochedos

A Academia de Artes e Letras de Pernambuco, a cujo sodalício pertença, por generosidade de sua gente, publica, todos os meses, mais do que interessante *Informativo*, veiculando notícias e sobretudo excertos de palestras e artigos dos consócios. O mestre Carlos Ferraz cuida de tudo, da organização geral à seleção das matérias, da redação dos informes à digitação. Confesso que recebo o periódico com muito gosto. É a forma que tenho de participar da Casa, haja vista a minha dificuldade em compatibilizar os horários das reuniões com os meus, preenchidos, agora, por tantos afazeres, nesses prazeres de meu labor. Particularmente, venho sendo honrado com a transcrição de parte das minhas crônicas, publicadas aqui, sempre, no *JC*. Agradou-me, em tudo, a veiculação de um discurso de Jamesson Ferreira Lima, que fala da “Lenda da Alamoia”, contada em Fernando de Noronha, retratando a paixão ardente de certo varão, de cujo ciúme nasceu o ódio e de cujo ódio materializou-se o crime. A mulher lindíssima, como se refere o médico e escritor, loura e por certo de cabelos longos e viçosos, dança na praia, em noites de tempestade, desnuda, inteiramente, reacendendo a chama dos amores perdidos, injustamente.

E é no altar dos rochedos que a musa aparece. Emerge dos mares, para, novamente, dançar e encantar os homens de boa vontade, sob o som dos trovões e a claridade dos relâmpagos, como se o sacrifício da morte pudesse ser repetido assim, tantas vezes, ao rugido dos ventos, quando a chuva engrossa o tempo e a negritude encobre os céus. Mas, volta, na verdade, como diz o autor, para rever o amante, preso, como ficou, na ilha, chorando o pranto dos arrependidos, derramando as lágrimas de todos os remorsos, que marcam as rupturas mais do que definitivas, irreparáveis. E um outro de Pernambuco, Ferreyra dos Santos, cantou a “Alamoia” em versos do perdão: “...Alamoia/Alamoia/Sai dos olhos/Do pobre pecador/Tu que és mulher/Tem pena do homem/Que o crime dele/É crime de amor”. E muitos naquela ilha, que do Atlântico é a esmeralda, têm visto, em noites de temporal, a figura feminina bailando nos ares, de cabelos doirados, esvoaçantes, buscando nas areias cálidas o gesto, que seja, de entendimento, afinal. A reconciliação impossível, pois, do fantasma, condenado à diluição no etéreo das coisas, com o amante reduzido à

condição de traste humano, arrastando, nos pedregulhos do lugar, fragmentos de vida.

Ali mesmo, na ilha de Fernando de Noronha, outros amores impossíveis nasceram e não floresceram. Feneceram, então! Um desses, o da loira vinda das distâncias sulinas, trazendo na genética o traço europeu – Uma “Alamoia” também! –, com o nativo amorenado, cafuzo de origem, metade negro e metade índio. Os gestos finos da mulher, de unhas aparadas e ainda pintadas, faziam o contraponto com a forma embrutecida, quase, do ilhéu. E quando o comandante da aeronave, estacionada já no pátio, avisou da impossibilidade em levar toda a gente, os olhos do nativo brilharam de felicidade e a moça, ao telefone, comunicou à família o adiamento inesperado, mesmo que desejado. Na Praia do Este, sob o sol poente, depois, perdidamente se amaram. Mas, ao primeiro sinal do dia, a despedida outra vez aflorou, separando agora para todo o sempre, aqueles amantes de efêmeros amores. O avião tomou posição na pista, rolou em velocidade elevada e alçou, finalmente, o vôo e nos ares da ilha foi promovendo a metamorfose de uma realidade assim, sentida e muito curta, transformando tudo em lembranças, apenas, em saudades paridas de sonhos vividos. Devaneios, então, a preencherem vazios!

E outras “Alamoias” existem, muitas, infelizmente, condenadas à perpetuidade da dimensão do eterno. Muitas, também, vivendo as dores das chagas d’alma, que é uma forma de matar o espírito, preservando a matéria. Para todas, os versos, ainda, do poeta: “...De vento no açoite/Uma sombra de gente/Se põe a dançar/Alamoia/Alamoia/Foi homem que pecou...” que os homens não pequem assim, com a morte e o maltrato das musas do tempo! Só as flores podem açoitar da amada a face!

E a Jamesson Ferreira Lima, novo acadêmico de todas as olindas, esta crônica.

## Encontros e Reencontros

Foi o bem-te-vi, com o seu trinar metálico, que me avisou da terminalidade das festas, naquela tarde morna e tropical de um dezembro em começos, apenas. Quando o sol já estava na posição de todas as verticalidades, inibindo as sombras, as pessoas foram se recolhendo aos pouquinhos, deixando livre a piscina e desocupando o chamado entorno do mar, um oceano enorme, na verdade, que acolhia a gente forasteira, interessada nas comemorações ou voltada para a fraternidade dos convívios. Na varanda do hotel, então, terminei fazendo a reflexão dos meus retornos ao dia-a-dia atribulado de minhas coisas. Impossível ter evitado o pranto na hora da valsa das lembranças, que resgatava um outro momento assim, distante já, três décadas para trás. Ali, também, com a mesma musa do hoje, ensaiei passos mal dados, para acompanhar a sonoridade daquela despedida. O homem, em realidade, despede-se várias vezes na vida e vai mudando a condição do existir, promovendo ritos de passagem que trazem a liturgia das metamorfoses. Assim com a formatura e assim com a ligação matrimonial ou assim com o nascimento do primeiro filho e depois, de um por um, até o derradeiro. Mas, o último desses ritos marca a debacle.

Companheiros dos bancos de universidade, vindos de longe, alguns, cumpriram o desiderato do reencontro, por três dias seguidos. Permitiram-se o exercício, mais que salutar, do fiar conversa indefinidamente, resgatando feitos e fatos de um pretérito que se encanta, agora, na longitude dos anos. O espírito de cada um regrediu no tempo, voltaram a ser acadêmicos de Medicina, com o humor diferenciado que caracteriza a jovialidade e que significa a leveza de vida ou a ausência, ainda, do peso de um existir assim, na honrada prática da profissão hipocrática, entre o sopro do Criador, que faz gerar e nascer, e a morte. Risos e mais risos, gargalhadas enormes, sonoras, com vivências e convivências daquele passado de estudantes, histórias dos provindos das brenhas, que enfrentaram sol e chuva, se almoçavam não jantavam e se jantavam não tinham almoçado. Gente morando em pensões, que desapareceram do cenário urbano deste Recife nas fronteiras de um novo milênio, mal acomodada, mesmo que adaptada, contanto que se pudesse freqüentar o sacrário desses saberes

sacrossantos. Ou gente com um sapato apenas furado, ainda mais, remendado por dentro com a sagacidade dos fortes, por uma tira de esparadrapo branco.

E os apelidos foram lembrados, também, desde a viagem de ônibus, do Recife a Maragogi. O mestre *Baré*, das larguezas amazônicas, encarou o microfone e quase faz a chamada, nomeando os presentes: *Pluto* e *Gia*, *Fofa* e *Rita Pavone*, *Ovelha* e *Da Galinha*. Há alguns impubescíveis e há outros respeitados, como aqueles que nomeavam as moças, médicas, agora, integrantes das rodas de Esculápio. Falou de suas lendas e de suas matas, mostrou as mitológicas interpretações do boto cor-de-rosa, que encanta as meninas-moças. Mas, ninguém esqueceu os outros, roubados de nossos convívios, como foi o caso do *Poeta*, cuja vida terminou nos inícios do curso ou o caso de *Cachorrão*, privado, igualmente, do existir terreno, além de *Timbu*, levado há poucos anos, na plenitude de sua maturidade. E ninguém esqueceu os que faltaram ou não puderam ir por vários motivos, à semelhança de *Tampa-de-Chaleira* e de *Chupa-Osso*. Como se não bastassem as fotografias tiradas de minuto em minuto, antigos retratos foram levados nas bagagens, além de certos adereços do tempo, como a boina do vestibular, que Ivo de Oliveira usou pelos três dias consecutivos, com a inscrição que padronizava a vitória: FMUR (Faculdade de Medicina da Universidade do Recife).

Foi um não acabar de lembranças e de recordações, nas conversas fiadas noite a dentro ou com as fotos amareladas, em preto-e-branco, assinalando momentos, marcando a felicidade do ontem. A hora do trote pelas ruas da cidade, na Imperatriz ou na Rua Nova, na avenida Guararapes ou na Conde da Boa Vista, manifestação estudantil que durante muito tempo fez a crítica bem-humorada dos governos e dos governantes. Instantâneos, também, das salas e das aulas, além daqueles da primeira de todas as despedidas, a formatura. Lágrimas vertidas desde a missa, que abriu, com a necessária prece ao Criador, todas essas festas ou durante os pronunciamentos bem cuidados de Luiz Fernando e de Claudeci Gomes. Sem esquecer que na hora do jantar dançante, o nosso orador da turma – Paulo Dantas – falou com a verve dos grandes e agradeceu a Moacir Novaes, mentor das lembranças e timoneiro das recordações, o denodo com que organizou tudo. E eu agradeço assim, deixando-me tomar pelas inspirações e



descrevendo o meu sentimento com palavras paridas das intimidades d'alma. A oportunidade que tive, confesso, foi das mais felizes de minha vida.

Benditos sejam Moacir e todos os outros que promoveram o enlevo do coração!



## Tampa-de-Chaleira

Nos meus inícios na Faculdade de Medicina, na fase em que estudava o esqueleto humano, colega meu dos bancos acadêmicos, visto, distraidamente, de olhos fechados, quase, passando a mão, levemente, numa tibia, apoiada entre o seu próprio queixo e a mesa de dissecação, não se livrou do cognome para o resto da vida: *Chupa-Osso*. Na realidade, fazia ali, daquela forma e daquele jeito, o necessário exercício no aprendizado dos segredos da Anatomia, percorrendo com o tato as saliências e as reentrâncias ou identificando orifícios por onde emergiram ou imergiram nervos, veias e artérias. Afinal, sabia da importância dessas bases morfológicas para o mister hipocrático e não podia descuidar dos esforços paternos, com os quais se sustentava, oriundo como era dos contrafortes da Borborema. Muitos anos depois, em congresso importante, outro colega me indaga: “Como é o nome, mesmo, de *Chupa-Osso*?” Não podia, com certeza, tratar o companheiro daqueles anos pelo apelido, simplesmente, em ambiente assim, de ciência e de pesquisa. E não tratou, porque do prenome, pelo menos, eu sabia.

Os apelidos foram, realmente, a tônica daqueles convívios. Por qualquer motivo, que fosse, surgia um cognome a mais e de pronto a turma toda – 165 alunos, se pouco – adotava essa imposição de um batismo improvisado e até desavisado. Fosse rapaz ou fosse moça, dado a bincadeiras ou sisudo, na forma da lei, cada qual carregava um e ainda hoje, nas reuniões de aniversário dos anos de formado, assinasse uma lista, parecida com a do passado e de quebra se acrescenta o nome dessas eras. Alguns, todavia, são de todo impubescíveis, mas outros, francamente, despregam as bandeiras, socializando o riso. Como esquecer do nosso *Fofa*, do *Defunto* ou do *Gia*, do *Velho* e de *Bico de Ouro*, conterrâneos, esses dois, amigos até na morte? E a morte levou *Cachorrão* e carregou, do mesmo jeito, o caríssimo *Timbu*. A outros levou, também, roubando, de todos nós, a chance desses convívios. Ou ainda, como não lembrar de *Todo Feio*, virado hoje e muito bem, num poeta de boa rima, prosador dos melhores? Esquecer de *Mongró*, é atentar contra a paz, a serenidade e os bons costumes. Pior do velho *Barney*? E o *Pluto*, vejam só?

O maior de todos os cognomes dessa turma, na emergência já dos trinta anos de formada, não poderia ser outro, senão o de *Tampa-de-Chaleira*. Ora que o homem, chovesse ou fizesse sol, estivesse na sala de aula ou nos laboratórios, nas ruas do Recife ou nos anfiteatros de Anatomia, suave feito um desadorado. Molhava a camisa em grandes rodas e chegava, até, a umedecer o pano das calças, dizia! Certa vez, o velho *Tampa*, chegando a um representante farmacêutico, acompanhando um périplo de estudantes, numa romaria em busca de amostra grátis, sem saber que remédio pedir, perguntou ao colega mais próximo o nome de um produto qualquer. E o companheiro, irreverente como era, não titubeou, lembrou-se da recepcionista, mulher quarentona e viçosa, de ancas mais do que largas e busto considerável, com prenome diferente e recomendou que pedisse *Fulana*. O *Tampa*, na inocência do gesto, ainda insistiu mais, indagando se pedia em comprimidos ou em pó, em xarope ou injetável. Quase apanha da figura! Queria, de qualquer forma, aquela farmacêutica fórmula e não entendeu a mulher, que raivosa e impiedosa, sustentando-lhe pela breca, perguntava-lhe, em voz alta: “Como se chama a sua mãe?”

Guardei o necessário sigilo das relações biunívocas, sempre, entre o apelido e o nome. Não vou, agora, apontar colegas que na prática do dia-a-dia são expoentes da ciência, pelo cognome, então. E tampouco dizer o meu próprio, escrito aí por cima. Guardei também para mim, apenas, os demais apelidos, aqueles atribuídos às moças, por hesitação da consciência. Mas desses, pode crer o leitor, há alguns que são deliciosos, simplesmente. E por aí vai.

## Tipos do Recife

Noutros tempos, neste Recife dos rios e das pontes, quando a gente grã-fina e os remediados da sorte circulavam pelo centro comercial, pontificavam por lá, também, certos e determinados tipos mais do que peculiares, pois que mesmo sendo diferentes, engajavam-se, perfeitamente, na paisagem urbana. Alguns apresentavam nítidos sinais do desvario, mas outros não. Eram mais contidos ou eram menos exaltados. A verdade é que se tornaram personagens constantes do grande espetáculo do centro, com especialidade nos períodos de festas, de Natal, por exemplo, ou de Carnaval, perambulando nas calçadas e nos passeios da cidade. Hoje, não os vejo mais e ignoro de todos o destino. Compreendo, todavia, que não possam fazer o *footing*, como dantes se dizia, nos ambientes refrigerados de um *shopping*, para onde acorrem, agora, as elites, as bem estabelecidas e as demais, em franca debacle.

De todos, certamente, o *Dono da Rua do Imperador* parece ter sido o mais interessante, vestido a caráter, misturando peças de roupa das corporações militares e de outras instituições, desarmadas essas. Coberto de medalhas, de condecorações diversas ou de comendas variadas, orgulhava-se das honrarias todas, passando a mão no peito e acariciando cada uma daquelas circunferências de bronze. Muitas e muitas vezes, na Festa da Mocidade, pude fiar conversa com esse figurante inusitado das animadas noites, ali, no Parque 13 de Maio. Dizia-se integrante da cavalaria submarina e assumia no imaginário, mais do que fértil, a segurança do lugar, ignorando, por certo, a ação, firme e segura, de *Marcha-Lenta*, sargento da Rádio Patrulha destacado por lá, na ambiência da festa. Havia comprado a rua da qual se dizia dono e não vendia a ninguém, por dinheiro nenhum, justificava. E fazia muitíssimo bem. Cada qual que cultive a sua fantasia!

E *Lolita*? Quem não lembra? Com o andar afeminado e cheio de trejeitos, andava a cidade de ponta a ponta, se requebrando e cantando, muitas vezes, ou simplesmente cobrindo de pilhérias os incautos passantes, que coravam de tanta vergonha, com as espirituosas graças do homem que gostaria de ter nascido mulher e bem mulher. Mas, se o transeunte menos avisado cuidasse em reagir, apanhava pra

valer, levando todos os socos do mundo e as pesadas todas, também, a que se arriscara. Foi preso uma centena de vezes e recolhido aos porões da *Sorbone da Rua da Aurora*, como chamava o nosso saudoso Paulo Malta a sede da Secretaria de Segurança, de onde, aliás, foi delegado e dedicado servidor. O próprio Paulo deve ter recolhido *Lolita* e posto em liberdade pela manhã, logo cedo, como costumava fazer, encerrando o plantão e liberando toda a gente detida na noite anterior, para o descontentamento, geral e irrestrito, de seus colegas da polícia.

Outro, mais recatado e nem por isso menos popular, era o *Chá Preto e Pente*, que vendia as folhas prontas para a infusão doméstica, suficientemente capazes de curarem os males da família inteira e da vizinhança, também. Lembro-me, ligeiramente, do homem de certa idade gritando o seu *slogan*: *Chá Preto e Pente*! É que misturava as coisas e as vendas, acrescentando o apetrecho apropriado ao pentear dos cabelos aos seus princípios medicinais da Botânica tupiniquim.

Interessante, contudo, era o *Reitor da Universidade Livre*, um homem negro, alto e gordo, que costumava andar de paletó e gravata, vestido à risca para a sua condição magnífica. De certa feita, tendo comparecido a uma reunião acadêmica e não incluído na mesa, zangou-se verdadeiramente, prometendo vingança com as ausências futuras. Nunca mais tomou assento nos encontros assim, da ciência e da cultura. Pregava a liberdade para aprender, simplesmente. E estava certo, embora complicado.

Finalmente, uma figura estranha, sorridente e falante, de cujo nome ou cognome não recorro, mas de cuja fisionomia tenho, ainda hoje, a imagem exata. Descobriria ou inventara, como afirmava, muita coisa. A caneta que nunca esvaziava, a cura das doenças venéreas e mais uma dezena de outras besteiras. Chegou a escrever aos institutos estrangeiros de pesquisa, dos quais recebia respostas encorajadoras. Mulheres, quase não havia neste capítulo dos tipos da cidade, senão uma: *Soninha*! Solteirona, sem convicção nenhuma, andava à caça, sempre, de um penitente, que fosse. Confesso o meu desespero com a paixão de *Soninha*, nos tempos em que trabalhava no Centro de Saúde Gouveia de Barros e era estudante. Mulher de todos os pudores, não insistiu nas investidas mais, depois que lhe disse de meus desejos em antecipar os amores. Disse-me horrores e sumiu. Nunca mais a vi no

cenário urbano, andando rápida, como quem vai a um encontro qualquer, imaginário, infelizmente! Nada me custou trocar aqui o seu prenome, em respeito à vida e às fragilidades da criatura.

Deus olhe por todos!





## Macaxeira Rosa

O Recife do antes, dos meus anos de calças curtas e dos meus tempos de juventude, era muito diferente desta cidade do hoje. Naqueles dias, as compras de casa eram feitas na venda da esquina e a caderneta da bodega servia para intermediar as negociações todas, da farinha e do feijão, do sal e do açúcar, do pão que ia para a mesa e do milho para alimentar as galinhas do terreiro. Aos sábados, porém, a feira de Santo Amaro encantava os olhos do menino. Carrinhos de tábua com rodinhas de flandre, brinquedos de todo tipo, da borboleta que batia as asas de madeira, fazendo barulho, aos cavalinhos-de-pau. Ali, minha mãe abastecia a despensa, com a fêria do pai, comprando frutas e verduras, escolhendo a galinha gorda e o charque ao gosto muito particular das criadas, como costumava chamar a minha avó. Depois, *Pássaro Triste*, o carregador efetivo da família, reunia tudo no balaio e trazia para casa, arriando o peso na soleira da porta da cozinha, para alimentar a parentada: pai e mãe, filhos em número de seis e mais a avó e a tia velha, além da tia viúva e mais três empregadas. Família numerosa, pois! Nunca vi tanta gente junta numa casa só! Não se fechava a porta de frente, tal o movimento, senão à noite, para a proteção de todos e desgosto dos gatunos.

Nas ruas, entretanto, passavam vendedores variados, a oferecerem produtos diferentes, também. E disso me lembrei, há poucos dias, quando encontrei o homem da macaxeira, que traz o tubérculo em carroça de metal, estilizando a venda ou modernizando a oferta. “Macaxeira Rosa”, ainda grita, preservando a tradição. Foi Raimundo, nascido e criado nas margens do rio das capivaras, em Limoeiro, e que dirige o automóvel em que trafego, ultimamente, quem me chamou atenção, fazendo alusão à permanência do tipo mais do que peculiar no Recife dos antanhos. Sendo interiorano – o motorista –, sabe dos costumes todos e dos hábitos da gente matuta, como das crenças e das crendices. Conheceu vendedor de tudo, do doce japonês e do cavaquinho, do cuscuz e das frutas, de verduras, também, como do amendoim torrado e cozinhado, triturado, às vezes, em deliciosa farinha. Ora, mais novo que eu década e meia, se pouco, ainda pôde conviver com regionalismo assim, mostrando o quanto o Recife foi provinciano outrora e como é frio e desumanizado, agora. Quase não

se vê, mais, gente de tabuleiro à cabeça gritando o produto da terra ou gente carregando balaies de frutas tropicais, de manga ou de caju, de pinha ou de cajá, de jabuticaba ou de pitomba.

As crianças de hoje não se incomodam mais com o refrão: “Chora menino/Pra comer pitomba...”. E nem as mães da pós-modernidade conhecem a cantiga. Ninguém sabe mais que naqueles outroras o verdureiro passava logo cedo, empurrando uma carrocinha de cor, azul ou verde, toda em madeira, com tela de arame trançado e entrançado protegendo e arejando o espaço do chuchu e do maxixe, da cenoura e do jerimum, do quiabo e da batata inglesa, que é tubérculo, como do tomate, fruta por derradeiro. Mais tarde, vinham os vendedores de laranja, um deles gritando o produto e o outro carregando dois sacos, com a mimo-do-céu e a baía, muito raramente a laranja-da-terra, para o doce apetitoso ou a lima, que curava barriga de menino e de marmanjo. Depois, o vendedor de miúdo, com parada obrigatória lá por casa, onde o miolo de boi servia para manter a inteligência paterna e permitir o exercício diário da crônica. Finalmente, na boquinha da noite, o amendoim, chamado em vernáculo deturpado de “midubim”, torrado e cozinhado, com a farinha embalada em saquinhos coloridos, dando água na boca. Todos os dias, porém, a matraca do mascate anunciava a variedade de suas miudezas: «linha pra coser e dedal, agulhas de todos os tipos, alfinetes e tesouras».

E o doce japonês, anunciado com o trinar de um apito, ou o cavaquinho, de cujo triângulo de metal o vendedor musicalizava a oferta? E o homem do cuscuz, madrugador, sempre, trazendo a comida em rodela, molhando com leite de coco e dando gosto ao acepipe? Ninguém vê mais! Maçã e pêra eram frutas raras e somente aos doentes servidas, uva não se via, morango muito menos e ameixa só de lata. Nas esquinas do Recife de hoje ou nos semáforos das grandes avenidas, vende-se o exótico, as frutas do frio e do sul. Agora, o abacaxi, que quebra o jejum ou a laranja-cravo para distrair o estômago, mostrando da regra a exceção.

## Consertador de Panelas

O último artigo que escrevi nesta página do *Jornal do Commercio* – “Macaxeira Rosa” –, fazendo um comentário a propósito de antigos vendedores de rua da cidade, desaparecidos, em maioria, nesses tempos de globalização e de mundialização do tudo e de todos, obteve junto ao leitor generosa repercussão. Recebi alguns telefonemas e outros tantos cumprimentos pessoais, pelo resgate, sobretudo, de figuras assim, típicas da cidade provinciana, ainda, como era o Recife em décadas passadas. Foram muitas as contribuições sobre personagens que terminei omitindo, por falha mesmo da memória, haja vista os 53 anos bem vividos, já. Outros, também, pediram que continuasse a crônica, seguindo o tema e a tônica anterior, para complementar a lista. Faço isso, pois, em atenção àqueles que se ocupam de meus escritos e com isso me dão satisfação especial.

Como esquecer do consertador de panelas, que passava oferecendo os seus préstimos às custas do toque cadenciado e peculiar de um pequeno varão de ferro sobre uma frigideira usada? O simples escutar dessa musicalidade característica, produzia na cozinha um rebuliço e as peças de alumínio furadas eram, de logo, selecionadas e entregues ao especialista na arte do remendo. Voltavam novas, praticamente, trazendo no fundo, sempre, o acréscimo de que precisavam e tinham a destinação habitual, a do cozimento, a depender, apenas, da receita do dia. Quando a galinha ia para a mesa, por certo que fora comprada ao homem que a cavalo trazia dois caçuás de penosas, um de cada lado. Cabia ao comprador sustentar a ave pelas asas e optar pela de peso maior, pois que o preço era unitário somente, não interessando os quilogramas a mais, de um ou de outro exemplar.

Musicalidade mais apurada, entretanto, era a do amolador de tesouras, de facas, também, que usava um instrumento assemelhado a um realejo, do qual nasciam as notas da oferta. Um desses tinha parte do antebraço amputada, mas com um revestimento de couro, uma luva apropriada, manuseava a peça, cega por hora. Usava um carrinho que vinha empurrando e ao primeiro sinal de serviço a ser realizado, invertia a posição, alinhava a polia grande de borracha e com o pé num pedal artesanal girava o esmeril. Na realidade, terminava desgastando as lâminas a serem amoladas e em casa de toda a gente algumas das facas não serviam mais para atender às visitas ou aos mais cerimoniais da família. Eram facas da cozinha. O vendedor de

pirulitos, com uma tábua toda furada e os doces cônicos encaixados, usava um apito e ia passando adiante o seu produto de fabricação caseira, que pregava nos dentes.

Já o homem das vassouras e dos espanadores era diferente, trazia um material de cabos coloridos e de pilosidade formando desenhos, para o chão da casa e a poeira dos móveis, além de vender, também, o vasculhador, que passado no teto sacudia as aranhas, afugentando-as das teias. Tinha um grito característico, chamando a atenção para a sua variedade em material assim, destinado à coleta do lixo doméstico, o grosso e o fino. Mas a oferta da lã de barriguda para travesseiro era cantada em versos sem muita rima: “Eu tenho lã de barriguda/Para travesseiro.” E como não havia a espuma de hoje, sintética e mais prática, conseguia boa freguesia nas ruas por onde passava. Era preciso encher esses apetrechos, que nos servem à cabeça, para um bom e reparador sono, a intervalos de tempo certos.

O peixe, do mesmo jeito, chegava à porta de casa, vinha em dois balaio, os quais, sustentados por cordas à ponta de um suporte de madeira carregado às costas, pendiam livres, quase, balançando, pra lá e pra cá, à medida que o vendedor andava pelas ruas e oferecia o produto gritando. Alguns desses homens do peixe faziam verdadeiros malabarismos com os balaio. Paravam, então, e apresentavam as espécies e as espécimes de que dispunham, utilizando-se depois de uma tábua para preparar as postas, tudo segundo as preferências do freguês. Peixe fresco, ao tempo, sem a ação, às vezes deletéria, do gelo, que da carne branca rouba o sabor. Com os anos, apareceram os frigoríficos e a albacora popularizou-se na mesa do recifense. Mas, o nome desse bicho dos mares era muito aplicado como apelido para as mulheres gordas, ricas em adiposidades.

E foi de Leda Alves a lembrança do vendedor de cambará: “Olha a bolinha de cambará/Dois pacotes é um vintém...” E do poeta Paulo Montezuma a saudade do acendedor de lampiões nas ruas do Recife, iluminando os passeios da gente faceira. Não esqueço, todavia, do acendedor das lâmpadas, já, nos velhos postes de meu bairro, ligando as chaves e alumando o tempo.

## Pregões do Recife

Escrevi por aqui dois artigos sobre vendedores e prestadores de serviço das ruas do Recife e, confesso, não esperava a repercussão que houve. Onde chego, as pessoas falam e comentam, acrescentam alguma coisa e sobretudo dizem da saudade desses tempos distantes, já, na contagem dos anos. O meu ilustre amigo Silvio Costa, que morou em todas as olindas, teve o cuidado de fazer umas anotações a propósito, reunindo pregões e citando outros detalhes dessas curiosidades locais. Uma página inteirinha de referências sobre o tema, o que me leva a ensaiar, outra vez, uma crônica abordando a questão. Em respeito, até, aos leitores todos, que gostaram e falaram e aos que gostaram e não puderam falar. Silvio começa por um dos pregões mais comuns da cidade: “Espanador/Vasculhador/ Colher de pau/Esteira d’Angola/Rapa Coco/E grelha.../Eu tenho quartinha”. E lá vinha o homem carregado de apetrechos assim, apropriados à casa, às arrumações domésticas e à cozinha. Andava com tudo isso às costas, com os cabos enormes, de madeira, sempre, apontando para os céus e trazia um colorido peculiar, expondo os “cabelos” do material que vendia, com riqueza nos desenhos e nos contornos.

Outra dessas contribuições de Silvio Costa é a do boleiro, que vendia a broa e o grude, balançava um pequeno sino anunciando a chegada e trazia os seus produtos em uma espécie de mesa envidraçada e sem gavetas, com quatro pernas, carregada na cabeça. Ao primeiro sinal de um comprador qualquer, arriava aquele móvel, e servia o penitente com o auxílio de um garfo de dois dentes, apenas. Na minha rua passava um desses, tinha o cognome de *Criança*, não sei bem por que razão e conforme os meninos do bairro, carregava bolos que davam, habitualmente, *dor de barriga*. Mas, toda a gente comprava. A minha mãe, todavia, nunca me deixou provar dessas delícias de *Criança*, tinha medo do resultado, das cólicas e da febre, da doença, enfim, que lhe atormentava as noites. Nem o doce japonês, cujo vendedor não descuidava em passar, pude provar e tinha inveja da molecada comendo o produto caseiro, que grudava nos dentes e arrancava as obturações. O verdureiro, também, aparecia empurrando uma carroça de cor verde ou azul, e oferecia verduras e frutas,

“Maracujá para o ponche!” Conheciam todos, as empregadas de casa e as madames, chamando pelo nome, mesmo.

O mascate era uma beleza, usava uma mala recheada de coisas ou vinha na carroça puxada a cavalo. Anunciava-se com uma matraca, isto é, uma peça feita de dois pedaços de madeira unidos por uma tira de couro e ia batendo, batendo, para vender as miudezas. Linhas de todos os tipos, agulhas a valer, alfinetes-de-segurança e outras quinquilharias. A minha avó gostava de escolher a linha própria para o seu croché ou linha de tricotar e com esse material enchia o tempo e a vida, produzindo toalhas e panos diversos, os quais, por vezes até, vendia. Era homem de parada certa na minha casa e já estacionava a carroça antes de qualquer chamado, abastecendo a cesta de costura materna e a caixa de sapato na qual uma de minhas tias guardava a matéria-prima de seus predicados manuais. O mascate, anotou Silvio Costa, vendia também banha para alisar os cabelos e perfumes produzidos, artesanalmente, por ele mesmo, de qualidade nem sempre satisfatória. Para o meu pai comprava-se, habitualmente, uma Quina, de cuja oleosidade sustentava o negro de seus cabelos, penteados com todo o cuidado de quem tinha orgulho da pilosidade craniana. Para os meninos, a brilhantina Glostora!

O vendedor de galinhas dizia: “Galinha e capão gordo!” E ninguém sabia direito o que era capão, porque sobre essas variantes da espécie não se assumava com os meninos! Outro se oferecia assim: “Eita jabuticaba!/Já caiu cajá!” Ou assim: “Chora menino/Pra comprar pitomba!” E o homem do miúdo, que vinha gritando – “Miúuuuuudo!” –, enquanto o auxiliar carregava na cabeça o tabuleiro com figado, coração e miolo de boi, além das tripas. Como esquecer o homem do algodão-doce, fazendo flocos de açúcar na carrocinha, rodando um veio com a mão direita e recolhendo o produto com a esquerda, num pedacinho de papel colorido? E o vendedor de pipocas, estourando o milho na chapa quente, em frente aos cinemas, permitindo assistir ao seriado do dia com a opção barata e gostosa ou na saída dos colégios, para chegar em casa sem fome e ouvir a reclamação de hábito: “Menino! Você come porcaria fora e não almoça!” Muitos dos meus amigos não dispensavam, à saída dos clubes, nas madrugadas do Recife, o cachorro-quente de rua, preparado ali, à vista de toda a gente,

com salsicha cozida em vasilhame de alumínio e pão dormido, de um sabor inigualável!

A Sílvio Costa, companheiro de jornadas à beira-mar, nostálgicas horas das lembranças do tudo, esta crônica, nascida sob a inspiração de suas notas, em tarde assim, morna e sobretudo feliz...





## Uma Sociologia do Parque

Nos outroras da vida, confirme o leitor se quiser, o lema era outro, bem distinto das atualidades correntes. Saúde e gordura, dizia-se, associando-se, então, a hígidez com a adiposidade. Quanto mais dobras se tivesse, melhor seria. Até a mulher dos antanhos caprichava nas celulites e noutros qualificativos resultantes dos excessos alimentares, exibindo as formas nas enormidades do corpo. Três delas que conheci, irmãs de sangue, receberam da irreverente rapaziada, hoje prateando as tēmporas, o apelido coletivo, mesmo que no plural, de *albacoras*, tal o volume que ostentavam, observadas, porém, individualmente, no singular, portanto. Eram disputadas pela gente do bairro e admiradas com olhos pidões pelos meninos impúberes naquele desfilar, de idas e vindas, ao parque ou à Festa da Mocidade. Amigo meu, de prenome bíblico – Moisés –, sonhava com elas em grandes mergulhos nos oceanos das paixões irresistíveis.

Hoje, não, há um culto ao corpo e a malhação tomou conta dos jovens, dos amadurecidos no carbureto dos anos e dos incluídos, agora, na chamada terceira idade, às vezes, até, terceirizados, para usar o linguajar da pós-modernidade. Nos ambientes abertos, para tanto preparados, anda-se loucamente, corre-se ou pratica-se a ginástica das perdas de calóricos e bem degustados manjares. No Parque da Jaqueira, por exemplo, há um batalhão de pessoas caminhando pela pista de *cooper*, no sentido anti-horário, a maioria, como se estivessem, também, contestando o passado e do jeito que segue o relógio, poucos, rigorosos com os princípios e os tempos, imagina-se. Faz gosto reparar nos trajes e prestar atenção às conversas ou entender sentimentos expostos, naquele ponto verde que se insere na selva de pedra do Recife.

Descubro que sou, na verdade, o mais desengonçado dos andarilhos, pois que a bermuda e a camisa, como as meias e os tênis, nada têm em comum, não combinam, enfim, diferente do companheiro – sem alusão a partido político – apressado, à minha frente. Todos, então, vestem-se a caráter nesses dias de inverno emergente, ostentando grifes e marcas que não conheço. As senhoras, pior, capricham no visual e são no parque, ao que parece, representantes, as mais elegantes, da finura provinciana. Dia desses, galega oxigenada, embora

bonita, usava uma blusa marrom-claro e uma bermuda da mesma cor, escura, porém, fazendo o gênero tom sobre tom. A loira de preto passa-me um rabo de olho, de soslaio. Não ligo. Considera-me um intruso, com certeza, posto assim no seio da elite. Como estava usando camisa com inscrição muito apropriada à reação – “Não adianta me seqüestrar: Sou professor.” –, presente, aliás, de meu ilustre amigo Edir Carneiro Leão, que vem se especializando em convívios, desprezo o imaginário e sigo a seta, contando metros e quilômetros.

A mulher, quase ariana, que anda com o marido e os filhos, tem um quadril enorme, à moda das cadeiras, como se dizia dantes, em alusão às partes femininas protundentes, mas não inteiramente pudendas. Por certo, traz nas veias sangue d’África! A outra, na contramão, tem os cones lácteos balouçantes e extremamente volumosos, como se fossem grandes bolas prestes a vencer a resistência da intimidade da centenária peça: o sutiã. O barbudo cinquentão anda de mãos dadas com moça de morenidade gilbertiana à mostra, a tirar pelas pernas que exhibe e pela cintura pélvica que movimenta, na casa dos vinte. À saída, não resiste ao côco, mas atende ao marido e se resguarda no carro, esperando a água e a polpa, abrigada de possíveis flechadas de cupidos ocasionais. Não sabe o colega de pista o trabalho que dá sustentar ligação assim, de muitos anos contados na diferença dos cônjuges. Vai ter que freqüentar as discotecas todas da vida e rebolar o corpo cansado, já, no merengue da esquina. E com esse ciúme todo, piorou! Quietinha no automóvel sorveu o líquido mágico, pediu uma laranja e sumiu, como todos os outros do parque, por um dia, apenas.

Depois da caminhada, a parada obrigatória no estabelecimento do *Baixinho*, uma carroça, na verdade, com laranjas-mimo e exemplares do fruto com o sobrenome de outro, a pêra. Ele e a mulher atendem à clientela com presteza, descascando e cortando, recebendo o Cruzeiro Real em agônicos suspiros e fazendo projetos para a nova moeda.

## Sociologia da Gafieira

Em tempos priscos, idos e vividos, a gafieira era, sem dúvida alguma, uma instituição diferente. Toda a gente sabe disso, se dos

quarenta já passou e nos cinquenta encostou. Reunia o proletariado, em maioria, mas admitia, muito a gosto da diretoria, a rapaziada de classe média, remediada da sorte, permitindo a dança e facilitando a corte. Abria as portas, solene e religiosamente, quase, nas noites de sexta, repetindo a dose no sábado, incursionando pelo domingo, das 10 às 15, nada mais, nada menos. A moral do tempo e a ética da gafieira eram defendidas, ardentemente, pelo fiscal de salão, não sendo permitido ao cavalheiro aproximar-se da dama mais do que o necessário ao rodopio no salão.

Hoje está tudo mudado. A gafieira é lugar de gente fina, de gente carregada nos anos, quarentões e quarentonas largados da família: separados, desquitados e divorciados. A intenção é uma só, independentemente dos sexos, da idade e da cor, a caça às bruxas ou aos bruxos. Nas mesas de pista, basta uma dama levantar um copo de cerveja e o marmanjo aparece, faz o convite e se joga na lambada. Aos cavalheiros cabe fazer o reconhecimento estratégico da mulherada, anotando, aqui e ali, uma figurinha ou uma figurona mais atraente em disponibilidade – sem alusão aqui às medidas provisórias –, preparar o bote e aproveitar o mote, que a noite é menina. A noite, aliás, nunca fica velha.

Na verdade, quem bem definiu a situação reinante nesses recantos modernos – gafieiras estilizadas – foi cunhado meu, quando disse, conceituando o caso: “A Noite dos Desesperados!” E era mesmo! Uma loura empeiticada, de longe, levantou a bandeira de luta – o copo de cerveja –, fazendo ao cunhado o convite, sem esperar da mulher, legítima, casada e sacramentada, a reação: um muxoxo, sonoro, aos ouvidos de quem quisesse ouvir.

De outra feita, um camarada boa-pinta, adepto do machismo dos anos 1960, mas verdadeiro cultor do rabo-de-cavalo, usado e abusado na mesma década – usa o adorno em homenagem a um amor perdido –, foi confundido por um bêbado. Pensava o seguidor de Baco tratar-se de uma dama e confidenciou aos cochichos a choradeira toda da vida. Depois, tomou um susto desgraçado, quando viu que a figura, de rabo-de-cavalo e tudo, era machão desgraçado, brabo feito uma capota, capaz de um safanão se a conversa não findasse, se o papo fosse adiante.

Outrora, a rapaziada chegava da casa do sogro, deixando a namorada envolta pela coberta dos sonhos, e ganhava a rua. Ia baixar no primeiro terreiro que encontrasse e lá dentro ensaiar o bolero, o tango e o samba. Ia dançar com a ama de casa, com a babá do vizinho ou a empregada do melhor amigo. Tudo, rigorosamente, nos trinques. Quando dava, o amor pintava e o casal se mandava para os recantos bucólicos que cercavam a gafeira. Haja capim pela frente, lama para botar medo em qualquer um e carrapicho para denunciar ao velho, de manhã cedo, as artimanhas da noite.

Mas, toda gafeira que se preza tem lei, tem ética e tem fiscal de salão, como bem me explicou Lígia, da assessoria doméstica aqui de casa. Mulher na pista, dando bobeira, não pode recusar convite. Se o fizer, merece a repreensão justa do fiscal e na reincidência, o destino é a rua. Agarradinho, piorou, só do portão para fora e tanto faz se casado, amancebado ou amigado.

## Sociologia do Mercado Público

Um mercado público é um mercado público, nada mais que isso, quer dizer, um lugar, simplesmente, no qual são vendidos centenas de itens domésticos e assemelhados, da cenoura e da laranja aos equipamentos elétricos e outras bugigangas. Vende-se de um tudo, diria o matuto brejeiro, desligado dos shoppings e de recantos parecidos do consumo urbano. Mas, no mercado público é possível encontrar certas e determinadas peculiaridades do comportamento humano, conforme, mesmo, o segmento social do freguês e segundo o dia da semana. Sei das coisas que acontecem, especificamente, nas manhãs de sábado ou de domingo, pois, vez ou outra, preciso complementar a culinária de casa com mais um quilo de tomate ou trazer pimentões verdinhos, verdinhos, para encher de carne moída e degustar ouvindo a Rádio Universitária. Aí, amigo leitor, para desaparecer, para afugentar a irritação emergente, não há outro caminho, senão o da observação detalhada da gente do mercado. É o que conto agora:

O domingo é, ainda, mais bucólico que o sábado nos mercados públicos do Recife, na Encruzilhada ou na Madalena e no de São José por certo que também. Mais bucólico e de alguma forma mais nostálgico. As pessoas circulam vagarosas pelos corredores, verdadeiras alamedas sentimentais do intercâmbio comercial, olhando para todo o lado, fazendo do momento, ao que parece, uma hora da saudade. Um tio meu – Sileno Marques – faz isso, com toda a certeza, quando observa cada um dos boxes e se lembra dos passeios matinais, aos sábados e aos domingos, de irmão seu, já encantado na noite dos tempos, mas assíduo freqüentador do Mercado da Madalena, enquanto viveu e pôde carregar a sacola de plástico estilizada. Muitos recordam tempos pretéritos, quando o caminho das compras tinha por guia a mão zelosa, cuidadosa, da mãe ou a voz atenciosa, da vida a diretriz, do pai ou estão se lembrando da feira bem escolhida, feita sem muita dificuldade, com a féria do mês. Eu não! Não tenho essas lembranças! Sou nascido e criado fazendo feira aos sábados, mas em Santo Amaro das Salinas, com direito a ser, devidamente, acolitado por um carregador especial, *Pássaro Triste*, o único ser humano que perdeu o humor definitivamente.

No mercado há gente de todo o tipo, gente pobre, miserável na forma da lei, vagabundos, como os que vi em Londres, encapotados e falando inglês, literalmente, certo. Ou os remediados da sorte e o povo de classe média, em maioria. Rico não entra em mercado público, em virtude da proibição antiga, secular e bíblica, de não entrar, também, no reino dos céus. Do reino, mesmo, estão ligados à pimenta e ao queijo. Ao bacalhau ou à sardinha ligam-se, de igual forma, contanto que sustentem o hábito velho dos colonizadores de Portugal, da comida fina, mais temperada que tropical, propriamente. Tudo fedendo a tempo!

Os vagabundos carregam pelo mercado o fardo da vida, representam, naquele sistema de multiplicidade social, bólidos errantes, cujas órbitas não foram, inteiramente, limitadas. A cada passo e em cada box mendigam um naco, que seja, de alimento sólido, duradouro ou um trago, que se beba, do líquido capaz de embriagar a mente. Dessa forma, não se sente e ao sentimento se mente!

De estilo, somente, as senhoras, madonas desta vida, sem vida, por vezes, que passeiam no mercado para escapulir, por certo, das horas de casa. Quarentonas convictas e efusivas cinquentonas, cientes dos atributos passados – todas elas –, guardados anos a fio, para um passeio como esse, fosse onde fosse. Pernas marcadas e coxas pintadas pelo varicoso azul dos tempos vividos e das horas sofridas. Padecer esmaecido, quando o olhar masculino denota agrado e traduz o afago. Maridos desatentos, sonolentos, ainda, distantes, desconhecem que a semana tem um vestíbulo e toda estória mesmo no mercado tem um epílogo.

Os homens nas compras, pode crer o leitor e acreditar, com todo o respeito às leitoras, prestam mais atenção à moda que aos modos. Eu fico com a moda e os modos da mulherada, trago as compras de quebra, apenas, porque criação maior que a da mulher, eu estou para ver, dar recibo e pagar o imposto devido.

É isso aí, o mercado público e sua gente! Dava para escrever o dobro, mas o espaço tem limite por aqui e eu já passei da conta, contando nos dedos a linha que posso contar.

## O Doidinho da Católica

Ensina o mestre Ariano Suassuna, de todos os saberes e de todas as artes, que em cidade pequena, do interior, há sempre um doidinho pelas ruas. Na metrópole, igualmente, em cada bairro pontifica uma dessas figuras de maluquices emergentes. Aqui na Boa Vista, nos domínios pombalinos, como diz o nosso cronista-mor, Paulo Malta, havia o Calixto, cujo ponto preferido, durante muitos anos, foi a Universidade Católica. Ali, na Unicap, atendia aos mandados de muitos, de funcionários e de alunos. Comprava um lanche aqui e outro acolá, abastecia assim os estômagos alheios e se reservava para fazer a derradeira refeição em casa de conhecido. Fosse por cá, na minha moradia ou mais para lá, onde assiste a filósofa maior, Maria do Carmo Tavares de Miranda. Comia e depois pedia um calhamaço de jornal, indo agasalhar-se para as bandas da Sossego, como se o nome desse paz à rua, num terraço qualquer, de uma clínica ou de uma empresa de comércio.

Gostava Calixto – *Piuíte* por apelido - de imitar artistas de circo, de se munir com dois pedaços de cabo de vassoura e fazer girar, assim, um terceiro, andando, loucamente, pelas ruas do bairro. Não ligava para os carros ou para os ônibus, muito menos para os veículos menores, motocicletas ou bicicletas. Passava por todos os perigos do mundo e saía sempre ileso. Quando na cidade se instalava um picadeiro qualquer, batia palmas por aqui e pedia o dinheiro da entrada, deliciando-se com o espetáculo, fosse o que fosse. Voltava no dia seguinte e contava tudo, com detalhes, arremedando o palhaço e fazendo as piruetas do macaco. Só não voltou, de logo, naquela vez em que instado a comprar, imediatamente, duas pilhas para a máquina de fotografias, num sábado de aniversário infantil, retornou no domingo, já, com o material e a desculpa amarela de não ter encontrado, de pronto, os apetrechos energéticos. Quase puxo-lhe as orelhas!

Tinha, porém, um exagerado cuidado para não tocar em dinheiro, reconhecendo a sujeira, certamente, a das cédulas e a do metal, vil, sempre, razão para se munir de sacos de leite, postos à semelhança de luvas em suas mãos, que eram muitas e muitas vezes lavadas. Uma mania de suas inúmeras maluquices! Inofensivo, porém, não causava pânico aos transeuntes, mesmo que desavisados, fazendo

um tipo diferente, a saltar o tempo todo, quase, com as mãos enluvadas pelos sacos, batendo palmas, simplesmente, para a vida e para o mundo. Quando solicitado, dava apitos, qual a locomotiva de Ascenso, “danada pra Catende com vontade de chegar”, lembrando, por certo, tempos da infância na Mata-Sul, no meio do canavial brabo, apanhando de relho do pai, que não compreendia as suas deficiências. Um dia fugiu, ganhou o mundo e veio, como toda a gente faz, assistir no Recife, onde conheceu o mar, em Boa Viagem, dando mergulhos enormes, buscando outros mundos Quem sabe?

Uma certa vez comentei: “*Piuite!* Você está ficando velho, cheio de cabelos brancos!” Respondeu no ponto: “É sinal!” Não acreditou quando lhe disse que todos estamos marcados para morrer e falou, na perplexidade das interrogações e das exclamações infantis, ainda: “E morre, morre? Sabia não!” E morreu sem saber! Contam que durante um assalto estava nas proximidades e passou a fazer as piruetas todinhas que sabia, levando do ladrão assombrado uma bala maldita e mortal.

Hoje, virou corredor das nuvens, aplaudindo o éter!

OBS: *Piuite* reapareceu e explicações não deu de onde teria ido e passado tantos meses, como passou.



## Prenome e Cognome

Em reunião mais do que sacrossanta, porque realizada em salão, reservado e restaurado, de velho convento da Olinda de todos os mares, o telefone celular tocou ou vibrou, simplesmente. Não costumo atender o equipamento da modernidade em momentos assim, de grande concentração mental e sobretudo exigentes em decisões duradouras, mas dessa vez cedi à tentação. Do outro lado, o interlocutor fez uma saudação ruidosa, de quem conhece o semelhante há muitos carnavais e deu o prenome, somente: “É Walter!” Ora, ninguém se identifica, apenas, pelo primeiro nome, omitindo o sobrenome, especialmente quando não se vê o penitente há mais de vinte anos. O personagem desse drama que aflorava, todavia, insistiu: “Não está me conhecendo?” Respondi, meio sem jeito: “Ainda não. Faço, porém, um grande esforço de memória e dentro em pouco chego a você.” Tentou continuar a conversa e adiantou mais da sua identidade: “Sobrinho do finado Wilson!” Piorou! Fui aos escaninhos da imaginação e não consegui juntar nada com nada, isto é, o prenome ao parentesco, pior o falecido e seu nome. Como não havia jeito, complementou, soletrando, quase, em voz forte: É *Coruja*!

Ora, de *Coruja* me lembro! É claro! Amalucado, desde a mais tenra e incompleta idade, ajudou-me a fazer poucas e boas com a gente do bairro e com os forasteiros que namoravam as vizinhas e roubavam a mulherada da redondeza. Certa vez, trouxe da Matriz de Santo Antônio um retrato deixado no lugar das promessas. As pessoas faziam o pedido e a fotografia ficava, encarregada de continuar pedindo ali a graça desejada e pretendida. Era uma senhora muito gorda, com uma papada avantajada, de vestido colorido, estampado com flores. Horrível, coitada! Mandeí, então, o *Coruja* procurar primo meu que vinha namorando uma moça na Visconde de Suassuna, para entregar a foto, dizendo que a antiga sogra, saudosa, ainda, mandava como recordação o seu busto, vestindo a chita que recebera de presente dele mesmo, do primo. Foi uma encrenca séria! A minha intervenção sanou a questão e hoje vivem casados e bem casados, parece! De outra feita, o *Coruja* assumira a condição de pregador dos Evangelhos e andava com uma Bíblia, acima e abaixo, candidato à condição que hoje tem, a de pastor enlouquecido! Por cinco cruzeiros pregou a Palavra e apanhou!

No meu gabinete, com hora marcada e audiência aprazada, contou a desdita. Viajando a São Paulo, de ônibus, pra fazer um curso e melhor falar do púlpito, foi vítima de um acidente e só não terminou despachado para os céus, porque tinha ligações com São Francisco de Assis, dos tempos de católico e a ele recorreu, disse. Precisava, agora, de uma cirurgia que lhe corrigisse a coluna! Devidamente encaminhado, então, fez o relato de seus anos todos. Vivia do dízimo alheio em igreja que edificara num subúrbio pobre e por isso, mesmo, estava providenciando um dormitório no primeiro andar, contanto que tirasse um pouco mais em sua eclesiástica fêria, para atender à feira dos meninos. Casara uma filha, não ele, propriamente, pois não sabe, ainda, das palavras e das formas, dos ritos e da liturgia. Um velho álbum de fotografias documentava tudo, da casa em que morava ao templo de seus ofícios, a família e a esposa, o matrimônio da filha e a igreja ainda não concluída, com o andar de cima em construção. Ora pastor *Coruja*, indaguei: “Onde já se viu igreja com dormitório? É um templo ou um motel?” Não gostou e retrucou, de logo: “Doutor! Sou um homem decente, agora!”

## No Mundo da Lua

Trabalha aqui pela redondeza, sob as ordens de Gilberto, o *Diretor da Rua*, como se julga, pois que instalado em área cercada pelo gelo baiano, tem gabinete funcionando em mesa de dominó. Vive pra lá e pra cá, pastorando os carros, lava um aqui e outro acolá, mas quando chega o meio-dia, não suporta mais a jornada e a labuta, toma o ônibus de volta e vai para o aconchego doméstico. Mora com a mãe, já me disse, porque apartado da mulher, como se encontra, virou um sem-teto e retornou ao recesso do lar. Tem prenome diferente – Gildásio –, por isso mesmo, sugeri a mudança! Passasse a adotar Gerbásio Fioravante e dessa forma assumisse uma nobreza diferente, de quem só precisa trabalhar metade do dia, queixando-se, todavia, da falta de dinheiro o dia inteirinho. Respondeu: “O meu nome é Gildásio, mas o senhor pode me chamar como quiser.” Todas as vezes, então, que o trato com a nomeação diferente, diz a mesma coisa: “O meu nome é Gildásio, mas...” Vive no mundo da lua, desligado de tudo e de todos.

Dia desses, tocou a campainha e, ao entrar, comunicou a boa nova: tinha sido pai. É que deixara a patroa, a qual, sem que soubesse, restara grávida e o animava, agora, com o rebento chorando horrores. Precisava, pois, de mais uns trocados para a feira, o leite e o açúcar, o engrossante e a fuba. Já não dava mais a fêria que recebe. Pediu para assumir a lavagem do carro e se comprometeu a vir todos os sábados. Conseguiu a proeza em dois, apenas, mas veio num domingo qualquer fazer um extra. Afinal, precisava comprar um ursinho de pelúcia para a criança e com aquele dinheiro cumpriria a despesa. Marcara, inclusive, com a dona da loja do bairro a visita dominical e ela o esperaria até as dez horas. No momento de ajustar o preço, disse que, de hábito, cobra R\$5,00, mas para mim, seu freguês e amigo, era somente R\$4,00. Pedia, porém, R\$1,00 emprestado, para fazer face à despesa contratada. Ora, seu Gerbásio, retruquei, de que serve o desconto, se tenho que lhe devolver em empréstimo? “O meu nome é Gildásio, mas...”

Inventou, agora, de raspar a cabeça, usando a máquina zero. Com isso, explicou, pode passar mais tempo sem gastar o apurado no barbeiro. Essa depilatória medida deixou de fora cicatriz muito grande na têmpora direita, resultante de uma queimadura há mais de dez anos. Quando o vejo, não descuido: “seu Gerbásio! Está melhor da

queimadura?” E ele: “O meu nome é...! Estou melhor, obrigado!” Faz por aqui uns mandados a pedido de Lígia, que há muito tempo movimenta o fogão e exerce o mister da faxina, lavando e passando, também, a roupa de todos os dias. Providencia o pão e traz o café, compra o remédio e procura o gás. Carrega a feira da garagem à despensa, mas não dispensa a gorjeta, R\$ 1,00, que seja, justifica-se, sem lembrar de todos os empréstimos resultantes de seus abatimentos e de suas contas, de diminuir e de somar. Indagado se teve, recentemente, um filho, não deixa passar a perplexidade que assume com a inusitada pergunta e responde: “Foi a mulé!”

Dia desses, chegando muito cansado, de reuniões e reuniões, fez questão de perguntar se de encontros assim, coletivos, já participara? O Gilberto, *Diretor da Rua*, antecipou-se. Já havia participado de uma, há muitos anos, na escola Gigantes do Samba, para escolher o enredo. Foi de paletó e gravata, um conjunto do casamento, ainda, mas, depois, sem suportar o calor e os apertos no pescoço, deu quase tudo de presente e cortou as calças, fez do restante uma bermuda. E fez muito bem! É de Gilberto, também, a explicação das posses de um certo senhor, conviva das conversas fiadas da rua, contou-me Saulo, motorista do automóvel em que ultimamente trafego: “O homem é tão rico, mas tão rico, que comprou um cotonete em Boa Viagem para receber as gatinhas.” Ora, Gilberto, o nome do apartamento que é, na verdade, um aperto é outro: “quitinete”. “O meu nome é Gildásio, mas o senhor pode me chamar como quiser!”

Gildásio ou Gerbásio Fioravante morreu assassinado na porta de casa. Meteu-se com mulher casada e pagou o preço da vida, que preço não tem.

## Mordomia Extravagante

Um amigo meu, muito sério e muito puro, integrante, aliás, da confraria dos Veranistas Descalços lá de Pau Amarelo, se bem que meio distanciado do papo e da areia da praia, me contou uma suficientemente capaz de fazer o leitor cair para trás mais de trinta vezes. Disse que residia perto de um motel aqui mesmo no Recife e embora para as bandas do recanto do amor não olhasse, senão com os olhos do perdão, anotou fatos e casos dignos de registro. O mais extravagante eu conto agora.

De hábito, às segundas, quartas e sextas, no pátio dessa moderna casa, na qual se pratica o exercício do amor, estacionava uma ambulância e dela saía um casal, o motorista e a atendente, invariavelmente. Ora, sendo o veículo alto, grandalhão, não havia como se acomodar numa das garagens de prédio assim, cujos cômodos têm destinação tão específica. Ficava ao sol, expondo o letreiro vermelho, cor de sangue, a sirene com a luz encarnada e a placa oficial.

Com as medidas saneadoras do uso e do abuso de carros do governo, o ilustre amigo resolveu meter o bedelho na questão, isto é, interrogar o motorista sobre as incursões que fazia ali, em tempos como esses, de tantos rigores. Queria, também, detalhes a propósito da morena bonita, faceira, tipo dona boa dos anos 1950, assídua, de igual forma, naquele lugar. O barnabé municipal justificou-se como pôde, dizendo que fazia viagem longa e estafante, do Agreste até aqui, agüentando o frio de manhã cedo e o calor o resto do dia e quando chegava ao Recife, depois de se desobrigar dos doentes, desejava sombra e água fresca. Escolhera o motel por ser mais isolado, mais aprazível, lembrando um pouco, pelo menos por seus jardins, o recanto agrestino onde nascera. Admirava, também, a tecnologia avançada do videocassete e de outros aparelhos mais, os quais não chegaram, ainda, para os lados em que morava. No lugarejo em que sobrevive, explicou: “não havia motel e muito menos filme com enredo erótico.”

Conversa vai e conversa vem , à sombra de um “ficus benjamim”, na beira da calçada, confessou a sua paixão pela morena de belos contornos. Era casada e bem casada, além de ser carinhosa e bem apetrechada. Mas, em cabine de ambulância, viajando pra cima e pra baixo, léguas e mais léguas, não há quem resista a uma conversa

bem fiada. Conhecia outros casos, envolvendo sempre motoristas do Agreste ou do Sertão. Nunca com a gente litorânea ou com o povo da Mata. Não que seus colegas do litoral, os matutos criados com cana-caiana sejam desprovidos da arte de fiar conversa ou as mulheres sejam feias e pouco atraentes. A pouca distância, o trânsito engarrafado e o movimento exagerado atrapalham o papo, botam gosto ruim na conversa.

Assim, tomou-se de amores pela morena e passou a bater ponto naquele motel. Chova ou faça sol, às segundas, quartas e sextas aparece por ali. Vai tomar um deforete da vida puxada que leva.

É isso aí, amigo leitor, se a moda pega, vamos ter camburões da polícia, carros de bombeiros e até veículos funerários fazendo ponto em motéis. Já pensaram num rabecão com o coveiro e a zeladora do cemitério, estacionado no pátio de casa assim, especializada em amor? Das duas uma: ou os motéis se adaptam, construindo grandes garagens, verdadeiros galpões, ou os administradores públicos tomam jeito. As mordomias federais estão se diluindo, ao bater do martelo, mas ficaram as periféricas: as estaduais e as municipais.

## Quarto de Hotel

Aqui, neste quarto de hotel, distante de tudo e de todos, faço o exercício da solidão ou a prática do diálogo interior, que é o monólogo d'alma. Sou ao mesmo tempo, descubro, duas pessoas: uma que pergunta, apenas, e outra que responde, somente. Rejeito as companhias que tenho, os trovões e os relâmpagos nos céus de Belo Horizonte e vou à janela convocar parceiros para a longa jornada do absolutamente nada. Afinal, os programas de televisão não passam dos desenhos inteiramente desanimados e dos filmes de monstros. Nenhum diretor de TV considera, com razão, que no horário da tarde um marmanjo qualquer possa ligar o receptor. Ora, cheguei com 12 horas de antecedência e não há o que fazer, senão isso, refletir e olhar os ares do mundo. Há gente, todavia, como posso identificar, nos arredores do imenso prédio em que me encontro. À direita e à esquerda, em frente, especialmente: cumprem todos as rotinas do dia-a-dia das coisas. Uma senhora muito velha, a jogar baralho, e uma moça findando o banho, um casal, o chefe e a secretária, encerrando o expediente e finalmente um jovem digitador, ao computador, mas com fones de ouvido, para esquecer da labuta o tédio!

A idosa mulher distribui as cartas sobre a mesa e fiel às regras do jogo realiza, com paciência, a união dos valetes e das damas, dos reis de copas e de outros naipes, também. Tem muita dificuldade em juntar as peças da sua partida solitária, mas vai fazendo como pode, coçando a cabeça branca, vez por outra, num princípio de desespero que não lhe toma o espírito. Por certo, é viúva, já viveu dias melhores e pôde dispor de companhia em horas assim, de isolamento estabelecido. Se foi feliz no casamento, se teve filhos ou não, é impossível concluir dessa distância, numa visão simplória de seu apartamento, tão apertado quanto a gaiola de seu pássaro. Um canário belga, então, trinando os acordes das saudades, porque as aves encarceradas cantam em louvor à fêmea imaginária, sempre. Desiste do baralho e liga o aparelho de televisão, sintoniza o canal desejado e se deita numa cadeira enorme. É gorda, descubro, obesa mesmo, imagino, enquanto lhe observo o jeito, alisando o imenso ventre, posto assim, à curiosidade de forasteiro como eu, sem ocupação, que seja. Abre a boca, fortemente, arriscando deslocar a mandíbula, tal o sono de que é tomada. Faz o sinal-da-cruz

na cavidade oral, aberta como está, virada para o mundo. Apaga a luz e se recolhe. Vai dormir, imagino! Não tem insônia, reflito! É diferente de mim!

À esquerda, porém, há mais vida e mais movimento, na larga vivenda do quarto andar. A empregada, vestida a caráter, de azul-marinho e golas brancas, arruma a cama do casal, bate o lençol e forra a colcha que me parece de cor vermelha. A moça, ao banheiro, por trás do vidro quase fosco, deixa aparecer do pescoço para cima, apenas, com a toalha posta à semelhança dos lutadores de boxe e passa o pente nos longos cabelos negros. Lembro-me de Sophia, então, musa dos meus anos de menino, trancafiada em casa, para não mostrar a beleza a toda a gente da rua. Olha, da forma mais fixa possível, em direção à janela do hotel, assistindo, de longe, à minha solidão. Termina o exercício com o largo e bem cuidado, parece, manto piloso e sai, vai assistir televisão, também, na sala de casa. Não chegaram os pais, compreendo, ocupados ainda com os ardores do trabalho e a telinha ajuda a matar o tempo. A escuridão da noite, entretanto, vai acendendo as luzes da moradia, uma na frente e outra atrás, a do corredor e a da varanda, a da área, finalmente, onde vive a criada, fantasiando o porvir, nutrindo os devaneios da metamorfose da criatura, cujos horizontes, socialmente estreitos, reclamam larguezas.

Diante de mim, bem na frente, um escritório vive o final de mais um dia e o chefe, de gravata encarnada, salpicada com detalhes que não posso divisar, exatamente, faz o balanço da jornada com a jovem secretária, cuja blusa, percebo, é da mais pura seda, champanhe na cor. Noto que ajeita os cabelos, bem soltos, com as mãos, dando um jeito, que seja, no penteado armado e arrumado pela manhã, ainda. Ouve as palavras nascidas na boca da autoridade competente e sustenta o diálogo, uma observação ou outra, mostra um papel e anota um lembrete, reúne formulários diversos e encerra o expediente, penso. Pelo menos, desliga a iluminação por inteiro. Vou descendo para jantar, quase informo, não fosse a distância dessa separação dos convívios. Escolho o prato à sugestão do garçom, que em Portugal se chama escarção, dizia Paulo Malta, e de logo retorno à solidão do quarto. À janela, outra vez, posso flagrar acesas todas as luzes do escritório. E a mais do que jovem secretária, terminando de vestir a



blusa, passa o pente, agora, na beleza de seus cabelos, dando adeus ao chefe. Pareço ouvir: “Até amanhã!”

A cama é grande e fria. O sono é bem maior e os sonhos inebriam o espírito. Até amanhã, também!



## Um Papa Tupiniquim

Bateu palmas no portão de casa como qualquer pessoa normal costuma fazer, desejando ter acesso à moradia escolhida. Apresentava-se, todavia, vestido a caráter, em trajes episcopais, o que me fez reconhecer, de pronto, a condição de bispo, de príncipe da igreja, imaginei. Eu era jovem, muito jovem e estava sentado no alpendre, em cadeira de balanço dos hábitos de meu pai, fiando conversa com o tio Cícero, figura folclórica, quase, cujos inícios profissionais, insistia em dizer, fora no exercício do mister de “Cachorro”, cujos direitos e deveres, francamente, ignoro. Levantei-me, de logo, para fazer as honras da família ao cura emergente, sobretudo porque na situação em que vivíamos, com o mestre Nilo Pereira – o meu pai – assim, doente, sob os cuidados de fiel sacerdote da ciência médica local, Ovídio Montenegro, nada mais salutar, parecia, que uma visita dessa. Fiz, então, todas as medidas da hora e da praxe e entronizei o novo figurante no terraço de casa.

Observei, de logo, que a presença do prelado não agradava, de todo, ao tio Cícero, pois que sendo espírita por convicção, andava às turras com toda a gente vestida em batina, fosse preta ou branca, marrom, como costumavam usar os frades, ou rubínica, a dos bispos e arcebispos. Abria uma exceção, mais do que honrosa, para o nosso Emérito, a quem enviava, regularmente, os livros de Alan Kardec, na vã ilusão de converter aos seus princípios o homem do Giriquiti. Mudou de idéia, porém, quando do visitante ouviu as devidas explicações. É que não era, em realidade, da Igreja Católica, justificou-se, mas de uma nova denominação, dissidente e criada por ele mesmo, após uma visão que tivera de um anjo do paraíso. Dessa forma, apresentava-se como papa, Dom Sebastião I, e ali estava com a finalidade de comunicar o ato e o fato, desejando ficar à disposição de meu pai para o que desse e viesse. Ora, refleti, prontamente, se uma figura dessa chega ao quarto, Nilo Pereira tem nova complicação e lá vai tudo outra vez!

Sustentei a conversa, então, no alpendre de casa, com o indispensável auxílio de Cícero, muito interessado agora na dissidência. O papa tupiniquim residia em pensão e templo não tinha para executar os ofícios, senão uma capela muito modesta para as

bandas de Água Fria. Precisava, entretanto, de nossa ajuda, com o objetivo, mais do que relevante, dizia, de exercer o seu papel. Pedia, pois, a indicação, aos amigos e parentes, de seu nome, para batizados ou casamentos, crismas e até para a unção dos enfermos. Afinal, tendo sido seminarista católico, aprendera a liturgia e os ritos, não envergonhando os circunstantes, como podia garantir. Não precisa também dizer que o tio Cícero, tomado pela piedade de seu jeito de ser e mais, considerando o homem seu aliado mais novo, providenciou um dízimo de última hora e uma coleção de livros especializados. Ao bispo ou ao papa D. Sebastião I parece ter agradado mais o dízimo que os livros. Contou, ainda, que táxi não pagava, haja vista o número de caronas, de padres e de leigos católicos, iludidos pela batina e o báculo!

Ora, onde já se viu um papa nascido e criado no Recife, com esse nome provinciano de Dom Sebastião I, arriscado, sempre, ao apelido corriqueiro de *Bastião*. Ainda mais, residindo em pensão, no centro da cidade, assistindo nas proximidades do mundano, sem igreja e sem ocupação, que fosse. Papa, ao que sei, nasce em terras gélidas, nunca nessa tropicalidade nordestina e habita um palácio, cercado de uma corte inteirinha, com seus cardeais e seus bispos, às vezes com as suas freiras, também. Não se sustenta de dízimos e não corre atrás de convites para a celebração dos sacramentos. Vive, na verdade, às voltas com milhões de problemas e tempo não tem para o comum das coisas. Mas, fomos levando o homem na conversa, explicando que o mestre Ovídio Montenegro proibira visitas, restringindo preocupações e outras injunções do espírito. O tio Cícero e o Dom Sebastião I fizeram, então, um pacto do cisma e o papa se despediu. Nunca mais apareceu!

E como não era pedra, em Pedro não virou e nada edificou.

## O Tio do Boy

Folclórica figura também, essa que pontificou por aqui, na minha rua. Passou anos e anos freqüentando a redondeza nos fins de semana, apenas. Vinha, na realidade, fazer um bico, ganhar um dinheiro qualquer nas cercanias, nos bares, cuja proliferação, de uns tempos para cá, tem sido crescente. Tomava conta dos carros e vendia jornal ou preparava o cachorro-quente e servia à clientela. Tinha, porém, a mania de me incomodar, quando a noite embalava a madrugada ou pela manhã, no domingo, já. Pedia um copo d'água bem gelado ou implorava um trocado, oferecia os jornais do dia, mesmo sabendo da minha condição de assinante ou inventava uma estória qualquer, de ladrão rondando a casa ou de suspeitos pela vizinhança vagando. Queria lavar o automóvel a todo custo ou fazer um mandado. Não usava o nome próprio – ignoro seu prenome –, preferia o cognome e se apresentava assim, como *Boy*, simplesmente. À porta de casa, quando indagado de quem se tratava, respondia da forma mais sonora que pudesse: “É o *Boy*!” E de nada serviam as advertências para evitar os incômodos.

Uma certa noite, eu nem havia percebido a ausência do *Boy*, embora me admirasse da hora correndo e do silêncio no portão, tocou o telefone celular. Ora, esse apetrecho da modernidade é de muita valia nos chamados dias úteis, mas costuma deixar o penitente em paz nos feriados nunca inúteis. Atendi e na perplexidade do momento, identifiquei o meu interlocutor de ocasião: “Aqui é o tio do *Boy*!” Imediatamente, antes mesmo de prosseguir no diálogo, fui ver se tinha jogado uma pedra na cruz, porque um padecimento desse só pode se reservar, mesmo, aos que apedrejam o crucifixo. Diga-me lá, meu senhor, perguntei: “Quem lhe deu o número deste telefone?” Não obtive resposta, antes ouvi, com igual perplexidade, a precisão do homem. É que morrera a avó do *Boy*, em cidade do interior, quando lá estava a passeio e o filho, tio, portanto, do personagem mais que folclórico, desejava trazer o corpo para o Recife. Gostaria, explicou, de contar com a minha colaboração, conseguindo uma camioneta e fazendo o transporte da urna funerária.

Pouco ou nada serviu a justificativa de não contar em casa com o veículo desejado e mais, o longo esclarecimento da ilegalidade dessa

remoção. O moço insistia com o pedido, dizia tratar-se de uma caridade e se não tinha a condução pretendida, pedisse a um amigo, falava, para atender a uma família assim, enlutada e chorosa, vivendo o pranto da perda. Confesso que não agüentei mais e terminei dando o número de outra pessoa, de um colega aqui das meninas, Alexandre de prenome, *Fofurinha* por apelido, passando adiante a questão. Fosse pedir a ele, que sendo dono de uma empresa dispõe de uma frota. E o danado do tio do *Boy* fez a ligação, mas não teve a sua desdita bem interpretada. O rapaz, diante da solicitação, imaginou tratar-se de brincadeira e levou o seu interlocutor na graça. Mostrou caminhos e ofereceu remédios, na galhofa, sempre! Mandou que solicitasse da falecida a colaboração, ressuscitando por algumas horas, apenas, e deixando para morrer na segunda-feira, quando tudo é mais fácil, ou que pegasse um ônibus e viesse morrer no Recife. Ou aplicasse, na veia da “véia”, a melhor penicilina, para levantar-lhe as forças.

É dispensável dizer que o tio, filho da defunta, desligou o telefone na cara e foi se resolver de outra forma. E do *Boy*, verdadeiramente, não se tem notícias. Ignora-se o destino. Se vive hoje dos bens da falecida avó ou se aproveita a pensão da previdência e vai levando. O certo é que por aqui, nos domínios pombalinos, metade Boa Vista e metade Santo Amaro das Salinas, nunca mais apareceu. Graças a Deus, aos anjos e aos santos.

## Riso Sardônico

Era um hipocondríaco de livro, não havia dúvidas, a tirar pelas inquietações e pelos medos que apresentava. Pior assim, na condição de estudante de Medicina, em contato diário com os textos clínicos e sobretudo vendo e seguindo, de perto, os doentes do velho Hospital Pedro II. Com o aprofundamento dos nossos convívios ali, numa das salas do posto de saúde, veio a confirmação de que não suportava ler o quadro sintomatológico de uma doença qualquer, sem apresentar as mesmas queixas. Ora, aquela garrafa de coca-cola vazia, examinada com presteza, e que tinha uma pequena falha no contorno, foi a primeira de suas manifestações diante de nós. “Engoli o vidro!” gritou para toda a gente, suspendendo as atividades e produzindo uma inquietação geral e irrestrita. Não houve quem lhe convencesse do contrário e à noite, internado no Pronto Socorro da Fernandes Vieira, viveu a glória dos que se julgam enfermos e exigem cuidados alheios. A estudantada, porém, matreira sempre, não dispensou do homem a neurose e daí por diante fez da hipocondria a bandeira de luta, levando ao desespero, quase, o neófito na arte de Hipócrates.

Em certa reunião noturna, na qual se estudava em detalhes as posições, em tudo, antecipadoras do professor Bezerra Coutinho, um dos alunos lia para o grupo a apostilha gravada e já transcrita das digressões filosóficas do mestre. Combinaram, então, apagar a luz e simular um *blackout*, depois que uma parte do texto fosse decorada, para que a leitura pudesse, aparentemente, continuar. Um dos acadêmicos foi à cozinha, alegando a sede emergente, e nesse momento desligou a chave geral. “Faltou luz”, disse ele, o nosso personagem, agora, de todas as hipocondrias! E os demais, a rogo, pediram-lhe silêncio, para o melhor entendimento do conteúdo, difícil e complexo. Com a insistência da falta de clareza suficiente, foi admoestado da forma mais severa possível. Não incomodasse, por favor, ou estaria se responsabilizando pelas notas baixas e a reprovação até, na disciplina do sábio pernambucano. Com isso, certificou-se de mais um problema e se levantou, bradando para todos, em voz alta e forte: “Estou cego!” Dispensável seria dizer que a risadaria foi geral e o estudo virou uma pândega, verdadeiramente!

Numa sexta-feira qualquer, chegou tenso para o trabalho. É que assistira a uma aula sobre tétano e aprendera os sinais e os sintomas da doença. Aprendera, sobretudo, que a contração dos músculos da face dá ao doente um aspecto peculiar, de permanente riso: o Riso Sardônico! Olhava-se, seguidamente, no espelho e esboçava aquela forma, mais do que patológica, de rir, e não suportando tanta ansiedade, terminou confessando: “Estou com tétano!” De imediato, armamos uma cilada, pedimos, então, ao nosso chefe que ao chegar simulasse, também, admiração com a postura assim, risonha, do nosso colega. E foi dito e feito: “Admaldo! Que riso é esse?” Não obteve resposta, senão a que se esperava, aos gritos, que encheram os espaços todos do posto de saúde: “Estou com tétano! Vou morrer! Levem-me ao Hospital Oswaldo Cruz”. E rimos às bandeiras despregadas, para perplexidade dos pacientes postos na fila dos exames e das consultas. Foi um expediente dos mais divertidos, naqueles encargos de antanhos encantados, dos quais restaram muitas e muitas histórias assim, engraçadas.

E Admaldo formou-se, viajou para bem longe daqui, onde ninguém desconfiasse de seus males ou de suas hipocondrias. Soube-se, depois, que a Medicina deixou, para não ter que adoecer todos os dias, chovesse ou fizesse sol. Já tinha tido um milhão de infartos e outros dois milhões de derrames, além de muitos e diferentes achaques. Nunca mais, entretanto, apresentara o Riso Sardônico do Tétano. Curara disso, pelo menos. Vive da criação de gado da boa raça, de corte e de leite, praticando um pouco da veterinária que ignora. Fez dos livros dos tempos de estudante uma fogueira bem grande e dos equipamentos de consultório entulho do quarto dos fundos. E vai vivendo, sem querer saber de moléstias ou de outras coisas assemelhadas.



## O Trem Bala

Quando eu era menino e usava calças curtas, gostava de fazer escavações no quintal de casa. Tomava a colher de jardineiro com que minha mãe cultivava as rosas do jardim e cavava o que podia lá no fundo do terreiro. Mal começava a operação, já minava água por todos os lados, assegurando-se, então, mais e mais, as origens do Recife, plantado sobre os manguezais dos outroras. Mas, na minha cabeça e no meu imaginário de criança era possível chegar ao outro lado da terra, abordando o Japão, assim, de forma tão artesanal. Fantasiava que de repente, não mais que de repente, um homem de olhos apertados ou uma mulher bonita, de feições orientais, surgiria dos fundos daquele buraco, emergindo nos meus domínios, naquela ambiência das minhas divagações lúdicas. Não imaginava, também, que um dia tomaria o aeroplano das invenções nacionais e dos sonhos de Santos Dumont e rumaria à Terra do Sol Nascente. Pois é, amigo leitor, viajei, cumprindo o inverso da trajetória infantil e surgi nas distâncias nipônicas, dos céus, ao contrário de minhas fantasias, de telúricas emergências. No aeroporto, a minha mãe, no habitual das coisas e das despedidas, disse: “Deus o leve!” Depois, lembrou-se que por lá, nas friorentas paragens do Oriente, quem manda é Buda e fez o reparo: “Buda o traga de volta!” Saiu-se bem e foi política, sobretudo, agradando às duas correntes, das crenças e da fé.

Tenho sobre os meus ombros, maduros, agora, a missão de observar o sistema de saúde, as razões pelas quais o Estado pode sustentar a chamada atenção universalizada, oferecendo a toda a gente, independentemente da classe social, a merecida assistência às injúrias do corpo e da alma, que acolhe o psiquismo humano. Como devo, de igual modo, visitar as instituições acadêmicas, conhecendo o evoluir das pesquisas no campo das doenças, principalmente aquelas de natureza infecciosa e de cunho parasitário, objeto de meus estudos, também, há tantos anos. Vou rever, da mesma maneira, companheiros que estiveram no Recife em tempos pretéritos, iniciando o intercâmbio na década mágica dos anos 1960, quando por aqui aportaram os desbravadores dessa ligação tão forte, já, no âmbito dos males dos trópicos e da implementação do sistema de atenção à saúde tupiniquim, embrionário, ainda. De trem bala, então, viajarei, pra lá e pra cá,

cumprindo a destinação da missão. Não significa, porém, que perca as minhas características de observador simples do cotidiano das coisas e dos costumes. Das pessoas, sobretudo, da criatura humana plantada de forma diferente, sempre, em cada recanto do globo, mas, com as mesmas qualidades e com as mesmas fragilidades da condição de gente, apenas, sujeita às intempéries do mundo de fora e do mundo de dentro, dos interiores, pois!

Quando a segunda-feira nasceu – o dia 3 de março –, parida das entranhas do feriado de fim de semana, na madrugada, ainda, em São Paulo, tomei o Jumbo da JAL e pelos ares do mundo faço como o poeta: “Vou danado pra Catende/Vou danado pra Catende/Com vontade de chegar...” Cuido em levar, a tiracolo, os agasalhos todos de que disponho e os que dispõem, igualmente, os amigos diletos, os meus companheiros de batente, da faina diária, os quais têm mais horas de vôo e se habituaram, já, à lâ e à linha dos casacos de frio. Pela internet, todavia, comuniquei-me com brasileiro largado para aquelas bandas e soube de seus tremores quando o dia amanhece em Tóquio e confesso os meus temores. Ora, sou nascido e criado no calor dos trópicos, acostumado ao suor pingando no rosto, de dia e de noite, e costumo bater o queixo diante das temperaturas baixas ou abaixadas. Não ligo o condicionador de ar, senão no mínimo da potência, puxando o lençol, de logo, para cima de mim, isolando-me do vento e da aragem artificial. Imagine ao natural!

Depois, à volta, hei de escrever as impressões de viagem. Fazer, como toda a gente que se preza e ensaia a arte do registro, um diário, assinalando as benesses e os tropeços.

## Cerejeiras Desfolhadas

Ainda é madrugada em Tóquio, descubro agora, nesta hora da antecipação de meu despertar, de um levantar mais do que precoce. E um vento frio, gélido, quase, vindo das montanhas distantes, sobretudo da enormidade do Fuji, assobiando a melodia de todos os zunidos, açoita as árvores e parece espantar a noite. Executa, em verdade, a lúgubre musicalidade do recolher dos fantasmas, com o clarear do dia, aos porões dos castelos abandonados, onde antigos casais enamorados, às escondidas dos censores, amaram-se, perdidamente! Ou anuncia, em realidade, o nascer de mais outra manhã de sábado, nesta prolongada estadia em terras nipônicas. É hora, também, de aproveitar o momento, de se deixar mergulhar, com a integralidade do ser, nas reflexões do Eu, para que não se perca um minuto, sequer, da existência humana, tão efêmera, já! À falta de um interlocutor, pois que todos dormem, no hotel e fora dessas acomodações transitórias, exercito o monólogo ou pratico o diálogo virtual do homem só, que enfrenta indesejadas vigílias. Ensaio, pois, perguntas ao léu e eu mesmo as respondo, cumprindo o destino das insônias, de conotações orientais, agora. Fazendo, então, da vigília a tela da minha única pintura, a qual vou emoldurando assim, com as minhas expressões de neófito, sempre, na literária arte de tomar a inspiração e transbordar o coração. Permito-me, dessa forma, que o imaginário ganhe as asas do lúdico mundo das fantasias e possa bailar na enormidade da criação.

Para quem os galhos das cerejeiras desnudas, ao pé de minha janela, estão dando adeus? Não imagino. Será para o forasteiro ocidental, posto em quarto de hotel, depois de se alevantar, a fazer divagações d'alma em torno da parição dos dias? Por certo que não! Ou esses movimentos largos, de braços desfolhados, mas repletos de botões, representam uma esperança de um novo florescer das cores? É isso aí, imagino agora! Com as flores de março, resgatam-se os amores e são banidas as dores para a tumba do nada. As paixões desesperadas, que se mostraram impossíveis aos olhos do mundo, vão ressurgir, espero, no emergir das saudades, sobre um arco-íris enorme de pétalas largadas ao sabor dos ares, que depois hão de flutuar à distância, em mares do sul, onde os afetos e os afagos se encontram. E as sereias, amantes do imaginário poético, abrem os braços e recebem os versos,

como se fossem abraços de jovens silentes ou ósculos de maduros senhores, de cabelos prateados e de corpos a vergarem na conta dos anos, apaixonados, ainda. A nudez da sereia é diferente daquela da cerejeira – a sakura dos japoneses –, pois que dura a vida inteira e representa a utopia da beleza feminina, da cintura para cima. É preciso perseguir a utopia, buscando, porém, em cada uma das mulheres do mundo, o tanto de sereia que possuem. Ninguém se apresenta ao jogo da vida, desprovida, inteiramente, desses atributos míticos. Aos olhos de cada um emerge a beleza, sempre. Basta olhar e ver.

E numa dessas nuvens de agora, na madrugada de Tóquio, flutua, entretanto, o poeta, exercitando o verso e arrematando a rima, mais e mais. Inspirando-se no porvir muito próximo das cerejeiras, a florescerem na largueza urbana, vai buscando as cores que marcam os sentimentos todos. Lembra-se do lilás e vincula a mansidão do tom à nostalgia das perdas, sentidas, mas aceitas, enfim! A conformação das rupturas, pois. E de logo vem à mente o amarelo, do ouro que reluz, trazendo de volta a esperança de encontros e de reencontros, do rever, então, de certas faces dos outroras ou de transbordantes carícias, resgatadas, então. Do vermelho, tira o fervor, com o qual um dia amou, loucamente, esmaecendo os arroubos d'alma na paz do róseo, de cuja placidez nascem os carinhos. E o azul? É a tonalidade das serenidades estabelecidas, reflete, enquanto vai colorindo os céus com o grande pincel dos amores, afugentando o cinza do firmamento, ameaçador, em tudo, aos ares do mundo e aos pares, amantes em flor, apartados, muitas vezes, na hora e no momento dos amplexos. O que dizer, todavia, do preto? É a ausência de cor, pensou o poeta, a falta completa de esperanças, a entrega do homem às frustrações da vida! Dessa forma, estão as criaturas que acusam os outros por seus fracassos, creditando a terceiros as próprias incapacidades do existir humano. Preenchem o dia-a-dia com a ocupação alheia, julgando o próximo, acusando o semelhante e descuidando de si, sem atentarem para a maior das lições, a que impede a interpretação dos sentimentos, das fragilidades de outrem.

E o dia foi clareando, alumando o tempo, afugentando fantasias e tangendo os devaneios. A realidade se fez presente e matou os sonhos. As divagações desapareceram num sopro e se aninharam nas nuvens da cidade grande e o ruído da vida voltou. E o inverno, em

estertores, cede lugar à primavera em flor. Amanheceu, finalmente, em Tóquio.



## Em Tempos Assim

Sentado assim, diante do computador, vendo as letras emergirem, fluorescentes, da intimidade da máquina, lembro-me dos velhos e já muito distantes anos do grupo escolar, quando sequer imaginava avanço tão grande. Ah, como as coisas mudaram nesse interregno de tempo – quatro décadas, pouco menos! A professora, D. Maria do Carmo de Albuquerque Mello, ia todos os dias ao quadro escrever o ponto, isto é, a matéria a ser explicada e depois estudada; ponto, aliás, cuidadosamente copiado por todos nós. Por mim e por Luiz Fernando Salazar de Oliveira, meu colega dos bancos de todas as escolas; por Silvio Romero Marques e por Carmen Sylvia; por Walfrido Antunes e por Carmen Chaves, ela musa das aulas e dos recreios. Havia uma inglesa, de nome Ana, parece, que no dia da coroação da Rainha Elizabeth II me deu de presente um lápis com o clássico *God save de Queen*. Nunca entendi aquilo, a lembrança e a escolha Onde andarás, em que terras, aquela figura loira, de cabelos quase brancos? E a outra colega, das morenidades provincianas? Vera, de prenome, cujo sobrenome não declino por hesitação da consciência. Nunca mais a vi! Perdeu-se, penso eu, na longa noite das décadas, trevas das lembranças. Perdidos, também, ficaram os devaneios de todos os meninos. Sonhos pueris.

Nesses princípios de meus convívios, sinceramente, tudo era bom ou quase tudo. Deliciosa infância a minha! Camisa branca com o monograma da escola, calças azuis e sacola de lanche levando o de sempre – pão com ovo frito e guaraná. Era jovem a minha mãe, o meu pai muito novo, eu não tinha os cabelos brancos de hoje e nem as rugas na face. O tempo passa e a gente marca! Sou da geração do pós-guerra, dos que nasceram sob o signo da beligerância mundial, daqueles amamentados em pleno *blackout*, criados e educados na linha-dura, pesada, das confrarias cristãs. Jesuítas e maristas, salesianos ou beneditinos deixaram nessas almas o sinete da carne, sem muito das virtudes do homem, da caridade e da fraternidade. Das proximidades, enfim, dos valores d'alma.

Geração da metamorfose do tudo, das ciências e dos costumes, posta como recheio do sanduíche da modernidade, entre o antigo dos anos 1950 e o avanço da década seguinte e da outra, assistindo, agora, à

materialização do progresso de que falava o meu pai, antecipando futuros. Pena que não os veja mais! Desatualizando-se, pois! Saudades, agora, de um porvir que na verdade não veio. Nostálgicas digressões de um órfão, na segunda-feira, passado o domingo dos pais, de todos, viventes e não-viventes. A caderneta da venda de seu João rendeu-se à tecnologia dos grandes supermercados, nos quais o simples digitar de senhas e de números para a conta e o banco desconta. E o livro dos estabelecimentos bancários, enormes, outrora, deram lugar às máquinas da modernidade, contabilizando cruzeiros reais e a irrealidade dos ganhos. O fax chegou e não há mais como reverter o progresso, como rebuscar nas gerações que chegam vocações para as cartas de amor, epístolas dos sentimentos.

No computador, porém, não escrevo; não posso criar, confesso! Nego-me a tanto! A padronização do *écran* inibe a criação, impede a expressão dos sentimentos no abraço das letras e na inclinação da escrita, segundo os afetos. Pode o amante digitar seus amores nesse teclado das friezas emergentes? Ou pode a saudade tomar corpo no branco desta tela, sem macular, assim, purezas virginais do alvo que tem o papel? Não há como ler, aos cochichos, a crônica impressa no vídeo, detectando sonoridades e afastando barbaridades, choques indesejados. Antes as rimas, nas tintas, sempre!

Obs.: Criava no papel e depois digitava, mas logo passei a fazer tudo no computador de casa.



## O Texto e o Vírus

O texto só nasce do imaginário depois que a inspiração aflora, trazendo as idéias e dando forma aos ideais. E a inspiração pode chegar a qualquer momento, em qualquer lugar deste mundo de Deus, no trabalho ou em casa, na hora de dormir e de sonhar com os anjos ou no minuto preciso do despertar pela manhã. As noites de insônia, entretanto, são pródigas na parição das idéias, especialmente porque nutrem as fantasias dos amores perdidos e das dores sofridas. E se o tempo vai passando, indiferente, deixando insone o penitente, não há solução melhor que aquela, a de sentar diante da telinha do computador e reunir as palavras, juntando as frases e criando os períodos. Quando menos se espera, está pronto o texto por inteiro, com a possibilidade de se mexer, aqui e ali, contanto que o desejado aperfeiçoamento das sentenças e a troca de vocábulos por outros, mais bem adaptados, se passe, sem os traumas do passado, de uma máquina de escrever determinando finalizações e sem as chances de mudanças ou de reparos. Sou do tempo, na verdade, da pena molhada no tinteiro, algumas decoradas no cabo com motivos coloridos, resultantes da combinação de fios de algodão ou de cordões de variadas cores. Depois, chegou a caneta tinteiro, a de marca Compactor, a mais popular entre os estudantes ou a Parker 21 e a Parker 51, outras mais de boa procedência e preços salgados, à época. Quando comecei a escrever, então, criava o manuscrito e passava à máquina depois, mas inquietava muito apagar os erros, usando, sempre, a borracha bicolor, azul e vermelha, um lado servindo para a tinta das canetas e outro para a impressão da máquina de escrever, cuja vida útil encontra-se em extinção irreparável. Peças de museu, doravante!

Mas, se o meu *notebook*, comprado em loja nipônica, nas ruas de Tóquio, em domingo de muito movimento, com o meu cartão de crédito tupiniquim, um Pentium75, me traz muita satisfação e alegria, às vezes me perturba o espírito. Agora, mesmo, depois de preparado o texto, descubro que há um vírus no contexto: o *wazzu*. O diabo do intrometido agente virtual contaminou o que escrevi, não apenas mudando a posição das palavras, mas sobretudo inscrevendo o seu estranho nome em todo o conteúdo das idéias: *wazzu*, *wazzu*, *wazzu*...Fiquei desesperado, quase, ligando para toda a gente conhecida

e tendo a mesma resposta, sempre, a da mais completa ignorância a propósito do inusitado e virtual micróbio. Finalmente, usando, ainda, a invenção de Graham Bell, mais do que aperfeiçoada, agora, encontro uma santa mandada dos céus da cibernética – Jacy Borba –, cujos dotes voltados para os segredos da informática superam os meus e com um programa simples destruiu o diabo do *wazzu*. Ora, sou de outras eras, quase digo, de outros vírus, simplesmente, da catapora e da papeira, do sabugo de milho sob a cama para apressar as manchas do sarampo e da vacina anti-variólica marcando o braço de toda gente, às vezes, as pernas das meninas. “Mostra a marca de tua vacina”, dizia-se, fortuitamente, jogando verde para colher maduro. Muito raramente a moça concordava com a solicitação, em tudo, real, de se vislumbrar a seqüela daquele vírus atenuado. Hoje, apareceram os agentes da Aids e o Ebola, outros mais estão surgindo a cada dia, com os nomes mais estranhos do mundo, causando danos enormes às criaturas humanas, sem jeito, ainda, de cura e de outros enfrentamentos.

Essa transmissão viral, de algum computador doente, já, para o meu decantado *notebook*, francamente, não sei como se passou, em outras palavras, ignoro o caminho epidemiológico da virose. Talvez tenha sido a internet a fonte de contaminação, haja vista a minha constante presença naquela rede internacional de informações, navegando, de biblioteca em biblioteca, à cata de minhas atualizações, em todos os campos dos meus desejos e dos meus pretendidos saberes, carentes, sempre, de mais informes. Tenho visto, às vezes, em minhas viagens virtualizadas, alusões a isso, à passagem viral de um a outro equipamento no ambiente da rede, mas não havia pegado, ainda, a enfermidade da cibernética moderna. A verdade é que depois de ter feito a retirada de uma revista inteirinha, com 146 páginas, deu a louca na máquina e o danado do *wazzu* quase não me deixa mais em paz. Resultado, não pude, como desejava, ler o periódico e se o remédio de Jacy Borba não tivesse efeito imediato, sinceramente, restava-me a decepção do nada a consultar mais. Aí contaminou tudo, incluindo um conto que estou escrevendo, sob o título *As Confissões de Sophia*, transmutando palavras e tirando o sentido de muitas das digressões da personagem dessa ficção emergente. No fim, no fim, com tanta mudança, foi difícil recompor a estória, restaurar a descrição dos dotes físicos da moça, seus pensamentos, palavras e obras, seus pecados

assim, contados ao padre Libório, o cura do lugar imaginário, Santana do Norte. Finalmente, Sophia renasceu das cinzas virais e vai se completando a cada noite maldormida ou em cada uma das madrugadas insones. Há de se tornar mulher de todas as ardências!

Sou amante do computador, reconheço, gosto das artimanhas da máquina, dos segredos pouco a pouco descobertos e dos novos comandos apreendidos com os meus convívios. Reclama a Dona Patroa e reclamam as meninas, mais da linha telefônica ocupada com as incursões à internet e menos com as ligações à virtualidade do equipamento. E eu vou administrando tudo isso, como se fora bígamo, agora, casado duas vezes, portanto, com a mulher, que é a companheira de todas as horas, e a máquina, companheira, também, das horas todas. A verdade, porém, é que depois do invento, francamente, tenho produzido muito mais e com a facilidade toda do mundo, além de me ligar com o resto da humanidade. Até aos museus tenho chegado, aportando com a nau das minhas curiosidades, para ver, de perto, as obras-de-arte todas. Sem falar em nossos artistas, como o João Câmara, meu colega nos tempos do colégio, dos jesuítas da antiga observância, vestidos a caráter, de batina preta e quente.



## Cão sem Gravata

Acontecem umas coisas aqui por casa, francamente, que o diabo duvida de costas. No entendimento de certos amigos meus, inclusive, tenho particular atração pelo inusitado, pelo diferente, nas chamadas ocorrências da vida. Dia desses, até, um sábado à noite, os ponteiros do relógio se preparavam para o derradeiro abraço ou para o primeiro dos amplexos de um domingo emergente, quando bateram à porta. Fui receber temeroso, pois que a hora já era aquela das entregas aos braços de Morpheu, o deus mitológico do sono e dos oníricos devaneios. Era um homem, então, com sinais mais do que evidentes de comprometimento ético e a indagação foi das mais complicadas de meu tempo nesses convívios terrenos: “Meu senhor, por favor! Onde eu moro?” Ora, prezado amigo, respondi a rogo, “como posso saber disso, se o senhor, mesmo, ignora a rua e a casa!” O penitente das exigências de Baco explicou-se assim: “É que fizeram a mudança hoje e sei, apenas, das características do lugar. Nada mais!” E fez a descrição precisa, levando-me à identificação, com sucesso, de seu novo apartamento. Recomendei, todavia, a aquisição do guia que escreveu o Mestre de Apipucos, para as suas futuras incursões farristas. Foi pior, pois quase me leva ao debate da obra inteirinha do sociólogo pernambucano, a quem conhecia pelos escritos.

Muito pior tem sido lidar com o cão daqui de casa, Yuri de prenome, sem *pedigree* e sem sobrenome, dado à pesquisa sistemática nas latas de lixo e noutros depósitos parecidos. O bicho não pode sair à rua, porque ladra para toda a gente que passa, causando pânico, verdadeiramente, dentre os traseuntes, às vezes pacatos, mas noutras ocasiões, enfurecidos e com razão. Tem por costume desaparecer e vagar pela Boa Vista ou pelos bairros adjacentes, especialmente quando encontra parceira canina disposta aos amores nas praças do lugar. Nas primeiras experiências do animal, tomado agora por vagabundo, ouvia-se por cá o pranto desesperado das meninas, mas depois todos se acostumaram com as fugas não aprazadas. Num sábado à noite, também, bateu à porta um dos vigias da redondeza e expressou as suas questões em relação ao cachorro. É que estando em seu local de trabalho, mesmo que às voltas com repetidas doses do produto derivado da cana-de-açúcar, contando com os serviços auxiliares de

uma cadela, viu-se invadido pelo danado do canídeo. Assim, seqüestrou o animal e para a sua liberação arbitrara resgate de R\$1,00. Mostrei que estava inflacionando o mercado e contribuindo para a falência da estabilização da moeda, mas não houve jeito: “O resgate ou a vida!” Paguei, então, porque tempo é ouro e discutir com seqüestrador nem por telefone!

De outra feita, estava bem sentado numa solenidade na Sociedade de Medicina, posto à mesa da presidência, por generosidade do professor Miguel Doherty, inglês de nascimento, mas pernambucanizado já, quando surge o endiabrado do cão, à porta, fazendo força com o focinho para abrir e por certo que entrar. Não sei se, na verdade, tomaria assento comigo, no lugar da pompa, ou se pelo auditório faria opção. Fiz como muita gente faz com o semelhante, quando tomada pelo poder ou por outros ganhos e benesses da existência: virei a cara, fazendo que não via a inusitada figura. O cachorro, notando o desprezo emergente, retirou-se e foi me aguardar na rua, pastorando o povo que do teatro vinha saindo. Soubesse desse desejo do animal, tinha dado um nó numa gravata velha e muito usada e com esse adereço pedido ao Doherty a entronização do canídeo. Ao tomar o carro para voltar, o flanelinha, integrante dessa nova maneira de ser e de ganhar a vida, indagou: “O cachorro é do senhor?” Sim, respondi. É que desde sua chegada que o espera, depois de ter entrado, mais de uma vez, na Sociedade. Ainda quis tomar o automóvel comigo e fazer o caminho de volta, mas companhias assim, dispenso! Bicho danado esse! Chegou a derrubar uma porta, na casa de veraneio, contanto que se juntasse à cadela, uma *poodle* das estimas da patroa. Ah porta vagabunda!

E o cão sem gravata vive assim, enlouquecido e enlouquecendo toda a gente.

## O Mata-Borrão

Nesses meus sábados ou nesses meus domingos, imperceptíveis, quase, tal a atribulação do meu cotidiano, faço questão de aproveitar a emergência da inspiração e vou transbordando o coração assim, escrevendo. Há tempo para tudo, está escrito, também, para que a alma seja tomada pelas saudades ou pelas lembranças nostálgicas e tempo para que o espírito se encha de satisfação e plenitude. Como há momentos de quedas do humor e outros, de elevação desses sentimentos! Agora, com um computador novo, ganho de presente, da consorte – Com sorte, sempre! Graças a Deus! –, tenho condições diferenciadas para o meu processo, mais do que simples, de criar o texto, pois que ouvindo Josefina Aguiar e Henrique Annes, antecipando os grandes da música universal, Mozart e Tchaikovsky ou Beethoven e Chopin, vou sendo invadido por essa sensação de paz interior, com a sonoridade dos meus conterrâneos ou com os acordes do inteiramente clássico.

Ora, quem como eu fez uso da velha pena, que molhada no tinteiro a intervalos regulares permitia transferir para o papel o pensamento, é muito diferente sentar diante do monitor e observar as letras se juntando em abraços fraternais, formando palavras, as quais se reúnem nas frases e vão dando gosto ao período. Dantes, quando era menino e usava calças curtas, saía de casa para a escola com a minha caneta Compactor e o meu frasco de tinta, da marca Parker e de qualidade Azul Real Lavável! Mas, fiquei maior e na idade de rapaz cheguei, como todos os meus companheiros e não esqueceram os meus pais da lembrança que fazia crescer, também, no reconhecimento dos colegas, por isso me deram uma Parker 51, de cor azul, com a tampa dourada. Usei por anos a fio e tinha a satisfação de dizer a toda a gente que nunca escarrapichou. Há quem saiba mais que verbo é esse? Nem o computador aceita de bom grado a grafia.

E se tudo está mudado, mesmo, na pós-modernidade do tempo, a máquina de escrever desapareceu do habitual das coisas e só as delegacias de polícia resistem à antiguidade do velho equipamento. Era um sacrifício datilografar, diretamente, as minhas crônicas, nem sempre agradáveis ao leitor, para quem transmito as minhas dores e os meus ardores, os meus amores, igualmente, muitas vezes de maneira

tão enrustida, que só os de casa ou aqueles de meus convívios compreendem! Sempre usei os dedos todos das duas mãos em meus trabalhos, pois que na década de 1960, nos inícios desses doces anos, quase tirei o diploma de datilógrafo, para me garantir, dizia meu pai, e trabalhar no comércio, se preciso fosse! Se errasse, todavia, era um problema e a borracha de duas cores – azul e vermelha – entrava em cena, apagando o vocábulo e permitindo a nova escrita, mas ficava tudo borrado, sujo, verdadeiramente.

Um belo dia – já contei isso por aqui –, a minha mãe comunicou a todos, na hora do jantar, que tinha visto uma caneta nova, diferente, sobretudo, e trocando o nome, chamou de “Caneta Estereográfica”, cuja característica mais importante, explicou, em alto e bom som, era a de não exigir o tinteiro e a de não esvaziar nunca, senão de uma vez só. Uma beleza! E de pronto, todo mundo no Recife adotou a invenção, com o efeito colateral de ter o bolso, quase sempre, completamente molhado pela tinta da novidade emergente. Eram rodas azuis na camisa de muitos pelas ruas, apontando o defeito dos começos, o vazamento comum desses apetrechos que chegavam. As marcas populares ganharam fama e ainda hoje a Bic anda por aí, mostrando a cor azul-escuro da tampa e o transparente do corpo. Rabisca o bom e o ruim, risca os discursos da elite e faz o jogo do bicho, aposta no carneiro e termina dando touro, converte gente e promove a descrença. É paradoxal, então!

E o mata-borrão? Há quem se lembre disso? Só os mais velhos. É que depois da frase escrita, havia a necessidade de secar a tinta, de enxugar os excessos e para tanto funcionava o então conhecido papel de natureza porosa, com o poder de sugar os excedentes da mancha gráfica daqueles antanhos. Eram promocionais, inclusive, porque veiculavam propagandas, de remédios, por exemplo. Estas, distribuídas aos médicos, como ao meu tio Hênio, de Campina Grande, faziam a mídia da época. E ele trazia em boa quantidade para nós outros, para o meu pai e para mim, para os meus irmãos e para a minha tia velha, que fazia de suas cartas a forma de resgate dos pretéritos perdidos em terras potiguares. Em casa havia uma peça de madeira bem cuidada, na qual se colocava o mata-borrão, propriamente, fixando-se fortemente e assim era possível usar de maneira mais ampla, no texto por inteiro, quase!



Tudo isso passou! O tempo mudou ou mudaram os homens? E agora, a máquina substitui a criatura, despreza a pena e aposenta a caneta, vai dispensando o papel e diminuindo as distâncias, dando ao penitente do hoje condições de acessar o mundo inteirinho, da baixaria à nobreza, da pornografia descuidada aos textos da ciência. E viva a pátria, o computador e os avanços! Mas, viva, sobretudo, o mata-borrão!



## A Porta do Avião

Eu jamais poderia contar àquela moça, comissária de bordo do pequeno avião em que estava, as minhas experiências pregressas em aeronaves assim, com tão reduzida capacidade. Ela não compreenderia os meus traumas e as minhas tensões, diante de suas recomendações: “Senhor, por favor! Assuma a responsabilidade desta porta de emergência! Em caso de necessidade, puxe a alavanca, movimente para fora e abra!” Quase tomei um susto, confesso, arrependido de ter sentado junto à saída mais do que diferenciada daquele pássaro de aço. Mesmo assim indaguei, em tom de blague: “É preciso abrir esta porta a cada vôo?” E ela: “Não senhor, pelo amor de Deus! Somente em caso de necessidade!” Dessa maneira, então, assumi o encargo, daqui, do Recife, até a paradisíaca ilha de Fernando de Noronha. Não tinha outra alternativa. Enfim, precisava assistir à solenidade e voltar mais tarde, como fiz, neste exercício, às vezes complicado, do meu cargo do hoje e dos meus encargos do agora.

Ora, que certa vez, sendo eu menino bem novo, com 5 ou 6 anos de idade, 7, se muito, acompanhei pai e mãe numa viagem ao interior de Pernambuco, a Pesqueira, imagino, ou a Nazaré da Mata, não sei mais. A verdade é que meu pai atendia a um convite do bispo local e foi disposto a fazer uma conferência, como aliás fez, para o clero e para os fiéis da cidade. Não compreendo a razão de sua opção pelo meio de transporte, sendo como era, realmente, uma pessoa que não suportava avião e chegava mesmo a ter medo das viagens aéreas. Na ida, as coisas correram às mil maravilhas no teco-teco emprestado, de quatro lugares, somente, o piloto e o meu pai à frente, eu e a minha mãe atrás. No auditório, enquanto falava o mestre Nilo Pereira, eu descobri, sob o palco, os instrumentos da banda e não dispensei a sonoridade do bombo, causando o maior dos impasses para se ouvir a palestra.

Na volta, todavia, sentia-me incomodado com o cinto de segurança a me apertar, fortemente. E como era levado da breca, tomei a decisão de me soltar sem dizer a ninguém. Mexi pra lá e mexi pra cá, até que dei com o trinco da porta, de cujo movimento esperava a almejada liberdade. Foi pior, abriu-se a porta nos céus e a aeronave quase volta à terra, fazendo cumprir a lei da gravidade. O piloto,

entretanto, foi um herói e conseguiu fechar a abertura de saída, virando-se para trás. Não precisa dizer que levei um carão a duas vozes e que somente o comandante ficou calado como um coco, perplexo com a ocorrência, única, penso eu, em tantas horas de vôo. Fiquei inteiramente molhado, porque chovia muito e o aguaceiro dos ares entrou no teco-teco, lavando o avião e dando banho nos ocupantes.

Quando, afinal, chegamos ao antigo aeroporto do Encanta-Moça, a minha mãe rasgou a meia na descida, na asa da aeronave. Reclamou, de pronto, contabilizando a perda do adereço feminino, queixando-se do fio arrancado, que inutilizava, pois, a peça, de cujo preço igualmente se queixava. O meu pai retrucou, de logo: “Depois do que se passou, você vem reclamar da meia?” E eu, ator e autor da façanha, terminei perturbado com tudo, com a proximidade do acidente e até da morte – nem sabia direito o que era a morte! – e a meia. Acho que a inquietação de minha mãe me deixou mais preocupado que a porta do avião. Assim, no interior do Brasília em que viajei e onde recebi da comissária a missão de atender à emergência, lembrei-me de tudo isso e contei ao companheiro de poltrona, rindo do meu encargo naquela hora.

## O Gordo e o Magro

Tem gente no mundo mais do que interessante, pois que não descuida dos outros, mas não cuida de si mesma! Quando o semelhante, penitente deste mundo de Deus, engorda um pouco - o meu caso agora -, é impossível livrar-se dos comentários nascidos de todos os lados. Vai pra lá e vem pra cá, ouve, sempre, uma observação nunca cautelosa! A mais simples de todas: “Você engordou!”. Alguns, entretanto, deixam de passar as mãos nas costas do amigo e adotam o alisar da protuberância abdominal - da emergente barriga -, como se o lugar dos afagos e dos carinhos tivesse mudado. Poucos são aqueles que fazem como o gazeteiro - Mané do jornal -, há muito desaparecido dessas paragens pombalinas e que voltando a gritar os jornais pelo nome, disse: “Quase não lhe conheço, de tão gordo e bonito!”. Ai, também, já é exagero!

A verdade é que às custas dos acepipes e de outras guloseimas, degustados nas recepções e nas festas que ando freqüentando, por conta dos meus deveres do aqui e do agora, os do ofício, o mostrador da balança mudou de número. E, inevitavelmente, mudaram os comentários! Ora, sou de outros tempos, pois que nascido e criado nos meados do século, cresci ouvindo a máxima: “Saúde e Gordura!”. Menino novo, naqueles anos, tinha dobras e mais dobras e até participava de concurso nas emissoras de rádio, vencendo o mais rechonchudo. As mulheres, também, eram massudas! Na minha rua, nos idos de sessenta, andavam tres irmãs de dotes assim, protundentes e a meninada, de logo, criou o apelido apropriado à época e à mesa: “As Albacoras!”. Não que se desdenhasse das moças, mas pela indiferença à rapaziada do lugar! Vingança, pois!

As madonas de avantajadas formas tinham admiradores certos e uma delas até, posta diante do prédio dos correios, esperando o marido, que fora ali postar uma carta, quase protagoniza uma briga. É que estando o cônjuge do outro lado da rua e encontrando amigo há muito distante, ouviu do velho companheiro a observação definitiva: “Olha pra ali! Vê que mulher!”. É minha esposa, respondeu, sem graça mais, o interlocutor de ocasião! E quase vão às turras! Hoje em dia, pode-se deixar, à vontade, na av. Guararapes ou noutro lugar qualquer, uma gordinha, que seja, sem risco algum de gracejos ou de sedutoras formas

de verbais elogios. Ninguém presta mais atenção aos culotes, tão decantados nos meus outroras ou ninguém liga mais para as pernas volumosas, de cujas batatas nasceram tantas das fantasias pueris, naqueles pretéritos!

Contabilizo, na memória dessas sensualidades perdidas, diversas figuras femininas que marcaram época, com essas obesas características! Gente do porte de uma Marinete, que mesmo tendo um busto contido, dentro das proporções das adequações nacionais, avolumava-se daí pra baixo! Aquela mulher não tinha cadeiras, mas poltronas - Isso sim! - e guardava, nos longos e protetores vestidos, pernas tão grossas, que despertavam as tentações todas do mundo. Por essa razão, não podia ir pra casa sozinha, tal o cuidado do amante, que na garupa da lambreta transportava a Vênus do tempo, desfilando desejos nas ruas do Pombal. Ainda hoje, nas brumas perdidas, pairam os devaneios e os sonhos, enquanto ela, a musa encantada, cumpre o bailado sagrado da feminilidade. Vez ou outra, nas nuvens dos céus, senta-se no divã de algodão dos deuses e acomoda no colo todos os anjos. Ouve-se, então, o som das trombetas, em louvor à deusa dessas tupiniquins origens. Um ode à beleza das celulites!

Vive-se, entretanto, neste presente da globalização, um tempo diferente, o reinado dos magricelas. Se uma modelo qualquer, esquelética, que seja, desfila na telinha de casa, mostrando os ossos e as saliências, é incluída, de pronto, dentre as belas. Louva-se a caquexia e sobretudo a anorexia, desprezando-se, então, grandeza do paladar! Tem gente por aí que não conhece o sabor de uma “Mão de Vaca” ou de uma “Dobradinha com Feijão Branco”, que ignora o “Sarapatel” e a “Galinha de Cabidela”, que dá de ombros se chega à mesa um “Cozido a Brasileira”! Ninguém se arrisca ao caldinho da feijoada, pior o pé de porco, o paio e a charque. Em toda farmácia que se preza, de outra parte, há, sempre, uma balança digital, com os números em vermelho bem vivo, determinando sentenças. Se o resultado supera as expectativas, instala-se a depressão e se restringe o prato. Quando há dinheiro sobrando, o socorro está nas clínicas sofisticadas de emagrecimento. É a escravidão das verduras!

Mas, os verdureiros de outrora, que usavam balaios ou empurravam carroças, repletos de cenouras, de xuxu e de alface ou cheios de jerimum, de vagem e de tomate, que na verdade é fruta, se

reaparecessem agora, fariam a festa, a feira e a fêria, tal a procura nos dias que correm, céleres, como se fossem contados em minutos, apenas! E o homem do miudo, com o tabuleiro carregado por seu auxiliar, negociando o fígado e a passarinha e entregando o miolo de boi, que garantia a inteligência e o talento de meu pai, na crença da época? Morreria de fome! Bom seria para o vendedor de laranjas, com dois sacos enormes, carregados da cítrica fruta.





## O Gordo e o Código

O novo Código de Trânsito, contando com algumas medidas que chegam em boa hora, especialmente aquelas voltadas para a diminuição dos acidentes, cujo rescaldo não está, apenas, nas mortes que provocam, mas, sobretudo, nas deficiências que produzem, tem um lado engraçado, quase diria, como muita das coisas deste Brasil enorme, de diferenças regionais marcantes. Tenho presenciado atos e fatos dignos de registro, na interpretação, às vezes, hilariante do povo, cuja desinformação preside os dias. Ninguém lê a bula de nada, nem dos remédios que toma e nem dos equipamentos domésticos, pior o documento legal, cuja extensão inibe a gente não, inteiramente, habituada a esse exercício intelectual. Ora, compramos uma televisão nova ou um aparelho de vídeo e vamos, de pronto, instalando em casa, sem o conhecimento devido, até, dos recursos de que vem dotado o apetrecho doméstico. Há gente que não acredita nas mudanças e gente que vai deixando o aprendizado para o dia-a-dia, sem prestar muita atenção, também, às explicações do governo ou das autoridades interessadas. Até os fiscais do trânsito e do tráfego de nada sabem! Assim, leva-se a vida, sem maiores detalhes, trabalhando-se com o geral!

Dia desses, vinha na estrada de Pau Amarelo e nas proximidades da Polícia Rodoviária, um homem gordo, muito gordo, que ia na carroceria de uma camioneta, deitou-se, literalmente e desapareceu, simplesmente, da visibilidade de todos. Ora, deitado assim, em lugar tão desconfortável, esperei vê-lo, de logo, passado o posto de fiscalização, mas para surpresa minha não reapareceu mais. Por certo, com aquela gordura toda, pesando mais de 100 quilos, imagino, não teve como se levantar e precisou esperar que estacionassem o veículo para retomar à posição original, com a ajuda alheia. Fiz questão de seguir o utilitário, além do meu destino, inclusive, para saber do resultado e não adiantou nada, porque o homem continuava mergulhado em seu inusitado esconderijo. No domingo, um caminhão, também, transportava muita gente na carroceria grande; gente sentada em volta do gradil de madeira, bem acomodada, silente e quieta. Nas proximidades do posto de polícia, a um sinal do motorista, todos fizeram igual exercício, o de deitar-se,

sumindo dos olhos da lei. Vencido o obstáculo, todavia, ressurgiram no horizonte das coisas e mais adiante desceram para chamado banho salgado e na condição de forasteiros ou de farofeiros, apenas, curtiram a praia.

E o ciclista, meu conhecido? Vai matricular o pequeno veículo, me disse, colocar uma placa sob a sela e dirigir com o maior dos cuidados, pois de numerário não dispõe para o pagamento das multas previstas no Código! Não há de percorrer mais as grandes avenidas da cidade, de tráfego intenso e com a mais rigorosa fiscalização! Quando era menino havia essa exigência para as bicicletas e em diversas ocasiões levei carreira dos antigos inspetores de veículos, como se chamava, por falta da plaquinha. Na frente da fábrica de tecidos TSAP, na Visconde de Suassuna, havia um desses guardas da época, mais do que implicante, bastava me ver para usar do apito e mandar parar. Nunca parei e por conta dessas investidas oficiais e de minhas fugas nunca formais, chegava em casa com as pernas doendo de tanto esforço, sendo obrigado ao repouso fora de hora. Ao tempo, ainda me lembro, deviam estar, devidamente, matriculadas as carroças de tração animal e aquelas de tração manual. Essas, puxadas por um homem qualquer, do povo, mereciam da molecada os apupos todos em voga. “Burro sem Rabo!”, gritava-se, para irritar o condutor e se aceitava, então, as respostas envolvendo a mãe do penitente: “É a mãe!” Dona Lila nunca soube dessas manifestações contra ela!

Multar o pedestre é que vai ser difícil! Como chamar o incauto andarilho das ruas? Apitando ou gritando? Correndo atrás e deixando o movimento ao léu? E o pagamento do tributo devido? Os infratores - Coitados! - serão, com toda certeza, os pobres, não os de Paris, mas aqueles desta cidade de Maurício! E a meninada ou a rapaziada das esquinas da Agamenon Magalhães, cujo interesse repousa no trocado do motorista? Há de se ter, doravante, polícia pra duas coisas, para o condutor do veículo e para espantar o assédio, a masculina e a feminina, de gestos mais fortes a primeira e de postura mais delicada, a segunda! Uma questão, somente, de reconhecidas diferenças entre os sexos!

## Contrastes do Cotidiano

Acomodado na sala de espera de um laboratório qualquer, esperando a vez, como tantos outros, nunca pensei testemunhar diálogos que me permitissem ensaiar reflexões quase sociológicas, a propósito do difícil exercício da vida, quando a idade vai marcando o tempo com a prata dos anos. A senhora, na casa dos oitenta, era cliente aprazada, imagino, fazendo-se acompanhar da filha e de mais um filho, além de uma neta muito jovem, ainda. Conversavam a respeito dos incômodos provocados por ela, pela mulher de idade avançada, de corpo vergando à força das décadas e de bengala à mão. Desfiavam um rosário de queixas, desde o sono precoce no cair da tarde à insônia das madrugadas, sem falar nas impos-sibilidades fisiológicas de retenção das excreções orgânicas. Falavam como se estivessem imunes à senectude.

A moça era a mais loquaz. Morava com a avó e por isso vinha presenciando cenas com as quais não concordava; não concordava em vê-la sedentária, na sala do apartamento, entregue à artrose, enquanto o avô, todos os dias, descia e fiava boa conversa com o porteiro do prédio. Que fosse, também, àquele passeio matinal, entre o andar de cima e o térreo e ouvisse do empregado as suas histórias, mazelas de uma outra vida. E não podia se conformar, também, com o cochilo vespertino, transformado em sono profundo até, com roncos e outros ruídos, à boquinha da noite. Por isso, às quatro já estava de pé, andando pra lá e pra cá, insone. É que ao despertar daqueles inícios oníricos na varanda de casa, não cuidava em sair correndo para a cama, como desejava a nunca cuidadosa neta, mas tomava banho e lanchava. Assim, perdia o sono e os sonhos!

A filha, mais cautelosa, pouco dizia, mesmo que não reagisse. O filho, entretanto, malhava a mãe com todas as culpas. Não se cuidava! Deveria tomar três remédios distintos para a hipertensão de que era portadora, mas esquecia. Tomava dois ou tomava um. Nada tomava, por vezes. Um absurdo, insistia! Pior quando a neta abriu a boca para falar da incontinência urinária da pobre mulher, a manchar o sofá da sala e a deixar um rastro, como se bicho fosse, antes de chegar ao banheiro. Tinha que sair atrás, com o pano de chão, a enxugar tudo e era preciso providenciar para se levar ao sol a peça em que

costumava sentar-se, impregnada, como estava, pelo líquido das excreções humanas. Procedia assim porque queria, afirmava com todas as letras e com todas as sílabas, pois nada a impedia de se levantar antes das urgências orgânicas. Fosse mais cuidadosa, portanto!

A avó, que cumpriu, como se imagina, uma trajetória longa, palmilhada de sacrifícios e preenchida por doações que só as mães podem oferecer, nada respondia e nada comentava, ouvia tudo com uma fisionomia de profunda tristeza. Em que estaria pensando? Que reflexão fazia ali, naquele momento de tantas reclamações e de tantas queixas? Quase me aproximo e intercedo em favor da mulher idosa. Ou quase chego perto e verbalizo o futuro que está reservado à toda a gente, de uma forma ou de outra. Por que se ocupavam de comentários assim, tão vazios de conteúdo existencial? Que benefícios poderia Ter, fiando conversa com o porteiro? O homem do prédio teria o que lhe acrescentar à vida vivida? E o sono? Não sabem que é da idade, mesmo, essa sonolência precoce e a insônia do despertar antecipado? E não conhecem a fragilidade dos esfíncteres humanos na velhice?

Lembrei-me de uma outra cena que vi, há poucos dias, num hospital público do Recife, tão diferente daquela interlocução de ocasião. No leito da emergência uma senhora de cabelos brancos também, ao lado do marido, de idade próxima, como parecia, agradando-lhe os braços e confortando-lhe o espírito. Gente simples, penso eu, sem muito estudo e sem muita cultura, mas dotada de afetividade, de amor ao próximo, sobretudo assim, no sofrimento e na dor. Viveram juntos – Quem sabe? – anos a fio na contabilidade do tempo e talvez se despedissem, mas a palavra que os uniu e os afagos que os aproximaram confortavam a derradeira hora. Sei de quem adoeceu gravemente em noite alta e antes de ser levada à emergência virou-se para o marido e beijou-lhe a fronte. Foi o derradeiro ósculo! Despediu-se, afinal!

## Fiando Conversa

Atendo, com gosto, ao que me pede colega da Sociedade de Medicina de Pernambuco, para contar neste espaço histórias pitorescas, vividas ou sabidas por mim numa trajetória de vida de seis décadas, quase. Confesso que guardo na memória uma experiência larga desse exercício dos convívios; experiência de fatos do cotidiano, alguns da realidade humana, do sofrimento da criatura, outros de características inusitadas, às vezes divertidos. Talvez tenha me tornado um contador de histórias, como dizem certos amigos. Pois, vamos ao que guardei:

A moça chegara naquele dia e sendo funcionária terceirizada, como tantas outras deste Brasil do hoje, ignorava as rotinas do lugar. Solicitei, então, duas ligações telefônicas, uma para o Hospital das Clínicas (HC) e outra para o Banco do Brasil, queria falar com o diretor e o gerente, respectivamente. Eis que de pronto retorna e diz não ter encontrado, propriamente, o diretor do HC, mas estava ao telefone o substituto imediato. Atendi e a voz era de um jovem. Julguei tratar-se de um residente de plantão e fui ao assunto. Uma senhora estava em processo de abortamento e se dirigia ao HC, fizesse então o rapaz as honras da casa, recebendo a criatura e a encaminhando à obstetrícia. O meu interlocutor não gostou da recomendação e justificou o quanto seria melhor se eu mesmo fosse por lá e resolvesse o impasse. Não posso, expliquei, faça o que lhe peço para evitar mais aflição à paciente. E ele: “Olhe, Dr. Geraldo! Vou fazer porque o senhor está me pedindo, mas continuo achando que melhor seria pedir diretamente. Meu amigo, por que tudo isso?” Porque eu sou o subgerente do Banco do Brasil. Seguiram-se mil desculpas e mil perdões. Depois, escrevi um artigo sobre o caso no *JC* e o gerente distribuiu centenas de cópias.

O moço, precocemente aposentado por insanidade mental, continuava a freqüentar o trabalho quase todos os dias. Sentava em aconchegante sala de espera e ali ficava um expediente inteiro, pelo menos. As secretárias, porém, entraram em pânico certa vez, pois que o flagraram em visita à toalete feminina, agachado, em posição de observador imediatista. Fui escolhido para resolver o impasse, ignorando as razões, senão o fato de ser o único médico daquele gabinete. Expliquei que não entendia de tarados e muito menos das

chamadas perversões sexuais, das quais cuidaram Freud e seus discípulos. Mas, cedi e concordei em conversar com a criatura. Convidado à minha sala ouviu, atentamente, a explicação inicial: “Olhe! Há um tarado rondando o banheiro das meninas! Estão pensando que é o senhor!” Respondeu, como já esperava, negando o desvio de conduta e se colocando à disposição, inclusive, para me ajudar na identificação do intruso e na reprimenda. “Veja bem! Confio, inteiramente, em sua palavra, mas há um risco: vão chamar a polícia. Por via das dúvidas e para se garantir, melhor será desaparecer agora mesmo e nunca mais voltar.” O pobre do penitente achou a idéia ótima e levantou-se da cadeira disposto a cumprir o pedido. Nunca mais voltou e em paz ficaram as dedicadas secretárias, recepcionistas, tantas vezes, em lugar de inusitado movimento.

Entrou por uma perna de pinto, saiu por uma de pato. Senhor rei mandou dizer que contasse quatro.

## O Big Brother e outros Horrores

A modernidade ou a pós-modernidade, como se costuma dizer, trouxe extraordinários benefícios ao homem, com os avanços todos da ciência e o progresso da técnica. Realmente, não se pode comparar a vida de agora com aquela dos anos cinquenta ou mesmo a da década seguinte. Na verdade, tem sido um desenvolvimento de tal forma vertiginoso que se acrescentam ganhos, quase se pode dizer, a cada mês, ultimamente. A globalização da economia e a mundialização da informação estão na base de tudo isso, na gênese das mudanças e das transformações. O humanismo, entretanto, vem sendo sepultado na tumba das distâncias, na cripta dos esquecimentos! O risco da internacionalização da cultura ameaça a estabilidade das manifestações dos povos e talvez aqueça o caldeirão do descaso da criatura por seu semelhante. Quem sabe?

Os contrapontos reúnem algumas das mazelas dos tempos do hoje. O desemprego, a pobreza, a falta de acesso à educação e à saúde, a violência urbana, o vício e as drogas são alguns dos exemplos mais à vista. Ninguém se preocupa com o próximo, sequer com aqueles das relações parentais, os programas sociais contemplam os excluídos de maneira fugaz, sem a continuidade esperada para a inclusão e a renda se mantém concentrada no segmento dos incluídos da classificação de Gilberto Dupas. A internet, que faz o mundo se comunicar com uma rapidez inusitada, restringe-se às elites e com isso separa, ainda mais, os desprovidos das camadas mais bem aquinhoadas, da classe média e da burguesia. A televisão fomenta o consumismo em novelas bem cuidadas e estimula o ter mais que o ser, contribuindo, também, para estimular os desejos e os interesses, encorajando a violência.

O nível da programação da TV chegou às raias do insuportável, os apresentadores ignoram as regras de comportamento diante do público e ferem a língua de uma maneira absurda. Têm apelidos que os compara aos animais nunca agradáveis ao convívio humano – Ratinho e Leão -, mostram na telinha figuras deformadas, obesas ou esqueléticas, caracterizadas de maneira horripilante. Um desses – o Ratinho -, reagindo às críticas da imprensa, chegou a dizer que são condenados os que produzem para os pobres. Não pode haver uma cultura dos ricos e outra do proletariado. Isso de pensar que a gente simples não gosta do

que é bom discrimina, demonstra profunda ignorância. Prova do agrado são as apresentações da Orquestra Sinfônica do Recife. Certa vez, com o teatro de portas abertas na UFPE, disse-me Raimundo da Silva, motorista que ainda me serve por lá, havia uma fila tão grande, com pessoas calçadas até com sandálias japonesas, que muitos voltaram.

Acharam pouco tudo isso e inventaram um novo Big Brother, com todas as pompas e baboseiras possíveis ou imagináveis, com a totalidade das baixarias de que se tem notícia neste mundo. Revogaram os recatos femininos e os pudores dos homens. Vale tudo no cotidiano dos segregados, nos jardins e na sala, na cozinha e nos quartos. Nem as antigas mulheres, que faziam do bairro do Recife o lugar da sofrida sobrevivência, eram tão sem-vergonhas, antes o contrário, pois que zelavam pela privacidade das intimidades. Participantes, de certa forma, divididos por castas, conforme as classes e de certa forma a etnia. Uma modelo portenha e uma babá paciente, um atleta das lutas livres e um tratador de cemitérios, agressores contumazes dos costumes e dos hábitos, quase analfabetos nas frases e nos períodos, incapazes de tecerem comentários aproveitáveis. Lamentável!

É mais recente o reaparecimento em cena do costureiro e comunicador, como se nomeia, Clodovil, de prenome. Esse aí – Valha-me Deus! -, passa o programa inteiro se elogiando e oferecendo ao expectador desavisado lições de psicologia. Cose e cozinha, como cabia outrora às moças casadoiras, entrevista convidados e dialoga com uma personagem que faz a empregada da casa, ora ralhando e ora pregando as benesses de seus exemplos. Há duas grandes exceções à regra ainda, a TV Cultura e a nossa, a Universitária, agora sob a batuta de Paulo Jardel, carioca pernambucanizado, que precisam ser preservadas e mantidas, já que ameaçadas pelos fantasmas dos orçamentos minguados.

O papel da televisão no dia-a-dia da sociedade é outro e não parece ignorado!

### A Mangueira e a Cerejeira

Em tarde assim, de suave tropicalidade, com os ventos alísios assoprando o frescor dos ares, mesmo que a ansiedade fustigue a



intimidade d'alma, antecipando momentos de tensão emergente, nada pode ser melhor que saborear uma manga Rosary, presente de Oswaldo Martins de Souza, leitor habitual desses meus escritos. Ainda mais, se a morosidade das horas permite a leitura atenta das contribuições do agrônomo ao estudo dessas frutas da Ilha de Itamaracá. Considerações de caráter técnico e ao mesmo tempo sociológico ou antropológico, pelo que traz dos convívios pretéritos, das superstições e das crenças. Prendo-me, particularmente, à lenda da manga Primavera, uma das mais saborosas daquele recanto, nascida dos amores frustrados de um padre por uma moça.

Corriam os anos do século XVII e o jovem Saldanha apaixonara-se, perdidamente, pela moçoila casadoira de nome Sancha, cortejando-a o mais que podia ou o mais que lhe permitiam as regras do tempo. Decidido, foi à presença do pai e decantou os sentimentos, recebendo, todavia, a maior de todas as negativas de que se tem notícia pras bandas de Itamaracá. Voltou cabisbaixo e por certo chorou baixinho as lágrimas de todas as perdas, o pranto da decepção estabelecida. Mas, não desistiu, antes buscou o caminho das glórias, para impressionar o resistente sogro. Lutou contra os holandeses e venceu batalhas, matou gente e quase morreu, levantou-se ninguém sabe como, depois de ter sido considerado destinado já à outra dimensão da vida. Bateu à porta do seminário e se fez sacerdote.

Um dia, sem esquecer nunca do semblante de Sancha, mandado trabalhar em terras da Ilha, tomou-se da coragem que anima os amantes condenados à sina das rupturas e procurou a velha amiga, que solteira ainda vivia em companhia de um irmão e sua prole. Bateu à porta vestido a caráter, de batina e barrete! Foi ela quem se achegou e o recebeu, ouvindo-lhe pronunciar o nome que agora tinha: Pe. Aires Ivo. Não resistiu à identificação do antigo amor, da face que mostrava ainda traços da juventude e da voz, cuja tonalidade apontava a idade, mas conservava o timbre dos outroras vividos. Caiu por terra, fulminada, inerte, diante da inesperada visita, da surpresa e da condição que adotara, a de celibatário. Morreu, porque se morre mesmo, quando a decepção faz consolidar o desgosto!

Foi sepultada em cova rasa, rodeada de jasmins e numa das vezes em que o cura por lá voltou, para retomar imaginárias aproximações, com as quais convivera a existência inteira, plantou

uma semente de manga no canto desses seus proibidos encantos. A mangueira desabrochou viçosa, cresceu em busca dos céus e deu o mais doce de todos os frutos de que se sabe em terras assim, quinhentona já: a manga Primavera. Plantada em solo diferente daquele das origens, fora da Ilha e longe daquela fada, que é madrinha também, não repete o sabor de mel, o adocicado do gosto, pra que não se fale de Aires, o padre ou de Sancha, a musa! Nem a ciência e nem a técnica conseguiram explicar a lenda ou mudar de hábitos a árvore dos amores rompidos.

E nessa mesma tarde, de suave tropicalidade, encontro no computador uma correspondência de lugar distante, bem distante. Chega de Tóquio, assinada por amiga minha, Harumi de prenome, dando conta que a sakura, a cerejeira dos japoneses, floresceu e encheu as ruas da cidade com a beleza das pétalas. Há gente sentada na relva admirando as flores, jovens e velhos, casais enamorados e errantes solitários. Será que existem homens como o cura de Itamaracá ou mulheres como Sancha embevecidos com o efêmero fenômeno, rebuscando passados e fantasiando amores? Talvez sim! Talvez não! Mas, por todo o tempo em que este mundo durar, quer queiram ou quer não queiram, amantes embevecidos hão de chorar as perdas, derramando as silentes lágrimas das distâncias, com as quais regam as árvores de bons frutos das lembranças eternizadas.

## A Medida das Saudades

Um ano se esvaiu no buraco negro dos tempos e outro se acrescentou ao calendário da vida, o espaço do existir! Tem sido sempre assim, ao longo da história toda da humanidade. Lembranças guardadas dos dias vividos e esperanças renovadas com o porvir das coisas, às vezes ingratas. Palavras dos afetos verbalizadas sem os escrúpulos d'alma e abraços apertados, enlaces que dispensam os pudores do espírito ou os impulsos da matéria. Manifestações dos desejos expressas dessa forma, na verbalização dos sentimentos ou no aflorar dos gestos, sem que o recato das inibições possa impedir o emergir dos amores, que afogam as dores. Ilusões necessárias, por uma noite, que seja, contanto que sustentem os humores e despertem os ardores. Hipocrisias, nunca! Desnecessárias realidades! Mancham o sentimento com a negritude do despudor!

E se a muitos cumprimentei, permitindo-me os afagos, a outros não pude ver - Ah! A quantos gostaria de ter visto! -, por motivos variados, pelas distâncias, sobretudo, que vão se juntando, reunindo o tempo e o espaço, como se fosse possível somar os anos do pretérito aos quilômetros do hoje, tendo por resultado a enormidade das saudades. Metamorfose parida do imaginário. Transformações mágicas ou lúdicas, das vivências e das convivências. Só uma pessoa, neste mundo de Deus e dos homens, foi capaz de promover esse poético somatório, Zefinha, por apelido, que me servia o café na Diretoria do Centro de Ciências da Saúde e que me disse: "O homem não inventou, ainda, uma fita métrica que possa medir as saudades que tenho do senhor!". Marejei os olhos! Francamente! Nunca ouvi frase tão linda!

Ora, se tenho sido, ultimamente, um modesto personagem das cenas do poder, estou habituado com os cumprimentos de todos os segmentos sociais, do homem simples ao governante mais importante, do aperto de mão à continência bem cuidada, mas nenhum desses como aquele, o de Zefinha, que por telefone me levou à lágrima silente e à reflexão sobre a grandeza das pessoas, mesmo que singelas. Uma declaração, tão franca e tão forte, como a que ouvi, só pode me servir de alimento d'alma para o ano inteiro, renovando as minhas forças, nutrindo o meu espírito inquieto, para que possa trabalhar com a mesma disposição de sempre. Vou buscar caminhos e rebuscar

veredas, inventar formas de crescer e de desenvolver com os meus, os de casa e os outros, aqueles de todos os meus afetos. Sendo como sou, um homem inquieto e por isso trabalhador ferrenho, nutrido assim, com essa medida das saudades, hei de me agitar ainda mais, na busca das realizações do meu espírito.

De ninguém - Graças a Deus! - guardo mágoas, sequer dos que me feriram com a lança das indisposições pessoais. Talvez, o colorir dos anos, que deu aos meus cabelos a cor da prata ou o peso de minha própria história, que fez vergar o meu corpo, tenham sido os fiéis catalisadores desses meus dias! Vou palmilhando o tempo com as armas do meu aprendizado, acrescentando, aqui e ali, o que vejo e sinto ou o que não vejo e não sinto, apreendendo afetos e desprendendo afagos. Vou, afinal, descortinando horizontes, abrindo picadas na imensa floresta da existência humana, contabilizando ganhos e perdas, fazendo dos meus saldos o grande estímulo para não desistir nunca. Tenho procurado entender as vitórias de meus companheiros como a minha vitória, balizando os combates na prudência de um comportamento nunca belicoso. E isso vem dando certo!

E se no final da ligação telefônica Zefinha verbalizou o restante de seus desejos, dizendo das suas intenções ou das suas emoções - "O novo século chegará, para que trabalhemos juntos outra vez! Eu, o senhor e Mariza!" -, digo-lhe, do fundo d'alma, não sei do porvir, mas creio, firmemente, nessas vontades, como influenciadoras das decisões do espírito, materializadoras até, das determinantes ou das deliberações, tão difíceis, sempre. Aqui ou ali, de um ou de outro lado do viaduto, separados por uma distância pequena, no espaço das coisas, mas enorme, na contagem de seu tempo, juntos continuamos,

## Almanaques e Boletins

Há preciosidades que não podem ser desprezadas, porque são resquícios da história, transmitem o que se viveu. Assim tem sido com alguns dos objetos das feiras de antiguidades. As canetas Compactor, por exemplo, tão em moda na década de cinquenta ou aquela da pena fininha: a *Parker51*. Uma jóia, quase, para presentear os filhos quando já matriculados no Curso Científico ou no Clássico. As louças também, evocam gerações. Sem falar nos móveis, em cristaleiras e petisqueiras ou cômodas e penteadeiras, em desuso hoje, nos apartamentos pequenos e contidos. Os lustres de cristal, a deixarem pendentes reluzentes pingentes, nos quais os raios de sol dançavam o balé das horas: pra lá e pra cá! E os espelhos grandes e brilhantes, a refletirem a infância e depois a adolescência?

Há pouco recebi do Dr. João Veiga um raro presente. Um *Almanaque do Biotônico*, publicado em 1954, com o furinho e o cordão com o qual certamente foi pendurado na cozinha de uma casa qualquer pras bandas do Sertão, de onde veio este humanista, como cabe ser. Colecionador dos nunca ultrapassados discos de vinil, que rodaram nas vitrolas o jogo das sedutoras aproximações humanas. Secções as mais diversas, desde aquelas da cultura às do bom humor, com inocentes piadas, passando pelo calendário com os santos do dia e a lavoura do mês, recomendando o plantio e sugerindo a colheita. Na brochura podiam os ancestrais do agora adquirir o conhecimento vigente e se orientarem no tempo e nas coisas. Que beleza!

Fiz a leitura de um fôlego só, da primeira à última página, sem pestanejar. Viajei no tempo, voltei aos anos das calças curtas e lembrei da farmácia, na avenida Visconde de Suassuna, onde pontificava o Sr. Belmiro, homem de poucas palavras e de mão pesada, espetando a afiada agulha da velha seringa de vidro, bem esterilizada, por certo. Injeções de Bismuto ou de Penicilina, contanto que os meninos não se queixassem da garganta doendo ou das amídalas inchadas. Quando foi embora, trocando a Boa Vista pela Bomba do Hemetério, assumiu a missão o Sr. Domingos, figurante, por anos a fio, dos cenários da meninice, enorme na estatura, mas doce no trato. Funcionário da antiga fábrica TSAP passava às onze para o almoço, hora de ser convocado e de logo picar o inquieto doente.

Fui à estante para guardar o *Almanaque do Biotônico* em boa companhia, junto ao *Boletim da Cidade e do Porto do Recife*, uma generosa lembrança de Paulo Brusky, mais um colecionador de raridades e cuidei em novamente folhear a brochura. Publicação que data de 1945, quando tinha um ano de idade somente e a guerra urrava os estertores que antecedem o armistício. Periódico mimeografado – ninguém sabe mais o que é isso!-, editado pelo esforço de Césio Regueira Costa, Diretor do Departamento de Documentação e Cultura. Personagem de outros cenários da juventude, das visitas à repartição da cidade, onde se tinha à disposição um estúdio, para ouvir os melhores discos da época. E o meu amigo Zé Biriba – onde estará ele? – não deixava de freqüentar!

Uma preciosidade, pelo que traz de conteúdo! Um dos artigos transcreve o depoimento de Vauthier sobre o Recife. Que lindo! E o engenheiro francês prestou atenção a tudo, às casas e às ruas, como seria de se esperar, mas às mulheres, da mesma forma, das quais gostou e não gostou. E lá está Silvino Lopes, a quem conheci na Redação da *Folha da Manhã*, penso, jornal do qual o meu pai tirou o seu e o meu sustento. A poesia do velho Ascenso Ferreira foi dissecada no que tem de popular. Antigo poeta do chapelão, que muitas vezes bateu em minha casa e foi por mim recebido.

Para terminar essa caminhada das saudades, ligou João Trindade, companheiro de jornadas no campo de futebol do Deputado das Vovozinhas: Alcides Teixeira. Mas, não falou do jogo de botão e tampouco se ocupou com as peripécias da época! Que pena!

Com tanta emoção assim, só redigindo sob os acordes maviosos de Altemar Dutra evocando o velho, mesmo que o computador trave e reclame que as nostalgias melhor estariam no teclado da máquina de escrever! É verdade!

## Comadre Fulozinha

Tenho me ocupado, ultimamente, em refletir a propósito do que se vem chamando qualidade de vida, sobretudo a respeito do esforço de certos setores em oferecer à criatura um desejado bem-estar, cuja expressão envolve a saúde física e a tranqüilidade de espírito. Indagome, especialmente, se a classe média, tão exigente com o consumo, sente-se melhor que a gente simples, a qual nos interiores do País, por exemplo, pode ter acesso ao mínimo necessário à sobrevivência e até que ponto se deve, realmente, intervir na vida de quem se sente em paz, acenando com bens materiais e outros ganhos próprios daqueles que Gilberto Dupas considera os “incluídos” ou mesmo os “ainda incluídos”. A televisão faz isso!

Cuido em observar os modos de vida dos que no dia-a-dia do existir humano não ostentam: os modestos ou os singelos. Não me refiro aos paupérrimos e aos miseráveis, aos “excluídos”, afinal. Ora, será que o Sr. Zezinho, lá de Chã de Cruz, tem uma qualidade de vida inferior aos habitantes urbanos, postos em moradias verticais e trancafiados o tempo todo? Creio que não! Tenho visto a sua satisfação d'alma em sair de casa e de bicicleta chegar ao condomínio da pequena burguesia, em Aldeia, atendendo um aqui e outro acolá, juntando essa fêria extra ao que percebe por mês como salário! Não deixa de sorrir e de comentar com humor os fatos corriqueiros. Joga futebol e toma a sua caipirinha, de leve!

Ignoro os seus horizontes de futuro, mas nunca ouvi dele palavra que fosse assemelhada àquelas dos interesses dos meus convivas. Um carro novo ou uma bicicleta do último modelo, um equipamento de vídeo, uma viagem pra fora de seus domínios, mesmo que seja à Carpina. Não enjeita, porém, um piquenique a Natal, pelo passeio ou pela bagunça no ônibus de aluguel. Por certo, nunca ouviu falar nas excursões à Europa, para ver os museus de Paris e os parques de Londres. Vive assim, pra lá e pra cá, entre a Chã e o condomínio. Quase nunca vai a Vera Cruz ou a Tabatinga. Assistiu ao espetáculo do circo, porque a trupe instalou-se nas cercanias de sua casa e a entrada custava um real, nada mais.

Assim com a Dona Cecília, vizinha, quase, do Zezinho, que fez do terreiro de casa uma sementeira e vive do cultivo das flores, das

orquídeas bem cuidadas e dos girassóis viçosos, de bromélias imunes ao *Aedes aegypti* e das avencas verdes e pendentes. Aprendeu tudo isso no colégio de freiras em que estudou e se vai a Garanhuns, vez ou outra, é para comprar novas mudas, diferentes, que se acrescentam ao seu jardim. Sustenta a família, mas já tem os filhos empregados, trabalhando para os que passam os finais de semana fazendo um churrasco com carne importada e tomando o whisky das bandas escocesas. Não suporta o inteiramente urbano e detesta, como expressou, a avenida Agamenon Magalhães.

Compare o leitor a vida dessa gente com a dos remediados pela sorte, entregues ao labor mal o sol desponta, voltando ou não voltando para almoçar e retomando jornadas, de trabalho e mais trabalho. Recepções e formalidades, no trajar e no tratar, cumprimentos forçados e vênias inúteis. Quando a semana finda, uma ida ao “shopping”, às compras ou a passeio, para admirar vitrines ou se empanturrar nas praças de alimentação. Mas, há os que se contaminam com os males da civilização, como aquela dedicada secretária dos afazeres domésticos. Máquina de lavar roupas e vídeo, conjunto estofado bem forrado e celular. Resultado, carnês e mais carnês a juros de mercado! Agiotas e assemelhados na porta!

E o Sr. Zezinho, quando disse que um computador poderia ser posto à sua disposição na portaria do conjunto habitacional, conformou-se com a justificativa de que a sua cultura seria esmagada. Um homem crente nas coisas da natureza, cuja crença ultrapassa a flora e a fauna, para chegar às lendas, como a da “Comadre Fulozinha”, não pode e não deve ocupar-se de um teclado ou mexer num mouse! O que seria de Dona Cecília, com um banco de dados informatizado das plantas de seu quintal?

Entende-se que há limites que não podem e não devem ser transpostos e há horizontes diferentes para uns e para outros. Mas, compreende-se que muitos estão largados pela sociedade e é preciso integrar essa massa desprezada ao exercício mavioso da vida, do existir humano.

### Na Esplanada do Derby

Na esplanada do Derby, em terreno onde funcionara o hotel do grande Delmiro Gouveia, tão desbravador quanto foi Octávio de



Freitas, guardadas as proporções das especialidades e das artes, levantou-se o prédio da Faculdade de Medicina do Recife. Naquelas salas ou naqueles anfiteatros centenas de jovens foram forjados para a hipocrática arte, um misto do humano que o sacerdócio inspira e da técnica que o tempo cuida em moldar. O cadáver desconhecido, em fotografias amareladas pelos anos das distâncias, documenta muito bem a prática do aprendizado no aflorar dos começos, no conhecimento dos segredos da Anatomia Humana, naquela inércia estabelecida da vida finita, em contraste com a dinâmica do exercício da dissecação. Músculos expostos à vista dos neófitos ou vasos cuidadosamente apresentados, como que irrigando o saber desses inícios de curso.

Faz gosto assistir o filme, resgatado, aliás, pelo Prof. Geraldo Gomes, rodado na década de vinte ainda, mostrando cenas daqueles antanhos. Da chegada ruidosa dos alunos, acomodados, como vinham, nos bondes do Derby, de cujos bancos “tiravam linhadas” com as moças casadoiras da época. Gente que fazia questão de passear aos pares, como convinha mesmo às adolescentes de então, pra ver o bonde chegar ou pra ver passar o loré apinhado de rapazes, embriões, na verdade, dos doutores. É de se imaginar quantos amores nasceram assim, na troca de olhares ou na fixação lúdica dos gestos das paixões nascentes. Ou as tomadas depois, rodadas nos principais laboratórios, de Física e de Química, em experimentos, por certo, deslumbrantes para os calouros da ciência, mesclas de substâncias ainda hoje utilizadas nas bases das pesquisas sistemáticas e sistematizadas. Antecipações, com certeza, do que realiza hoje a Biofísica e a Bioquímica, como a Fisiologia e a Farmacologia, conjunto de disciplinas dos princípios da formação.

E o autor de tão interessante roteiro cinematográfico cuidou de ir mais adiante, em adentrar por terrenos misteriosos, tantas vezes, do Hospital de Alienados, pra filmar o figurante mais do que pioneiro das cenas da Psiquiatria: Ulisses Pernambucano. Pai – poder-se-ia dizer -, pelas inspirações todas que deixou, de um José Lucena ou de um Galdino Loreto, inscritos, ambos, no rol dos sábios, permitam. E as velhas enfermarias do Hospital de Santo Amaro, como aquelas do Hospital Pedro II, onde pude circular as minhas angústias e as minhas ansiedades de aspirante, igualmente e depois de artífice da prática e da

arte, estão inseridas, da mesma forma, no celulóide que tomou, com a modernidade das coisas, os ares das fitas de vídeo. Quantas vidas - Meu Deus! - ali estiveram transitando doenças, fazendo fenecer a chama da existência frente à injúria que maltrata e mata! E quantas outras vidas, encantadas muitas, lutaram com poucos recursos pra recuperar e curar! Longos intervalos de tempo, então, dedicados ao sofrimento do corpo e ao padecer d'alma, dos pacientes e dos doutores. Abnegados anos!

Agora, o velho prédio está a vergar as paredes, quase, sem poder sustentar a coberta, danificada como se encontra! Ameaça, pois, ruir as saudades todas e a desabar as lembranças, sepultando pretéritos e convívios. E é pra restaurar tudo isso, a tradição da província e da ciência, que se alevantaram as vozes de Pernambuco, das lideranças da academia, que transfere o conhecimento e da classe, de cujo suor renascem as esperanças da vida. A Universidade e o Cremepe, a Academia e os Ex-Alunos, os médicos escritores e a Sociedade de Medicina, tão precisada hoje também do contributo pecuniário dos seus sócios, num grito mais do que unísono do chamamento à comunidade. Estão simpáticos à idéia os governos, o estadual e o municipal, resta à iniciativa privada acenar, então, em tempos assim, de vacas na engorda, com a largueza do gesto, ao gesto da largueza de se resgatar pretéritos.

Um espaço vivo é o que se deseja, juntando ciência e arte, cultura e humanismo, na beleza do prédio e no estilo da arquitetura em desuso, mas de toda forma grandiosa!

*NB – O prédio do Hospital Pedro II foi cedido em comodato ao IMIP pela Santa Casa de Misericórdia, em 2006 e a instituição criada Fernando Figueira começou o processo de restauração.*

### **Um Basta aos Desencontros**

Vive-se um tempo diferente, um tempo duplo, talvez! O progresso da ciência e o desenvolvimento da técnica ultrapassaram as expectativas, inclusive aquela da ficção, a qual, tantas vezes, antecipou os avanços. A esperança de vida aumentou e o homem agora chega aos setenta ou aos oitenta e tem uma qualidade diferenciada no exercício do existir terreno. O paradigma da reprodução está superado e não há

mais necessidade de um macho e de uma fêmea para o emergir de um novo ser. Parece muito próxima a hora do nascimento de cópias humanas completas e o cotidiano poderá se transformar em tediosa repetição dos indivíduos: gente que é gente e gente que será espelho, somente! Mas, o homem está brutalizado, isolado e medíocre, fanático e mítico, incapaz de melhor aproveitar os ganhos! As angustias e as ansiedades preenchem os espíritos.

Há uma crise em relação ao semelhante, demonstra o psicanalista Jurandir Freire Costa, pernambucano ilustre. O próximo tornou-se um estorvo, insiste o médico, complementando, sem saber o que disse Nilo Pereira na década de setenta, quando afirmou que a tragédia humana é como um filme, passada a película passa também o sentimento. Realmente, ninguém tem mais a capacidade de entender a dor alheia, ouve o interlocutor de ocasião, para logo esquecer as lamúrias e deixar de enxergar as lágrimas pendentes da face sofrida. De outra parte, a agressão está solta, nas palavras duras do trânsito, no dia-a-dia dos afazeres e até no lazer dos feriados. Mata-se por nada, pobres e remediados, ricos e burgueses, agnósticos ou ateus, crentes e incrêus. Nos elevadores não se cumprimentam os vizinhos, sequer com um movimento de cabeça. Uma pena!

A situação de gregário cedeu lugar à solidão. A casa rendeu-se à moradia vertical e não há cadeiras nas calçadas, não se vai mais fiar conversa na mercearia da esquina ou na farmácia da rua. Os canais de comunicação mudaram, integram uma rede de computadores e a fantasia substitui a realidade, moldando os tipos e o psiquismo. Cada um que mostre o seu próprio sonho na tela do monitor! Pior com o conhecimento, propriamente, vulgarizado nas estações de televisão, as quais teimam em apresentar quadros do mais baixo nível, com roedores enfurecidos e leões ignorantes ou com luras burras a tropeçarem no vernáculo. A *Casa dos Artistas* reuniu a audiência toda e há quem ligue e vote, sustente o *Supla* ou a mulher do *Supla*! Não pode resistir a qualquer análise o fato de que pobre gosta disso; pobre gosta de cultura e arte, mas não tem oportunidades e disso se beneficiam as elites!

Na busca desenfreada pelo bem estar, a criatura se encontra com o fanatismo, cujo crescimento assusta. Aproxima-se de Alá dessa maneira e promove, em nome do Criador, a destruição. Instiga a ira de

outros fanáticos, os quais fazem a guerra de um país inteiro contra um homem escondido numa caverna. Inocentes a se entregarem de ambos os lados, uns imaginando sete virgens e sete esposas, todas vestidas com a *burca* dos costumes e outros riscando nos torpedos setecentos mortos. Vingança, apenas! Nos recantos do subdesenvolvimento ou nos cantos da pobreza, proliferam as novas seitas. Prêmios a contemplarem os humildes com o sucesso imediato, nada dos céus, nada da eternidade distante. Tudo aqui, no planeta em que se vive, contanto que se justifique o dízimo e se explique o salário depositado no banco dos templos. Pra tudo isso alertou Hélio Jaguaribe!

Desisto de minhas saudades do futuro! Quero que volte a nostalgia dos meus convívios no outrora dos anos, que se ligue a radiola antiga e faça girar o vinil desgastado das minhas lembranças nas alamedas do Parque 13 de Maio, na sonoridade da Festa da Mocidade, onde Núbia Lafayete cantava os amores e Dalva de Oliveira decantava as perdas e os desamores. Ou então que me deixem entender os versos de “Minha linda normalista/Rapidamente conquista/ Meu coração sem amor/...”.

Não gosto da beligerância, já notei! Detesto os desencontros! Sou da paz, prefiro os encontros e os reencontros! Basta!

## Diálogo com o Leitor

Escrevo por aqui há duas décadas, quase! Reconheço que sou um neófito sempre, na arte e no estilo, mas confesso que me esforço para aperfeiçoar a expressão dos meus sentimentos, as minhas reflexões e os meus resgates. Gosto de me sentar assim, ouvindo uma boa música, os discos de Elyanna Caldas e Marcos Caneca, um piano de celestiais acordes, estimulando o imaginário a fazer nascer o texto, parido das entranhas dos ideários. Sei muito bem que a inspiração aflora em qualquer lugar, a qualquer hora, às vezes até em momentos impeditivos do ato e do fato da criação. Anotações em pedacinhos de papel simulam uma sintonia com a hora, mas na realidade representam a substituição da memória orgânica, geneticamente determinada. No restaurante, o guardanapo faz as vezes do antigo bloco espiral vendido nas mercearias, esquecido em casa ou nunca adquirido na livraria da esquina.

Tenho mantido, ao longo do tempo, um silente diálogo com o leitor. Afinal, o jornal não fala e não ouve! Com aquela senhora dos esturricados agrestes, que se ocupa com as minhas divagações, a indagar com propriedade: “Ele é velho? Ele lembra da Festa da Mocidade?” Não sou velho! Já disse! Sou do tempo do antes! Velhos são os que se entregam às forças do nada! Lembro, entretanto, de tudo, dos detalhes, dos afetos, dos passeios, dos flertes, das minhas desconcertadas conquistas, dos meus amores e dos meus desamores. Posso falar da gente que conheci, dos que perdi e daqueles que desapareceram. Sei de todos, pelo nome ou pelo cognome! Tenho tido o prazer, vez ou outra, de reencontrar alguém desses convívios! Confesso que me entrego! Seria capaz de sair, de voltar aos cenários do ontem, tão deformados hoje, para rever os atores dos meus antanhos!

Mas, aos jovens que recortaram a crônica da sexta-feira santa e numa comunidade qualquer desta cidade de Maurício adotaram o tema da ressurreição para as discussões em grupo e que terminaram formulando a definitiva pergunta: “Será que ele pratica tudo que prega?” Claro que não! Sou como vocês todos: humano e frágil! Eivado de erros! Tenho a doutrina como resultado das minhas leituras e das minhas reflexões, das minhas vivências e das minhas convivências! Sou um produto do meio também, resultado de um

somatório de ganhos e de perdas, mas faço comigo toda manhã o exercício do renascer. Neste mundo de Deus e dos homens a ninguém cabe atirar a primeira pedra. A ninguém deve caber – pelo menos isso! – o julgamento alheio! Essas coisas, entretanto, demoram a chegar e é preciso esperar que os cabelos pintem de branco as cores do tempo!

A crônica que intitulei da forma quase metafórica – *Folhas Secas* -, levada à sala de aulas de um dos nossos cursinhos, mostrava, na verdade, o quanto aquela mulher, germânica de nascimento, muito idosa já, podia dispor ainda, em termos de viço e de vida, para o enfrentamento desse exercitar do mister maior: a existência humana. É que as folhas secas, desprezadas pelos ventos no solo das florestas e de seus entornos, tinham todas marcas verdes, símbolo da fortaleza interior dos que chegam à senectude, mas guardam da juventude o destemor, aquilo que aprendi com o meu professor: “Não desista nunca!” E ela não desistiu, seguiu os seus caminhos, fazendo dos percalços alamedas de uma busca constante da felicidade. A felicidade, porém, é um estado de espírito, efêmero sempre, não ultrapassa pelo geral as vinte e quatro horas do dia e por isso mesmo deve ser aproveitada e vivida. Há sempre pedras nos caminhos! E desses momentos nascem as saudades!

A vida é um livro de muitas histórias e de estórias também. A crônica do cotidiano vai sendo escrita pela criatura a cada minuto e a memória acolhe esses sentimentos, de plenitude d’alma ou de insatisfação do ego, mas ninguém gosta de lembrar das amarguras e dos tropeços, prefere os bons momentos. Assim, as recordações emergem para mostrar ao homem que existem qualidades na vida vivida.

Eis o meu diálogo, mais que silente, com o leitor, a minha cumplicidade!

## Do Luto e das Esperanças

A grande roda do tempo – o calendário – há de parar outra vez, para assinalar do Cristo a paixão e a morte. Vestidas de preto, as mulheres do templo vão chorar o pranto da perda. E os homens de boa vontade, circunspectos com o mistério do insondável, hão de repetir promessas de resgate do bem. Crentes ou incrêus, por um momento, que seja, se deixarão tomar pela reflexão interior, do que se fez e do que se faz, se de bom ou de ruim. O amor ao próximo, do exemplo do Homem que deu a vida em favor do semelhante, será, novamente, considerado, no pensamento, pelo menos, de cada um. A esperança da ressurreição renovará os espíritos e a criatura se alevantará do fosso dos sofrimentos, nesse aqui e nesse agora, às vezes, tão cruel. Vencido o luto e de alma renovada, os percalços do caminho ou as pedras nas estradas serão enfrentados com o destemor dos justos. Espera-se!

É preciso, então, parar, ver e rever posições e posturas, das escutas e das palavras, dos atos e dos fatos, dos gestos, enfim, do dia-a-dia, cada qual por si, no introjetar conclusivo da meditação que o tempo inspira. A ciência e a técnica promoveram os avanços e o extraordinário desenvolvimento da humanidade, mas brutalizaram o único ser que na superfície do planeta tem a capacidade de pensar, de refletir, de decidir. A aproximação com o outro vai, pouco a pouco, desaparecendo, engolida pelas rotinas, tragada pelos mares de um cotidiano corrido. Há uma incapacidade ou uma incompetência para ouvir e falar, para se ocupar com o drama alheio, com a tragédia de todos os dias daqueles que foram excluídos do comum das coisas, de quem carrega um fardo mais pesado sobre os ombros débeis da condição de fragilidade que o homem traz.

O infortúnio do semelhante parece um filme de enredo triste, depois da projeção a tela escurece e as luzes são acesas, apaga-se, pois, da memória a lágrima que correu silente e a expressão de dor verbalizada de forma pungente. Dali pra frente há inquietações outras, diferentes, diversas das anteriores, que nutrem e fazem crescer o sentimento nefando do egoísmo. Cada um cuida de si próprio e pouco ou nada se incomoda com o próximo, mesmo quando o semelhante está junto todos os dias e todas as horas, em casa, no trabalho, nas ruas da cidade grande ou no lazer. As explicações interiores, nos momentos

de solidão, quando a reflexão aflora e cobra, são justificativas ainda mais egocêntricas. Bastam as preocupações pessoais, as inquietudes da família e os tropeços vividos nas rotinas da profissão! Tantas vezes o afeto, uma palavra ou uma escuta, mitiga o padecer de outrem!

E se a paixão e a morte levam à meditação e à reflexão sobre a vida, a ressurreição deve trazer de volta as esperanças em dias melhores. Expectativas e desejos da utopia posta adiante, sempre, de quem ajuda a construir um novo mundo e vai se engajando nos esforços para fazer crescer a humanidade. Cada um deve e pode ser um operário do todo, juntar tijolos com a argamassa do compromisso, para contribuir na obra da completude. Ninguém está dispensado de participação, a ninguém é dado deixar de lado as injustiças sociais e as distorções econômicas que os anos consolidaram. O outro não pode continuar sendo um estorvo que se suporta, apenas ou que as indisposições do ego impedem a compreensão; o outro é humano, também, submetido a toda sorte de pressões e de circunstâncias, com igual destinação e desígnios assemelhados.

Nunca é tarde, porém, para se começar ou se recomeçar a vida, mudar o comportamento é das qualidades mais importantes do homem. O amanhecer diário deve ser, todas as vezes, uma retomada no difícil mister do existir terreno. E as datas têm essa característica, servem para a renovação do espírito, para a reengenharia da alma, tudo na humildade de quem neste mundo de Deus não passa da simples condição humana de criatura, mesmo que semelhante ao Criador. É o reconhecimento dessa fragilidade que engrandece, que promove o ressuscitar de todos os dias, mas sobretudo permite o entendimento do próximo, do semelhante que está junto e daquele distante, longe dos ouvidos e dos sentimentos.

Boa Páscoa!



## Ladrão de Galinhas

A tirar pela voz, aquele interlocutor de ocasião era novo, um jovem repórter interessado em colher dados a propósito dos impedimentos sociais de agora, diante da violência crescente e desenfreada. Em outras palavras: o que não se pode mais fazer em consequência do medo, do pavor que a sociedade enfrenta? Pedi um tempo e o endereço eletrônico, como cabe fazer na contemporaneidade, em vinte minutos, prometi, responderia. E respondi! Bastou uma reflexão curta sobre o ontem das coisas e o hoje do cotidiano, para encontrar as diferenças e nas vinte linhas das suas exigências redigi o texto. Parece muito fácil a qualquer cinquentão fazer isso! As lembranças de um Recife que se foi, embalado nas toadas de todas as saudades, facilitam declarações assim!

Ora, não se pode mais andar no centro urbano, fazer compras na Imperatriz ou passear – simplesmente passear – na velha rua Nova, voltar pela Guararapes e apreciar da ponte o rio passando lento, enchendo ou vazando. Não se pode mais sentar no *Quem-me-Quer* e admirar o desfile das moças, indo e vindo das compras ou esperando a sessão de cinema no São Luiz. De um lado, o da rua da Aurora, as meninas casadoiras, umas comprometidas já e outras não, livres e desimpedidas e do outro as que da vida viviam, vendendo o corpo e os amores. Metade cá e metade lá, como o imaginário da rapaziada, fantasiando vontades que eram desejos nem sempre realizados. Um sorvete no Gemba ou um sanduíche na Confiança serviam para encerrar a tarde buliçosa. E haja sonhos!

Os rituais também se foram. Quem se atreve a percorrer a pé as sete igrejas das tradições da Semana Santa, partindo da Matriz da Soledade e chegando à de Santo Antônio, uma por uma, beijando o Senhor Morto. O jeito é fugir de casa, correr para o campo ou se esconder na praia, estirar-se na rede ou sentar-se na espreguiçadeira e ao sabor da cerveja gelada ou do vinho à temperatura ambiente fazer a opção entre um livro, um clássico da música e uma conversa a ser fiada em alpendre ventilado. Até o Carnaval mudou, o curso acabou e as colombinas estão refugiadas nas grades de todos os medos, a lágrima do pierrô enxugou e não há mais arlequins saltitantes. Um ou outro

bloco de rua se atreve em percorrer o centro, na sexta-feira gorda ou no sábado de Zé Pereira. Depois, recolhem-se!

No tempo do São João tornou-se impossível visitar os arrabaldes, passar nos largos e observar as quadrilhas matutas repetindo o dançar ritmado das cortes européias. Muito pior se o penitente saudosista, mesmo de carro, desejar conferir as fogueiras de Santo Amaro e os fogos coloridos que enfeitavam os céus da cidade vindos do Clube Português, onde muitos não podiam entrar, mas podiam ver, das calçadas do Parque Amorim, a beleza espaiada nos ares, dando cor à paz. As antigas carroças puxadas a cavalo, que traziam os noivos em noites assim, não circulam mais antecedendo o préstito e os pares estão desfeitos, separados para todo o sempre, pairam nas nuvens das recordações, como se fossem fantasmas de muitas lembranças. Sequer há retretas em palanquins de subúrbios!

As brincadeiras de meio de rua, o *pega* e o *pega-soltou*, o *queimado* e a *academia* estão proibidas às crianças. Empinar *papagaio* e jogar uma pelada são atividades tangidas do imaginário infantil, mais do que ocupado com a Internet e os desenhos da televisão. Ninguém sai de casa para apanhar manga, tirar oiti e recolher cajá ou a azeitona caída do pé! O velocípede circula na sala dos apartamentos e de bicicleta não se vai ao colégio, tampouco a passeio nos entornos da moradia onde estava, recatada e reclusa, a musa da adolescência. As alamedas do parque 13 de Maio vivem um silêncio que assusta os antigos amantes. Nem o senhor bem cuidado, de carro importado, da marca *Skoda*, com a mão esquerda estirada pra fora da janela, a tirar a aliança da denúncia, teria mais coragem de cortejar a jovem de longos cabelos, lisos e negros!

Sou do tempo do ladrão de galinhas e do batedor de carteiras! Tenho saudades do tudo, das cadeiras no portão e das casas escancaradas, dos retornos em grupo pelas ruas do Recife, de antigos saraus e dos aniversários domésticos, dos assustados e das festas de bairro. Sou assim!

## Folhas Secas

Li e reli a carta de uma senhora alemã, de 79 anos, à sua nora, pernambucana deste rincão e tirei dali lições que vou guardando para o meu doravante. Diz a missivista que vive o outono da existência, sentindo a lentidão a lhe tomar o todo, pouco a pouco, no pensar, sobretudo. Mas, recomenda com sabedoria à jovem nora que guarde os domingos para o Criador ou os reserve à família. E conta que em seus passeios aos bosques germânicos, vez ou outra, recolhe uma folha solta ao vento, largada ao léu. Nota que é seca, amarelada, embora traga, sempre, pequenas manchas verdes, as quais desaparecem depois de guardada por entre as páginas de um livro qualquer. A dona Ângela Efken, certamente, não imaginava que um aprendiz de cronista fosse tomar as reflexões de sua missiva e aproveitá-las em ocasião assim, de recolhimento d'alma e meditação do espírito, num domingo qualquer de tropicalidade afluindo. Uma reconciliação com o sentimento, então!

Eis a plenitude da idade, o ápice da experiência existencial! Foram anos e mais anos contados em décadas reunindo vivências e convivências, convívios, afinal, sintetizados assim, num filosofar, posso dizer, doméstico, a sagrada forma de se apontar veredas a serem seguidas, caminhos a percorrer e estradas a passar. E é nesse outono ou nesse ocaso e nunca por acaso, que o conhecimento do dia-a-dia, das práticas de vida, deve ser transferido, mesmo que haja a lentidão no gesto ou mesmo que o ato e o fato de pensar exijam um desusado sacrifício. A maturidade tem isso, traz o dano e a debacle, o declínio, pois, mas promove a serenidade e a paz, permite que a reflexão conduza os destinos e inibe a pressa irrefletida, tão comum na juventude e uma constante, quase, na adolescência dos anos. E a dona Ângela Efken enaltece a família, a célula mater e recomenda Deus, que é tudo, a concórdia e a humildade, a harmonia e o sossego.

A lição maior, todavia, está nas folhas secas recolhidas ao léu, nas gélidas paragens germânicas, todas com manchas verdes e que murcham, quando deixadas por entre páginas de livros. Toda gente, do começo ao fim dos tempos, preserva nos interiores marcas assim, do viço e da força, para se alevantar dos baques ou para superar obstáculos, pedras do caminho e percalços nos atalhos da vida. Há sempre um recomeço! Uma mudança, uma transformação, a metamorfose da criatura, numa readaptação aos cenários da

existência! Verdadeira reengenharia humana! Ninguém, todavia, deve se encolher e restar prisioneira, de si ou dos outros, sob o risco de murchar, de perder o brilho e a cor, de se tornar um nada, que a nada pode criar. Só a criatividade realiza o homem, porque o aproxima, mais e mais, do Criador, que fez a tudo e a todos, que estabeleceu as leis da natureza e sustenta o Universo em sincrônicos movimentos de rotação e translação.

Viver é um exercício difícil, uma sucessão ou uma alternância de ganhos e de perdas que inquietam profundamente o ser. Há uma cruz reservada a cada um! Algumas mais pesadas, lenhos de madeira bruta, à semelhança de rochas, que tornam a trajetória penosa e sofrida, que abrem incuráveis chagas! Outras, mais leves! A criatura, porém, enfrenta tudo isso, vai contornando momentos e dando a volta em minutos, desespera-se e chora o pranto sentido, rasga-se em lágrimas e parece sucumbir. Sente-se, por vezes, um palhaço no picadeiro da vida, arremedando humores que não tem e achando graça no nada do nada! Reconhece, afinal, as dificuldades da hora e se ergue! Há, sempre, um sorriso guardado, uma expressão de afeto reservada e um afago emergente! Aos que foram melhor aquinhoados e cuja aflição é menor, que não cumpriram a paixão e a morte, cabe compreender, entender a inquietude alheia, sem exigências, pois.

O verde da esperança há de vencer a palidez amarelada dos fracassos estabelecidos e das ruínas sentidas, afastando as ameaças do cinza de todas as derrotas e do preto de outras desgraças funestas.

## O Recife de Agora

O Recife, como as metrópoles do mundo, vem experimentando nos últimos 50 anos o que tenho chamado de metamorfose do tudo, isto é, mudanças e transformações que ultrapassam o simplesmente físico e o apenas urbano, para ter também uma natureza sociológica ou antropológica. A paisagem da cidade contemporânea é diferente, inteiramente diferente daquela de meio século atrás, desde as periferias, nas quais proliferam favelas e palafitas ocupadas por migrantes e seus descendentes, tantas vezes desempregados e deseducados. Na selva de pedra e cal aglomeram-se os prédios de apartamentos, apertando as famílias em quatro paredes. O ser humano mudou também e hoje as relações de amizade ou de vizinhança não reconhecem mais a proximidade dos anos que ficaram encantados nas brumas do tempo. E quando há aproximação, nota-se o exagero e a ausência de limites. Prova disso está nos namoros e nos filhos de mães adolescentes.

Desapareceram as antigas moradias, tangidas pelos enormes edifícios, arranha-céus do presente. Com isso, levaram as cadeiras da calçada, postas em fins de tarde pelos netos, para que sentassem as avós e fiassem conversa com os parentes e os vizinhos. O mascate, que passava vendendo a matéria prima da costura, do crochê e do bordado, muito do agrado das senhoras idosas, afastou-se do cotidiano, do mesmo jeito e agora tudo está disponível nos *shoppings* e nas lojas que proliferam em galerias dos bairros finos, ao lado da verticalidade das residências. O vendedor de amendoim, torrado e cozinhado, mestrecuca da deliciosa farinha do grão, encostou os balaies, deixou de gritar chamando a garotada para degustar aquela preciosidade artesanal. Foi substituído pelos meninos que nos bares da vida ofertam o produto sem gosto, faltando o tempero do bem-querer.

Nos bancos assusta, às vezes, a quantidade de máquinas que fazem o serviço do estabelecimento. Assim, é possível sacar, depositar e cumprir os compromissos do mês. Há uma luz que sabe ler, dispensando as antigas filas, de voltas e voltas no salão, as quais nem sempre fluíam com a desejada rapidez. Estão dispensadas as cenas que vi na infância, dos grandes livros sendo abertos no balcão, para o funcionário identificar o nome do correntista e fornecer o saldo do dia.

E foram demitidos os empregados considerados excedentes, com a estréia do computador e a automação das operações, dessa forma com outras empresas, na indústria e no comércio. De tal maneira que no tempo do hoje, quem não tem uma especialização, uma profissão, está fadado à perda, ao desemprego ou ao subemprego.

E o comércio do centro, tão movimentado no pretérito, com lojas e mais lojas à disposição da clientela: a Sloper, a Viana Leal, as Lojas Seta para homens, a Personal e muitas outras? Era na Viana Leal que íamos escolher os presentes de aniversário ou do Natal, adquiridos com todo o sacrifício por meu pai. Ali, também, visitávamos o Papai Noel e nos embalávamos nas fantasias do velhinho, absolutamente crentes em sua passagem na noite do nascimento de Jesus. Sumiram, da mesma forma, as vendas que abasteciam os bairros de classe média e vendiam fiado, usando uma caderneta, na qual se anotavam as despesas a serem cobradas no final do mês. Era um ponto de encontro dos passantes, onde se podia provar o bacalhau e o *figo de alemão*, comidas não recomendáveis aos remediados da sorte. Os supermercados ganharam a concorrência!

Freqüentava-se o cinema São Luiz ou o Moderno, o Trianon ou o Art Palácio, de seletos expectadores. Esperava-se a namorada à porta e assistia-se o filme do dia. *La Violetera* fez sucesso e era repetidamente visto pela rapaziada, uma outra película, cujo nome não me ocorre, na qual a trilha sonora incluía a música Relógio - “Por que não páras relógio/Não me faças padecer/...” -, abalou os corações da moçada. Depois das duas horas sentado, o sorvete no Gemba era indispensável e muitos amores nasceram assim, diante de um casquinho do gelado de ameixa ou de graviola. Agora, os cinemas estão embutidos no corre-corre dos *shoppings*, para que todos se protejam da violência.

Eis o Recife de agora ou eis aqui a metamorfose do tudo!

## O Terceiro Zé

Há certas coisas na vida que exigem um ritual apropriado. Uma dessas a leitura de um livro. A depender do texto, a liturgia a ser cumprida deve se estabelecer por inteiro. Se técnico, convém abrir o volume em superfície dura, numa mesa ou nas antigas escrivaninhas, mas se for leve e agradável ao espírito, não custa sentar-se em cadeira de balanço num alpendre bem cuidado. Com o *Terceiro Zé* fiz diferente, acomodei-me na cama com travesseiro alto e de um fôlego só li toda a autobiografia de José Lira Guedes. A vida do homem é uma lição, dos começos aos dias de hoje, pois que nascido nos esturricados sertões paraibanos, na cidade de Cajazeiras, filho de um caminhoneiro, chegou a promotor de justiça. Que beleza!

O autor, entretanto, embora ligado às leis e aos decretos, às voltas, tantas vezes, com questões de polícia, pois que foi delegado em Goiana, sem vocação alguma para trancafiar o próximo, é de uma sensibilidade humana extraordinária. Cultiva o hábito da música como um hobby que lhe ocupa o tempo do ócio. Bastou lhe dizer que gostava de ouvir *As Pastorinhas*, na sonoridade retumbante da Banda de Música do Corpo de Bombeiros, para receber de presente um CD trazendo uma série de gravações dos meus anos de adolescente. Ora, dispõe em casa de equipamento próprio para esse resgate e com isso vai atendendo à curiosidade dos amigos interessados nesta volta ao pretérito. Imaginária volta! Ignoro se dispõe da letra de Diana: “...Não te esqueças meu amor/Que quem mais te amou fui eu....”

Mas, o que encanta mesmo é o sentimento de gratidão, que aflora em cada página do livro, lembrando a todos que de uma forma ou de outra o ajudaram, desde a genitora aos companheiros de agora. O pai, que talvez não tenha sido um marido exemplar, tem o seu papel destacado na educação de quem foi menino, como todos os mortais deste mundo de Deus. A força de seu caráter e de sua retidão ficou na personalidade do filho, com toda certeza. E o irmão, de tantas ajudas nos seus inícios, aparece na saudade de quem cumpriu o desiderato de um mister sublime, o de sair dos agrestes e crescer pelas mãos do saber, sempre. Foi com um sacrifício enorme que estudou no Ginásio Pernambucano e depois na Casa de Tobias.

O José Guedes, que se intitula *O Terceiro Zé*, porque os dois primeiros foram chamados à dimensão do eterno, merece a promoção à condição de primeiro Zé, pelo que é. Trabalhou no balcão de várias das casas comerciais do Recife e foi mudando de emprego, levado por indicações fraternas de seus colegas, fixando-se com prazer numa loja de discos, onde fazia o que gostava: ouvir música. Findou bacharel e aí fez os concursos todos que apareceram, tornando-se, a contragosto, um agente da lei e depois um integrante orgulhoso do Ministério Público. Só não se deu bem nos júris de que participou, por certo pela timidez que carrega ou porque não lhe apetece condenar o réu, por pior que seja. A bondade da criatura parece impedir as colocações, às vezes cruéis, do algoz!

Numa viagem de férias a Garanhuns, hospedado no SESC, encantou-se no café da manhã com uma bonita e agitada hóspede, elegendo ali a sua musa de todos os anos: Matilde. E com Matilde ficou, na saúde e na doença! As filhas cresceram e se formaram, casaram e trouxeram os netos pra casa do avô transformado em coruja. Os genros são filhos, no dizer de Zé Guedes, juntaram-se à família e experimentam a amizade sincera deste artífice do humano. *O Terceiro Zé* desmoralizou a cantoria de Maria Baixinha, a babá lá de casa em décadas já passadas e por isso vencidas, cuja flexão da voz dava vazão, todos os dias, à choradeira: “Quem faz o bem/Recebe sempre o mal.....” Ele, que recebeu e agradeceu, merece confetes dourados e serpentinas de cetim. E viva o *Terceiro Zé*!



## O Vagabundo da Praça

Aproximou-se a passos lentos, como se estivesse medindo as distâncias, mesmo conhecendo esses entornos de cor e salteado. Escolheu um dos bancos e estendeu no encosto o paletó surrado, sentando-se em seguida, não sem antes acomodar a seu lado a caixa de leite em pó cheia de revistas. Abriu uma dessas e passou rapidamente as páginas, detendo-se, aqui e ali, numa foto qualquer, sem que lhe importassem os textos. Retratos da sensualidade feminina à vista de um homem como outro qualquer, diferenciado, apenas, pela condição humilhante do analfabetismo, que inibe a cidadania. O cão ajeitou-se no chão, abriu a boca preguiçoso, fechou as pálpebras, jurando lealdade que tantos desconhecem e quase ronca. O passante, que empurrava a carroça repleta de latinhas usadas - o lixo do luxo da burguesia -, com o filho a lhe ajudar no ofício, decidiu parar e descansar. Tirar um deforete, diriam os antigos!

Cumprimentaram-se e um diálogo nasceu! O vagabundo falava e gesticulava, argumentando com segurança, explicando, certamente, as suas idéias e os seus ideais. O interlocutor de ocasião retrucava o quanto podia, discordando, então, do pensamento alheio. A criança, absorta, acompanhava os dois na conversa, sem compreender bem de que falavam e o que discutiam. Não houve acordo e o moço forasteiro se alevantou, virou-se para o menino e fez o gesto universal, tocando a fronte com o indicador da mão direita: “É doido!” Seguiu em frente com a sua carroça, voltou à faina da reciclagem do alumínio, garantindo a fêria. Outra vez o vagabundo abriu uma revista, folheou com a mesma rapidez e se deteve na visão da nudez! O menino de rua, cheirando cola quase senta, não fossem os latidos do cachorro. O cavalo que passou pachorrento, como cabe ser aos eqüinos, nem ligou para os dois, mas por pouco não provocou um acidente grave, graças à precisão dos freios do automóvel novo.

Do outro lado da rua, o vigia do prédio em acabamento descansava a sua monotonia sentado em cadeira de plástico, desdobrando um pedaço de papel com o qual se ocupou. Leu com vagar uma, duas, três vezes se pouco e novamente acomodou aquilo que parecia um bilhete no bolso da camisa. Seria uma carta de amor, como aquela que amigo meu enviou para a mulher amada nos tempos

da adolescência? Copiou de um livro especializado em declarações o conteúdo de uma: “A perspicácia que te caracteriza dá margens a que meu amor por ti se concretize...” E veio me pedir para corrigir! Imaginem! Sequer sabia o que era perspicácia! Ou as palavras e as frases daquele bilhete expressavam rupturas de uma paixão? O que lera e o que sentira ninguém sabe, ninguém viu, tampouco ouviu! Mas, preferiu distrair-se com as maluquices do personagem à sua frente, falando baboseiras – coitado! -, o discurso dos loucos de qualquer um dos logradouros do mundo!

Um homem aproveitava o domingo para um extra e descia a fachada do edifício em equipamento de segurança duvidosa, rejuntando as pastilhas. O vagabundo prestou atenção à cena e não se conteve, versejou assim: “Se você cair/Não vai se ferir/Pois estou aqui/Para lhe acudir/...” Dava esperanças ao pobre peão, dependurado como estava, sustentado por um cabo de aço. O empregado gritou lá de cima, repetidamente: “Doido! Doido! Doido!...”. Diante desse vozerio todo, a mulher de um prédio mais antigo, de amplos e bem divididos apartamentos, apareceu na sacada. Vestia roupa de dormir, ainda, uma camisola curta, de transparência parcial, mas tinha as formas bem desenhadas de quem fora bonita na juventude. Já ia pelos quarenta, pouco mais ou pouco menos. O marido, mais ciumento que cuidadoso, puxou-a de volta. Afinal, não valia a pena essa exposição matinal! Quase repito a crônica de Veríssimo: “Uma Vizinha Maravilhosa”.

E os ponteiros do relógio se abraçaram: hora de se procurar o restaurante e degustar o bode bem passado. Mas, o maluquinho ficou, porque não tem o direito dos outros, o de se alimentar! O vigia também e o peão. Só a mulher de beleza pretérita sentou-se à mesa e pôde almoçar! Depois, foi dormir a sesta da tropicalidade. Acordou tarde e perdeu o sono à noite. Arrumou todo o guarda-roupa. Valha-me Deus do céu! Quantas peças?

## Os Brotinhos

Os meninos eram tomados como exemplo em minha rua, porque enfrentavam os livros com vigor e o meu pai dizia assim: "Vocês deviam estudar como os filhos de seu José Diniz!". Ora, é que Maurício sabia os segredos da Matemática e quase vai ao desespero para me ensinar a conta de dividir, depois de minha mãe entrar em parafuso, verdadeiramente, sem conseguir repassar os mistérios do divisor e do dividendo. Marcos, também, enveredou pela agronomia e fez carreira, trabalhou pras bandas da Universidade Rural e hoje se refastela na dignidade do ócio. Meus amigos fraternais, todavia, eram Moisés e Mozar, figuras quase gêmeas, que aprontaram tudo o que puderam na vida, sobretudo o primeiro, com o cognome de Coca-Cola, sem alusão ao arcebispo de então. É que Moisés, com a Kombi de que dispunha, aceitava ajudar os amigos em certas rotas dos amores. O penitente e a namorada no último banco, aos beijos e aos abraços, enquanto o carro serpenteava pela cidade inteira. Muitos daqueles ósculos ficaram nos ares das rupturas e dos desejos frustrados!

Quando eram menores, entretanto, fundaram uma troça carnavalesca com o sugestivo nome de época: *Os Brotinhos*. E saiam tamborilando pelas ruas das redondezas do Pombal, entrando nas casas e fazendo paródias. Na minha, não descuidavam do intelectual e cantavam: "Se esta rua fosse minha/Eu mandava ladrilhar/Com pedrinhas de brilhante/Pra Dr. Nilo passar/...". E Nilo Pereira ficava orgulhoso, integrando assim, a letra improvisada da tocata! Era uma festa no alpendre do sobrado azul, quando o sábado de Carnaval aflorava, na cadência de todas as fanfarras. Dona Lila, cuidadosa com as coisas, servia um ponche de maracujá, evitando do álcool dos excessos. Como já sabia do movimento, comprava logo cedo, na feira de Santo Amaro das Salinas, a fruta que *Pássaro Triste* carregava no balaio enorme, mandando encher o depósito apropriado: a poncheira. E a gente miúda daqueles antanhos se esbaldava na pureza das estrofes e dos acordes! Seguiam pela avenida acompanhando os trilhos do bonde e voltavam pela Afonso Pena, no circuito do frevo de bloco.

Foi com Mozar que estudei para o vestibular; Mozar e outros mais, um desses, cujo nome omito por hesitação da consciência, muito engraçado, porque decorava as coisas todas das apostilhas e dos livros,

sem corrigir os erros de revisão. Foi assim que, repetitivamente, insistia que o paramércio - um protozoário - tinha a forma de “chilelo”, chinelo, na verdade. Era uma gozação geral com a explicação do colega, que sequer sabia do significado desse “chilelo” do cão. E juntos terminamos a faculdade, ele vestiu a farda da Marinha de Guerra e nunca foi à belicosidade do combate e eu fiquei por lá mesmo, nos muros da academia. Vez ou outra nos vemos e o marinheiro abre a boca pra cantar e resgatar saudades dos tempos idos e vividos, rebuscando pretéritos, que são como as águas do rio que Fernando Pessoa viu junto com Lídia, não voltam mais. Misturam-se, ao final, com outras águas, as do grande oceano das perdas! E ninguém sabe daquelas lembranças e daquelas recordações, que são gotas, apenas, na largueza do imaginário!

A prole de Zé Diniz ultrapassa as expectativas do hoje, tanta gente quanto um time de futebol, contando os que ficaram para o banquete da vida e os que se foram, encantados na dimensão do eterno. Moacir, por exemplo, chorado por todos, até por *Gata Preta*, folclórica figura que deplorava a voz de *Sabará*, o ébrio da rua, cantando de Vicente Celestino o próprio destino. Cresceu no banco e virou gerente, comprou uns carros e fez uma frota, foi político no município e não se elegeu, trabalhou até o momento derradeiro e se entregou. Marta e Mércia fazem o contraponto, dão graça à casa só de marmanjos. Mas, Murilo, o detalhista, de relojoeiro tornou-se empresário, acerta de toda gente a hora e os minutos. E José Diniz Filho - o Dinizinho -, adotou São Paulo como pátria! Só vem a Recife pra ver o Galo, pra dançar no Lili e sambar nas avenidas todas da cidade!

Zé Diniz olhou pra trás, viu o filme da vida e fez 85 anos, lembrou da caldeira da fábrica em que trabalhou, dos suores e dos percalços, conferiu enlevos e desfraldou o estandarte da antiga troça - *Os Brotinhos* -, gritando a pulmões plenos: "Vim! Vi! E venci!". Ouve, agora, na varanda do apartamento, os ecos da vitória, repetindo a assertiva, a contabilidade dos saldos.

## O Feitiço Religioso

Em nossas televisões admira a quantidade de programas sob o patrocínio das chamadas novas seitas, igrejas que não prometem o reino eterno, mas acenam com o sucesso imediato de cada um, desde que o dízimo seja recolhido em dia e conforme os preceitos. Ora, a criatura humana, solicitada o tempo todo pelos comerciais que seduzem a população com roupas de marca, carros do ano e outras benesses materiais, só pode contaminar-se e conseqüentemente ainda mais brutalizar-se, desumanizando-se de forma crescente. Mas, toda gente está assim! Até o médico de plantão naquela noite dos meus horrores deixou de me atender enlouquecido de dor como estava, sequer quis me ver, olhar o meu semblante sofrido. Ele era na ocasião o rei do nada e a majestade do muito pouco. Depois, nem uma visita, um telefonema que fosse! Cruel! Crudelíssimo!

Além dos apelos ao consumismo e ao crescimento pessoal, há curas mirabolantes de doenças cujo tratamento resta ignorado pela ciência. Isso se constitui em perigo iminente para as comunidades religiosas, crentes nessa reparação milagrosa. Mais do que isso, alguns males que caminham para um indesejável desfecho são envolvidos no feitiço em massa, os doentes, então, abandonam os tratamentos, os hospitais e os leitos, refugiando-se nos bancos dos templos e nas filas das mágicas e mirabolantes metamorfoses da reparação orgânica. Exercício ilegal da hipocrática profissão, passível de inquérito nas hostes da Polícia Federal e depois o competente processo na Justiça. E ninguém faz nada, nem as famílias e tampouco as autoridades. São mais competentes que os médicos todos, dispostos ou não em especialidades. Nunca vi tanta versatilidade com a cura!

Chama a atenção, também, a suntuosidade dos prédios ocupados por alguns templos. Agora, inaugurou-se um com climatização central – Imagine o leitor! -, quando as igrejas tradicionais do Recife demoraram tanto a alcançar essa modernização da globalização e dos avanços da técnica. Nota-se, então, que a renda é alta e o lucro, o excedente da arrecadação, além de qualquer expectativa. E o pior é que são os pobres, os excluídos, sobretudo, que sustentam o luxo e a grandeza. Há uma demanda exponencial do povo em busca dos cultos e o pagamento do sucesso vai sendo feito mais e

mais. Paga-se como no passado se pagou, pela tranquilidade dos céus e a paz de espírito. Isso pode até estimular um ou outro no sentido do empreendedorismo de que se fala, mas não é como o maná caído das alturas celestiais para alimentar a tantos e não pode ser.

Observa-se que os pastores, conhecendo a situação brasileira, a precariedade social do povo e cada um dos problemas que aflige a família, direcionam os seus milagres no sentido certo do econômico. Se tudo isso fosse verdade, se ninguém disso duvidasse, o governo não teria ministros de Estado, bastava contratar bispos, pastores e presbíteros para os serviços de planejamento e execução das medidas e dos milagres. E cardeais, pois o sepultamento do Papa encantou os homens das religiões com os paramentos cardinalícios e começam a pensar na possibilidade de príncipes assim vestidos. Mas, o que dói é assistir na televisão o convite aos desempregados, aos que têm filhos jogados no vício, aos sem teto e tantos mais a comparecerem munidos dos respectivos documentos, mostrados à assistência inteira. A Carteira Profissional, então, traz um colorido especial ao templo.

A liberdade de culto, assegurada pela Constituição Federal, tem certos limites, pois que tudo na vida deve reconhecer pontos a serem respeitados, sobretudo aqueles que ferem a coletividade e chegam a invadir a privacidade alheia ou se aproveitam a ingenuidade do povo. Melhor sintonizar a TV-Universitária e assistir uma programação de nível, do erudito ao popular.

## Jorge Regueira

Escrevo, meu caro Jorge, porque há compromissos aos quais não se pode faltar, mas pelo meu gosto eu deixaria a coluna em branco ou mandaria passar uma tarja preta, o mais negro que pudesse, cobrindo o espaço inteiro. Infelizmente, continuam por aqui as obrigações, mesmo quando o preço é o de hoje - o imponderável pesar! Nem sei como vou arrumar as letras e construir frases para encher o papel todo. Há um branco, completo branco, a me tomar o processo de criação. A folha, pequena no dia-a-dia, parece ter o a medida do jornal.

A lágrima que rolou na minha face, exprimindo a dor e traduzindo a saudade, foi somente uma gota neste mar de sofrimento dos parentes, colegas, amigos e clientes. Pingou no chão, como todas as outras que traduzem a irreparável perda, a separação perpétua. A sua dor, a sua saudade, eu sei, eu compreendo muito bem, foram, infinitamente, maiores do que a nossa.

Nesse mundo cão, de tanto padecer, meu caro Jorge, não vou guardar a lembrança amarga da hora final, como não desejo a recordação da intimidade natural recebendo-o de volta. Guardarei o outro lado, a alegria, o otimismo e a segurança dos momentos do existir, trazendo à luz tantas e tantas vidas.

Vou lembrar do dia do nascimento de Ana Carolina. Nós dois, na sala que antecede o ambiente do parto, nos preparando para o momento sublime. Eu me vestindo meio perturbado, temeroso e você fazendo graça, brincando com a ocasião. Depois, o primeiro choro, forte e o rebento de pronto entregue ao pai - a mim. Uma agulha no chão furou-lhe o pé e a risadaria tomou conta da sala. É essa gargalhada que me fica!

Vá em paz, caro amigo, hão de o receber outros que, como você, sofreram nesse vale de lágrimas!





## A Finitude Humana

O homem nasce e precisa encher os ares do mundo com o choro forte dos inícios, para que toda a gente creia, firmemente, no ato da parição humana ou para que se aceite o novo conviva neste banquete largo da vida. Cresce e se desenvolve, a depender de muitas variáveis, das internas e sobretudo biológicas e das externas, da ambiência em que vive e sobrevive, em casa e na rua. Depois, declina e se entrega, definitivamente, ao pó, restaurando o ciclo da natureza, da conservação e da manutenção de uma lei ou de uma máxima: nada se cria, nada se perde, tudo se transforma! Eis a metamorfose da criatura, também, dos começos às finitudes. Todos, porém, deixam, no grande livro da vida, uma história escrita e inscrita, boa ou má, de contributo positivo ou de injunções maléficas à comunidade, à sociedade e até à humanidade. Se lega um filho à descendência, cumpre o destino da perpetuação do sangue e da espécie e se planta uma árvore, revolvendo a terra, promove a antecipação dos retornos à definitiva morada do ser, que é a solidão ou o isolamento derradeiro. Escrevendo um livro, pode gravar o saber, transferindo à posteridade a experiência dos anos. Dessa forma, não morre.

Olhando, então, o homem, o meu mais do que ilustre mestre Paulo Borba, definitivamente inerte e entregue assim aos desígnios do Criador, pronto, inteiramente pronto, para a viagem ao infinito de todas as coisas, para a outra dimensão da vida, evito lembranças ruins, aquelas da terminalidade, dos sofrimentos e dos padecimentos. Faço, na realidade, o exercício da ressurreição, mesmo que imaginária, do professor e do colega, revivendo então outros momentos, de tantos anos para trás. Vou às enfermarias do velho Hospital Pedro II e o encontro, estetoscópio aos ouvidos e tensiômetro à mão, examinando cuidadosamente os doentes. Um diagnóstico aqui e outro acolá, a prescrição de digitalina ou de reserpina, como cabia fazer à época, ou de um diurético qualquer, recurso mais ou menos recente, ao tempo, no trato das elevações da pressão. Antecipador da Cardiologia no Recife, fazendo milagres, quase, com as insuficiências do órgão que é a bomba da circulação e uma bomba, tantas vezes, na vida de toda a gente. Depois, na sala de aula, no Teatrinho, como chamavam os estudantes,

teorizando a prática das prescrições, recomendando dietas e outros procedimentos. Fazendo o discurso da negação do sal.

O tempo passou rápido, tornei-me colega de Paulo, na profissão e no magistério, e tive uma das mais sadias convivências com o mestre, de lições sempre, mas de muito bom humor. Ora que fazíamos parte de um mesmo conselho e nas reuniões, até, discordávamos um do outro, não sem antes combinar uma polêmica durante a sessão. Acertávamos os detalhes, quem deveria pedir a palavra primeiro e como seria a réplica e depois a tréplica. Isso tirava a monotonia das pautas enormes, pelo menos para nós dois. O então presidente do colegiado olhava com perplexidade o debate e tomava medidas acauteladoras, cuidando em dissolver a aparente discórdia. Posto em votação o pleito, vencia Paulo Borba, sempre, e eu alegava a sua condição hierárquica superior, para ganhar assim, as disputas todas. Ele ria às bandeiras despregadas. “Da próxima vez, deixo você vencer”, dizia, e voltávamos juntos, às brincadeiras, caçoando do mundo. O bom humor de Paulo era, para mim, uma constante e muitas vezes lhe disse: “Paulo, você já foi brabo!” “Eu nunca fui brabo.” Respondia. “Se não tivesse posto muito de vocês no pau, ninguém tinha aprendido a Terapêutica complementava.” E era isso mesmo! Valeu a dedicação do homem à ciência, aos alunos e ao doente, especialmente!

Certa vez, porém, eu era recém-formado, praticamente, e fui convocado para uma junta médica, na qual o mestre estaria. Ora, pensei com meus botões: “O que vou fazer com o Dr. Paulo Borba junto de mim? Homem de experiência e de ciência?” Mas, fui! O médico, maduro já, cumpriu rigorosamente os preceitos determinados pelo Código em casos assim, de junta, e a seguir nos reunimos os três: Ruy João Marques, que era o assistente, eu e ele. Pois o homem aceitou a minha argumentação no mais elevado nível e o doente sarou. Grandeza de quem chega ao mundo para viver a integralidade da vida, fazendo da simplicidade o estandarte e da humildade a bandeira. Por essa e por outras, quando aportou nos domínios de São Pedro, não precisou pedir para entrar e nem bateu, tinha nas mãos a chave enorme da paz de espírito e da tranquilidade d’alma. Será convidado para as reuniões dos conselhos e me aguardará, para combinarmos novas e polêmicas discussões. Há de continuar rindo, caçoando das besteiradas

da vida, das preocupações indesejadas e desnecessárias, na nuvem da eternidade! Um anjo, de paletó e gravata!



## Mãe Desesperada

Nesses últimos dias, confesso, não tenho conseguido tirar de meu pensamento a tua imagem. Não a de hoje – Não a tenho! –, a dos dias que correm, mas aquela mesma dos muitos e muitos anos deixados para trás, tempos de felicidades paridos em simples manifestações dos afetos, inocentes, quase, e dos afagos de adolescentes em flor e tempos, também, de rupturas nunca inteiramente justificadas. A vida é interessante e bruta, às vezes, separa as criaturas definitivamente, apartando dos convívios velhos companheiros da fase do lúdico e determinando impedimentos aos que um dia se deixaram levar pelo carinho das palavras ou pela ternura dos ósculos puros. Não sei, sinceramente, como és agora, como é a tua face e o jeito da tua inteireza. Não pode ser a mesma coisa daquela década mágica, a sexta deste século, porque há peso, sempre, no correr da idade. Sei, todavia, das expressões dos teus sofrimentos, do choro convulsivo, forte, no momento crudelíssimo em que a verdade materializou-se como perda irreparável e do prosseguir padecendo, dia após dia, no pranto baixinho, que é o cochicho do desespero, o introjetar da mais completa e absoluta sensação de finitude. De quem se foi e da mãe que fica, vivendo, então, o vazio de todos os vazios! Perdeste uma filha! Amputaram-te os membros todos e a cabeça até, nessa abrupta ruptura do amor materno e da maternagem, também, que por toda a vida segue. Que consolo poderei te dar?

Elevando para os céus as minhas orações silentes, aqui e agora, nesta noite de insônia emergente, não evoquei o Pai senão por ti. Por ti que vives o tempo sem desejos, subsiste em função do bem maior, da crença dos teus anos de adolescente, quando o terço tomava-te as mãos finas, num dedilhar dos mistérios, uns gozosos e outros dolorosos, antecipando então momentos de vida. São aqueles princípios e aquelas posturas, aquelas esperanças, enfim, surgidas da piedade cristã, de futuros a serem cumpridos, ainda, na plenitude da graça, que podem te alevantar os ânimos. Nem tudo está perdido neste reino da aparente desgraça, a luz que alumia o fim do túnel mostra os caminhos do resgate, acende a chama de novos encontros, quando tudo estiver consumado. Deus, que é sobretudo Pai, traça as vertentes, determina os ganhos e as perdas da existência humana, mas dá forças para que se

possa enfrentar horas assim, de tanto luto, do sentimento de impotência total diante do inexorável. Não há remédio, bem sei, capaz de sarar tamanha ferida, tamanho dano, especialmente quando está vitimada uma mãe. Contudo, é preciso buscar nas entranhas d'alma a resistência para se recompor e continuar cumprindo o desiderato da vida! Difícil avaliar a dor dessa punhalada que te derrubou o espírito, para quem como eu nunca se aproximou de tão grande perda a impedir caminhos. Chorar é preciso, todavia, para que sejam extravasados todos os horrores, para que se possa recuperar a paz, afinal! Deves chorar o mais que puderes, em casa e na rua, em qualquer lugar do mundo, sem os pudores do pranto, só assim hão de enfraquecer as marcas da perda. Apagar não, nunca!

Quando estiveres só, na tênue penumbra de teu quarto, onde cumpres a viuvez dos teus anos de maturidade, eleva a Deus o imaginário e pede forças para de novo iniciar. Há nos teus destinos um Sol diferenciado, desde os começos, que iluminará os dias do porvir. Tu sabes de tudo isso! A vida é assim, infelizmente, há tropeços que pensamos nunca superar e num momento qualquer notamos que já estamos, outra vez, na batalha da existência. É necessário, sempre, iniciar! Retomar as alamedas que nos conduzem à busca perpetuada da felicidade e da paz, da tranquilidade, enfim. Alamedas como aquelas do parque e dos passeios da juventude, de tantas lembranças, então! Os meus pedidos e as minhas rezas são insuficientes, nunca ouvidos, pecador contumaz, como tenho sido, mas, creias, não esquecerei de ti na hora de me acomodar, todos os dias. Os céus honrarão as promessas.

Recebas assim, nesta forma de expressão dos meus sentimentos, minha solidariedade amiga, as minhas orações e o meu pranto, também, de um choro dos afetos deixados para trás, nos mais de trinta anos contados na esteira do tempo e das distâncias. Creio, firmemente, na tua recuperação, num renascer das coisas e dos espaços.

## Respeita Januário

O velho Gonzaga se foi, encantou-se no infinito das coisas. Levou a alma montada num jegue e largou o espírito cheio de toadas, para impregnar o éter de nossa intimidade com as cantigas todas do sertão. Bateu forte na janela e viu Januário andando, calçando os tamancos de secas e secas vividas, trazendo na mão o mesmo copo d'água daquele retorno primeiro, da volta ao ninho antigo. Gonzaga chegou, gritou Januário para toda a gente ouvir, para que santos e arcanjos compreendessem o valor do gibão e a importância da sanfona. Convocou Santana e a filharada para ouvirem os oito baixos, os baixos todos de que se tem direito na eterna dimensão da vida.

Pois é, amigo leitor, o rei se foi, sumiu, desapareceu de nosso convívio, como todos nós um dia. Mas, deixou nesta terra de Deus um livro enorme de lições; livro cujas páginas são discos e discos de cantoria do sertão. Louvou a asa-branca, o assum preto, o mandacaru e a lama que virou pedra. Cantou do vaqueiro a sina de uma morte injusta, fez a louvação da mulher e gritou aos quatro ventos, com a goela forte de sertanejo, o amor pelo pai, por Januário. Esta a lição maior de Luiz!

Todos nós temos um Januário na vida, um pai que fincou os pés junto da gente e terminou, também, legando o saber. Nem sempre o saber é de natureza cultural ou científica, mas todas as vezes é a transmissão da experiência vivida em anos e anos de existência terrena. Ai de quem não contou com isso, de quem não teve a voz firme, grossa, sonora, mas afetuosa e generosa, para guiar-lhe os passos. Muitos não viram o pai ou não puderam absorver o lado humano da criatura, a parte boa que todo mundo tem. Faz falta, muita falta mesmo!

Lembro sempre a lição de Gonzaga nas palavras de Marcelo Gomes, leitor fiel, fidelíssimo, deste espaço: “Você pode escrever e apurar, mas nunca chegará aos pés de Nilo Pereira!” Eu não chego, não chego e não chegarei. Não posso chegar. Creio, firmemente, no que Marcelo gostaria de dizer, aplicando a mim os ensinamentos de Gonzaga: “Geraldo, respeita a Olivetti de teu pai!” É foi com ele mesmo, com o meu pai, o aprendiz de escrevinhador destas linhas. Nos tempos de menino, as redações do colégio passavam pelo crivo paterno e o velho, depois, nos meus primeiros discursos, nunca deixou

de oferecer um pitaco a mais ou um pitaco a menos. Frases compactas e períodos curtos eram as recomendações que procuro seguir até hoje, para não cansar a generosidade do leitor. E eu vou por aí, na trilha, somente, do mestre Nilo, que completa agora 35 anos de batente neste jornal, escrevendo todos os dias, o dia todo. Não tenho pretensões maiores, além da afetuosa acolhida do leitor.

Sobre a questão, quer dizer a propósito do respeito a Januário, que o Gonzagão manteve a vida inteirinha, conversei com Melquisedec Pastor do Nascimento, bibliófilo deste recanto bucólico da Boa Vista. E o mestre, ardente defensor dos livros envelhecidos, enaltecia a figura usada, também, de Januário, do pai de cabelos brancos, de voz enfraquecida e de corpo vergando, mas presente, sempre presente na vida dos filhos. Luiz, que superou Januário, nunca deixou de respeitar a sanfona, os oito baixos do pai.

Falar de Gonzaga é difícil, sem conhecer o que diz José de Jesus Ferreira, em seu livro *Luiz Gonzaga - O Rei do Baião*, em cuja obra o autor destaca o quanto a “...jovem Santana, uma moreninha doce e singela, de andar faceiro e pele suave...”, inquietava o espírito de Januário, menino, quase. É o Januário amante, sensual.



## A Proximidade do Inexorável

Meu querido e mui amado pai, nesta hora de tanto padecer, de tanto sofrer, num machucar constante, quase, da carne e do espírito, inquieta-me a impotência do meu ser e do meu saber diante da tua dor. A ciência que aprendi às custas do teu suor, derramado, gota a gota, sobre o teclado da máquina de escrever, falece, frente à proximidade do inexorável – desgraçada proximidade. Sou agora uma desesperada criatura e o meu desespero não pode mais chegar aos teus ouvidos, como dantes. Não suportarias este problema, esta questão que guardo e que vivo!

Tudo mudou, meu pai, em tão pouco tempo! Ontem, menino de calças curtas, ouvia as tuas recomendações e às vezes nem as seguia, peralta que fui. Depois, na metamorfose da existência, os conselhos rejeitados na inquietude que marca a adolescência serviram de guia na maturidade, para a escolha dos caminhos, das trilhas da vida. Adulto, mesmo, quantas vezes fui à tua procura, quantas vezes ouvi a tua bem pesada opinião! Hoje, pai, precisas de mim perto, bem perto, como se dispusesse eu, pobre mortal, da porção mágica, quase, que restaura a injúria orgânica, tão larga, já. Ah, se eu pudesse! Ah, se Deus me ouvisse!

O meu sentimento é de profunda depressão, é de incapacidade para enfrentar a perda que vai chegando, pouco a pouco, vergando-te o corpo mais e mais, roubando-te a voz e incapacitando-te. Somente a inteligência, atributo superior da criatura, está preservada, numa lucidez impressionante dos fatos e das coisas, da percepção, inclusive, desta proximidade com o imponderável. Ouvir de tua boca que preferes o desenlace à vida assim, com as dores da doença, cortou-me o coração, deu-me a mais absoluta certeza de que estamos perto, bem próximos da eterna distância. Saber o quanto admiras, agora, os outros, andando ágeis, de um quarto para outro, subindo e descendo escadas, enquanto tu, que já foste assim, quase não podes mais caminhar, leva-me às lágrimas. É isso mesmo, pai, são os desígnios do Criador, é a vida em sua seqüência cruel, amputando com lentidão as funções, dificultando a normalidade das coisas.

Gostaria de poder, ainda, ouvir palavras tuas sobre as grandes questões que enfrento daqui para frente no meu ofício, que foi sempre

o teu, o de transmitir o conhecimento, o de preparar a juventude, de formar as pessoas. De conversar sobre o passado, sobre os nossos passeios, de mãos dadas, ao velho Parque 13 de Maio, por alamedas da infância; sobre o nosso debruçar diante do Capibaribe, vendo passar a água célere e um barquinho pequenino. Ou sobre as nossas reuniões de fim de ano, interrompidas agora, em 1991, numa antevisão tua do futuro imediato, de um porvir diferente.

Guardo, ainda, o teu derradeiro telefonema, para falar de mim, para dizer: “Meu filho! Você é um vitorioso!” As minhas vitórias, pai, obtidas a sangue, suor e lágrimas, reconhecem na gênese primeira o teu papel de condutor, de educador, dando-me a rota das coisas e mostrando a turbulência dos mares da vida. Pena não possas mais assistir ao esforço que faz teu filho agora, primogênito da prole, no galgar de mais um degrau, em cuja base te vê, verdadeiramente.

Durmo contigo esta noite e te ofereço, ainda, o que puder, com os olhos marejados, já, pois que pressinto o fim. Um dia, contigo, nas brumas do eterno, outras estórias hão de rolar e vamos rir às bandeiras despregadas, novamente!

PS: Texto escrito dois dias antes do falecimento de meu pai – Nilo Pereira.

## Os Ares da Jaula

A jaula, como chamava meu pai o seu gabinete de trabalho em casa está definitivamente aberta e desocupada não aprisiona mais as idéias, permitindo a metamorfose da palavra e a gênese diária da crônica bem cuidada, no peculiar estilo da ironia fina. Jaz ali, mesmo, silente sobre a mesa, a velha máquina de escrever, sem tocar a sinfonia das letras se aglutinando em vocábulos, construindo frases e reunindo parágrafos. O papel não vai mais perder o branco virginal e servir de veículo, como fez por seis décadas quase, ao pensamento materializado no milagre da tinta, para brindar o leitor de todos os dias, chovesse ou fizesse sol. A poesia e a prosa deixaram de tomar forma, agora, nas quatro paredes da jaula, infelizmente!

A cadeira de balanço, de tantas leituras, há tanto tempo, jaz igualmente inerte, parada e não embala mais, em noites insones, o entendimento fácil de romances, biografias e outras peças da literatura deste mundo de Deus. Não embala, também, o manufaturar constante de pensamentos, palavras e obras. Ali, naquele canto, um recanto, reunia-se com os filhos, ouvindo angústias e escutando ansiedades, participando, enfim, das inquietações de cada um, expondo a experiência vivida em soluções alternativas para os grandes embates da existência. Às vezes, ainda, mesmo que doente, contava estórias, resgatando passados, falando de fatos, pessoas e coisas de sua longa vivência. Dois dias antes de se encantar, relatou em detalhes interessante passeio que fez às intimidades atlânticas, quando declamou no local exato do naufrágio do vapor Bahia o poema de Segundo Wanderley. E naquela noite repetiu o feito, buscando na memória os versos e as rimas, falando da aurora boreal e de outros encantos do poeta.

A família, por dentro de casa, vaga absorta, identificando marcas que ficaram, observando na jaula os detalhes de tudo, dos livros e dos móveis. Livros colecionados segundo a temática, alguns, ou dispersos inteiramente, como cabe, sempre, ao escritor de boa pena. O preciso lugar em que morreu – Na jaula, onde viveu! –, sentado na cadeira de balanço, depois de ter lido Josué Montello e os jornais do dia. Atualizou-se antes de morrer, na literatura nacional e nos fatos, para contar na dimensão eterna as coisas deste Brasil, o bom e o ruim

da pátria. O leito da sesta de todos os dias está vazio e o radio-receptor desligado, apagado, verdadeiramente, sem veicular mais a música do meio-dia, tocatas que embalaram o sono reparador para mais uma tarde de labor.

Resta-me o consolo dos que ficaram, da mãe que não se afastou um instante, sequer, do esposo de cinquenta anos de convivência. Há nove meses sem lazer, no batente da proximidade humana, é ela, agora – sempre ela – quem dá forças na hora do pranto. Da família toda, de Ana Carolina, em particular, caçula de minha casa, com 9 anos, apenas, a colecionar com títulos próprios tudo o que sai na imprensa, sem esquecer a forma carinhosa como era tratada: “Senhora Dona de Carol!” E da esposa, fraterna amiga, lado a lado neste percalço.

Há um vazio muito grande nos ares da jaula!

## Convívios com meu Pai

A roda do tempo – essa forma humana de marcar os dias e as noites – é implacável. Vai girando e vai girando, antecipando os segredos, as surpresas, muitas vezes, agradáveis, algumas, e desagradáveis, tantas, do porvir e pior, distanciando os convívios. Eis que se repete, agora, neste janeiro, o mês entrante do ano, a mesma manhã, cálida, embora nublada, do encantamento de meu pai. Momentos de minhas maiores perplexidades! Minutos dos horrores da perda estabelecida e irreparável!

Por mais que haja distância ou por mais que a temporalidade faça aumentar este já enorme vazio, não hei de olvidar a figura de meu pai! Guardo comigo, no sacrário das lembranças, as minhas ligações fortes na infância, os afetos e os carinhos, os afagos, também. O tratamento, de tanta proxi-midade, enfim, que me dispensava, sendo eu o primogênito da prole. Aquele menino de calças curtas e que vai se achegando, agora, ao meio século de existência, conheceu o prazer dos carrosséis e dos balanços, das burricas e dos barquinhos, levado sempre pelas mãos paternas. Como conheceu o intrincado mundo das redações dos jornais, da *Folha da Manhã*, onde pontificava o mestre Silvino Lopes, e do *Jornal do Commercio*, de cujas oficinas trazia, todas as vezes, o presente dos gráficos, o nome formatado em chumbo para servir de carimbo. Era, pois, o único aluno da sala de aula a ensaiar a assinatura com direito a carimbar em seguida.

Dos tempos da adolescência, igualmente, nos inícios das indagações existenciais e nos começos das reflexões transcendentais. Meditações conjuntas, tantas vezes, sobre amores emergentes e paixões pungentes. Recomendações ouvidas e acatadas para desencadear rupturas, vínculos desaconselhados, ligações, sobretudo, frágeis, resultantes dos impulsos, mais do que do espírito, propriamente. Outras, do mesmo jeito, nascidas dos afetos, contemplativas, até, porém, sem as perspectivas de futuro ou de solidez no porvir. Conflitos, também, sobre a criatura e o Criador, inclinações, inclusive, para abraçar o sacerdócio, inibidas por ele – as inclinações –, diante da pouca idade e do compromisso de perpetuidade, da vida inteirinha voltada para as coisas da alma. Não teria sido um virtuoso sacerdote, reconheço!

Na maturidade da vida, a relação com ares adultos. Discordância, em certas ocasiões, quanto às posições políticas ou às posturas socializantes, nunca socialistas. Mas, antes de tudo, o fervor em reconhecer os poucos méritos do filho, nos telefonemas após ter lido o artigo ou ter encontrado a crônica. “Gostaria de escrever como você”, dizia, lisonjeando o primogênito, neófito sempre na arte. O abraço amigo quando sabia da vitória, do ganho profissional, da ascensão na carreira, do crescimento sendo materializado, mais e mais. “Você é um vitorioso”, me disse certa vez, ao saber de minha eleição para cargo importante na Universidade. E na hora do desalento, o ombro para chorar as mágoas e contar as dores. Era com ele que combinava determinadas ações mais fortes, reações necessárias no dia-a-dia conturbado da vida. Tudo isso faz falta, esse apoio de todas as horas, essa presença, esse convívio! Às vezes, ocorre-me, ainda, dois anos, já, depois de seu encantamento, ter o ímpeto de discar o seu número de telefone e contar as últimas. O velho amigo que encontrei ou um fato auspicioso. Nada mais é possível, infelizmente, desde aquele 23 de janeiro!

E assim é a vida! A roda do tempo vai girando, vai girando e distanciando os convívios!

## Barão de Guaporé

Todos os anos, agora, quando janeiro vai findando e as férias se acabando, volta ao pensamento a imagem de meu pai – Nilo Pereira –, de seus últimos dias, de suas despedidas, enfim! Este ano, porém, quinto aniversário daquele encantamento paterno, já, a 23 do mês, ocorre-me lembrar de outras coisas, menos dos sofrimentos e mais dos bons convívios, dos momentos salutareis, das conversas e dos casos, dos personagens, até, e dos enredos das histórias! Nilo era, sobretudo, um contador de histórias, bastava um mote, que fosse, para imediatamente buscar nas raízes da memória, um fato ou um ato, contanto que ilustrasse a hora e a convivência. Meu pai conheceu muitos, do acendedor de lampiões – *Boca de Uruá* – e do molecote de rua – *Manoel Batata* –, ao Presidente da República – João Café Filho e outros. Falava sobre todos, sem esquecer da *Nega Maluca* dos carnavais potiguares, mulher que mesclava o medo à sedução, certamente.

De *Boca de Uruá*, que às seis da noite, todos os dias, acendia, com a sua tocha incandescente, os lampiões todos do Ceará-Mirim, contava a reação quando da chegada da luz elétrica. Ora, a população toda esperou o instante mágico e viveu a perplexidade do avanço, mas o homem não, reagiu de forma diferente. Vendo o clarão todo, disse, simplesmente: “Ah! É isso! Pensei que fosse coisa melhor!” Desdenhou da técnica, porque o adiantamento traz sempre a dor da perda, como sendo um contraponto necessário ao crescimento e ao desenvolvimento. No caso em particular, trouxe o desemprego do acendedor de lampiões. Já *Manoel Batata* era um artífice no trabalho com o flandree juntamente com Nilo montava os caminhões de brinquedo do lúdico de suas infâncias. Carregavam de areia esses veículos minúsculos e trafegavam nos caminhos do terreiro, que são as estradas do imaginário, tantas vezes. Tinham ferramentas apropriadas, inclusive, para o corte do vidro com que faziam os faróis, razão para a beleza das peças e o orgulho que carregava dessa metalúrgica mirim!

A *Nega Maluca* reinava, somente, no chamado tríduo momesco e fazia a meninada correr, cantando: “Eu plantei Maxixe/Nasceu Quiabo/ Menina Pequenininha/Do Cabelo Arrepiado ...” Dentre as lições todas dos tempos de criança, aprendi essa toada, das antigas ruas de

meu pai, de seus folguedos e de suas carreiras amedrontadas, mas lúdicas. De João Café Filho, finalmente, contava muitas, mas tinha particular predileção pela visita que fizera ao contrerrâneo preso, na Fortaleza dos Reis Magos, em Natal. Nilo foi dos poucos amigos que por lá estiveram, levando conforto ao ilustre filho da terra, detido assim, após um movimento revolucionário. Contava isso com a satisfação dos homens fiéis, daqueles que ignoram a situação da hora, que desconsideram o risco e sobretudo desprezam a perda do poder e da riqueza. Café, na verdade, fora pobre, sempre, investido ou não do cargo que exerceu. Mas, especialmente, repetia o fato e o feito para mostrar aos filhos a importância da amizade e da fidelidade, da proximidade, enfim, com os deserdados pelos direitos fundamentais da cidadania! Assim, sustentou as amizades todas, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza!

Grande ligação, porém, teve com Luís da Câmara Cascudo, o *Cascudão*, pai de outro enorme, também, o *Cascudinho*, desterrado, da mesma forma, como Nilo, aqui no Recife. O mestre Cascudo tratava Nilo por *Barão do Guaporé*, uma alusão à casa-grande do engenho em que passara parte da infância, fazendo questão de grafar, nos envelopes da correspondência, o título imaginário. Um belo dia, o carteiro me indagou: “O seu pai é barão?” Não houve como explicar o contrário ou justificar detalhes da vinculação potiguar, rebuscando as origens. A saudação dos dois, nos encontros em Natal, era interessante, pois que repetitivamente verbalizavam no ouvido, um do outro: “Bó, Bó, Bó...” Cinco, seis, oito, dez vezes! O nosso Marcos Vilaça, figura que de Limoeiro tomou as asas do mundo, adotou a forma peculiar de saudar e se dirigia a Nilo Pereira assim, como o *Cascudão*! Dia desses me emocionei, confesso, quando o *Cascudinho* cumprimentou-me dessa forma, com o “Bó” dos encontros paternos, em número suficientemente capaz de resgatar vínculos de amizade e admiração.

Certa vez, no entanto, Nilo estava em Natal e engraxava os sapatos numa rua da cidade, não sendo ali muito bem tratado pelo homem da graxa e da escova. Eis que passa um transeunte qualquer e confunde meu pai com um militar, fazendo, então, ruidosa saudação ao general de ocasião. Ora, o tratamento mudou e ao final, na hora do pagamento, ouviu daquele artífice do brilho o seguinte: “General não paga!” E não houve jeito! Mesmo se desvinculando da patente e dos



galões, terminou sem despende o metal, que é vil, sempre! Pior quando desceu de um carro, durante uma crise brutal de labirintite, percebendo o comentário: “Um homem desse! Velho já! Bêbado a essa hora!” Meu pai tinha horror a álcool e nunca passou da sangria aos domingos, mas absorveu a crítica, renegando a idade e o tempo, mas sobretudo renegando o trato alheio!

E hoje, o *Barão do Guaporé* trafega nas brumas do tempo, contando histórias nas nuvens, que são paradas obrigatórias no infinito das coisas. Lugar de se fiar conversa na eternidade da vida. Nilo, que se encantou na emergência de muitos avanços, se atualiza, então, com a modernidade e de longe olha o fax e observa a internet, sem compreender bem o que é o telefone celular. Descobre, afinal, que perdeu, por pouco, o computador, substituindo a máquina de escrever e servindo para tudo e a todos!